



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
Faculdade de Medicina Veterinária

PROBLEMAS COMPORTAMENTAIS NOS ANIMAIS DE COMPANHIA

HELENA ISABEL CARVALHO DAS DORES MOREIRA

CONSTITUIÇÃO DO JÚRI

Doutora Ilda Maria Neto Gomes Rosa

Doutor José Paulo Pacheco Sales Luís

Doutora Maria Isabel Ferreira Neto Cunha Fonseca

Dr. Nuno Alberto Palma Pinheiro da Silva

ORIENTADOR

Dr. Nuno Alberto Palma Pinheiro da Silva

CO-ORIENTADOR

Doutor José Paulo Pacheco Sales Luís

ANO 2011

LISBOA



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
Faculdade de Medicina Veterinária

PROBLEMAS COMPORTAMENTAIS NOS ANIMAIS DE COMPANHIA

HELENA ISABEL CARVALHO DAS DORES MOREIRA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

CONSTITUIÇÃO DO JÚRI

Doutora Ilda Maria Neto Gomes Rosa

Doutor José Paulo Pacheco Sales Luís

Doutora Maria Isabel Ferreira Neto Cunha Fonseca

Dr. Nuno Alberto Palma Pinheiro da Silva

ORIENTADOR

Dr. Nuno Alberto Palma Pinheiro da Silva

CO-ORIENTADOR

Doutor José Paulo Pacheco Sales Luís

ANO 2011

LISBOA

AGRADECIMENTOS

O meu muito obrigada

ao Dr. Nuno Palma Pinheiro da Silva, por me ter recebido na sua clínica, ainda estudante do 3º ano, e por me ter acompanhado até hoje, aceitando orientar o meu estágio final;

ao Professor Doutor José Paulo Sales Luís, como co-orientador de estágio e como professor, pelos valiosos ensinamentos e conselhos que soube transmitir, bem como pela sua constante disponibilidade, apoio e compreensão, no decurso da realização desta dissertação;

a todos os elementos que constituem a equipa da Clínica Veterinária de Mafra, sem exceção, incluindo a Dra. Paula Madureira e a Dra. Denise Loureiro, pela sua disponibilidade e interesse em partilhar comigo, de forma incondicional, a sua experiência profissional e a sua dedicação aos animais;

à Doutora Ilda Rosa e à Doutora Maria Isabel Fonseca, cujas sugestões e conselhos se revelaram fundamentais para o melhoramento desta dissertação;

a todos os que contribuíram com a sua resposta ao inquérito distribuído, bem como aos que ajudaram a divulgá-lo, possibilitando a realização da componente prática desta dissertação;

à minha família, e em particular ao Pedro, cujo apoio e colaboração tornaram possível ultrapassar inúmeras dificuldades;

à Sofia, à Josefa e à Carina, companheiras insubstituíveis, por terem sorrido comigo nos bons momentos e por me terem amparado e incentivado nos momentos menos bons;

finalmente, e muito especialmente, à Teresa, a quem devo o início desta viagem e a quem dedico o seu final, por me ter encorajado a ir mais longe, sem nunca me perder de vista.

PROBLEMAS COMPORTAMENTAIS NOS ANIMAIS DE COMPANHIA

Resumo: Embora seja um dos mais pequenos e recentes grupos de especialidade, o comportamento animal constitui uma área de extrema importância na medicina veterinária, permitindo identificar e afastar problemas médicos subjacentes a um quadro de alterações comportamentais, assim como divulgar conselhos baseados na ciência e na investigação, auxiliando os proprietários a compreender e a modificar os problemas comportamentais observados nos seus animais de companhia.

De acordo com a bibliografia consultada, os sinais mais frequentemente observados pelos proprietários são a eliminação inapropriada, a agressividade, a ansiedade e os problemas dermatológicos, estando disponível uma grande variedade de possibilidades de tratamento, nomeadamente no que diz respeito à modificação comportamental e ao manejo ambiental. O presente estudo teve como objectivo compreender quais as alterações comportamentais mais frequentemente identificadas pelos proprietários em Portugal, e a sua relação com as características dos animais, dos proprietários e do ambiente em que se inserem. Tentou-se ainda conhecer a forma como se recorre aos diferentes meios de tratamento possíveis, e as condições em que se opta pela eutanásia num caso de agressividade. Para tal foi distribuído um questionário, tendo sido recebidas respostas relativas a 197 animais, 120 cães e 77 gatos, oriundos, essencialmente, da região da grande Lisboa. Os medos, particularmente nos gatos, constituem o problema comportamental que mais se destaca, seguido da agressividade para com animais desconhecidos, situação que se revelou mais comum em cães. A ansiedade e a agitação constituem a terceira alteração comportamental mais referida pelos proprietários, sendo caracterizada por originar a exibição de outros comportamentos indesejados, como o comportamento destrutivo, a auto-mutilação, a vocalização excessiva e a eliminação inapropriada, observando-se ainda, especialmente nos gatos, o picacismo. Apenas um pequeno número dos animais que revelaram algum problema comportamental recebeu tratamento. Nos cães, o procedimento mais utilizado é a modificação comportamental, essencialmente através de aulas de obediência e treino, embora também se recorra ao tratamento farmacológico quase com a mesma frequência. Nos gatos, após o recurso aos fármacos, o manejo ambiental surge como o procedimento mais utilizado e associado a outras formas de tratamento, apesar de se verificar que as técnicas descritas pelos proprietários são muito limitadas quando comparadas com a diversidade de possibilidades existentes. Os proprietários da maioria dos animais incluídos neste estudo, afirma que não recorreria à eutanásia em nenhum caso de agressividade ou que, pelo menos, tentaria alguma forma de tratamento.

Palavras-chave: comportamento animal, eliminação inapropriada, agressividade, ansiedade, medo, comportamento auto-dirigido.

BEHAVIOUR PROBLEMS IN SMALL ANIMALS

Abstract: Although being one of the smallest and most recently formed fields of speciality, animal behaviour is an extremely important area in veterinary medicine. It not only allows the identification and treatment of underlying medical problems but it also provides advice and science based information to the owners in order to help them understand and manage their pets behaviour problems.

According to the researched bibliography, the most common signs of behaviour problems are house-soiling, aggression, anxiety and dermatologic disorders, and there is a wide range of treatments available, especially regarding behaviour modification and environmental enrichment. The purpose of this study is to acknowledge which are the most common behaviour problems indentified by animal owners in Portugal, and understand their connection with the animal's features, as well as with its owner's and the surrounding environment's characteristics. This investigation is also focused on learning how the owners resort to the available treatment possibilities and in which conditions they would choose euthanasia in an aggression case. In order to achieve that purpose, a questionnaire was distributed, having been received 197 replies, 120 concerning dogs and 77 concerning cats, the majority being from the Lisbon area. Fears, especially in cats, are the most frequently observed signs of behaviour problems, followed by aggression towards unfamiliar animals, which is mainly observed in dogs. Anxiety was the third most reported sign, being known to cause other behaviour problems such as destructive behaviour, self-directed behaviour, excessive vocalization, house-soiling, and also pica, especially in cats. Only a small number of the animals that showed some kind of behaviour problems actually received treatment. Within the group of dogs, behaviour modification was the most common form of therapy, usually applied through obedience classes, followed closely by pharmacological therapy. In cats, after drug therapy, the environmental enrichment is the form of treatment that is most commonly used and combined with other therapies, although it became clear that the options used by the owners in this study were very limited comparatively to the wide range of techniques available. It was also possible to conclude that the owners of the majority of the animals in this study would not opt for euthanasia to solve cases of aggression but would seek some form of treatment instead.

Keywords: animal behaviour, house-soiling, aggression, anxiety, fear, self-directed behaviour.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	iii
Abstract.....	v
Índice geral.....	vii
Lista de gráficos.....	ix
Lista de tabelas.....	ix
Parte I – Actividades de estágio.....	1
Parte II – Revisão bibliográfica.....	5
1. Comportamento animal.....	7
2. A consulta de comportamento animal na prática clínica.....	7
2.1. Aconselhamento comportamental preventivo.....	9
2.2. Aconselhamento ao novo proprietário.....	10
2.3. Tratamento dos problemas comportamentais.....	10
3. Comportamento normal do cão.....	12
3.1. Fases do desenvolvimento.....	12
3.2. Comunicação.....	17
3.2.1. Vocalização.....	17
3.2.2. Postura.....	18
3.2.3. Saudação e comportamento lúdico.....	19
4. Comportamento normal do gato.....	19
4.1. Fases do desenvolvimento.....	19
4.2. Organização social.....	22
4.3. Comunicação.....	23
4.3.1. Expressão facial.....	23
4.3.2. Postura.....	24
4.3.3. Vocalização.....	25
4.3.4. Marcação.....	25
5. Problemas comportamentais.....	26
5.1. Causas orgânicas mais frequentes.....	26
5.2. Eliminação inapropriada.....	28
5.2.1. Canídeos.....	28
5.2.2. Felídeos.....	32
5.3. Agressividade.....	37
5.3.1. Canídeos.....	37
5.3.2. Felídeos.....	40
5.4. Ansiedade.....	44
5.4.1. Canídeos.....	44
5.4.2. Felídeos.....	46
5.5. Comportamento auto-direccionado e problemas dermatológicos.....	49
5.6. Medos e fobias.....	52
Parte III – Análise de dados.....	57
1. Objectivo.....	59
2. Material e métodos.....	59
3. Resultados.....	60
4. Discussão dos resultados.....	72
4.1. Canídeos.....	73
4.2. Felídeos.....	81
5. Conclusão.....	88
Bibliografia.....	91
Anexo 1 – Questionário.....	99
Anexo 2 – Tabelas.....	105

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição geográfica dos animais da amostra, por distrito.....	61
Gráfico 2 – Distribuição geográfica da amostra por concelhos do distrito de Lisboa.....	62
Gráfico 3 – Espécies representadas na amostra, por sexo.....	63
Gráfico 4 – Alterações comportamentais identificadas pelos proprietários de cães.....	63
Gráfico 5 – Alterações comportamentais identificadas pelos proprietários de gatos.....	65
Gráfico 6 – Alteração no ambiente social dos cães ou outro facto traumatizante.....	66
Gráfico 7 – Alteração no ambiente social dos gatos ou outro facto traumatizante.....	67
Gráfico 8 – Sinais de dependência identificados pelos proprietários de cães.....	67
Gráfico 9 – Sinais de dependência identificados pelos proprietários de gatos.....	68
Gráfico 10 – Opção pela eutanásia em animais com problemas de agressividade.....	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de animais por proprietário.....	60
Tabela 2 – Idades dos proprietários, por sexo.....	61
Tabela 3 – Idades dos animais, por espécie.....	62
Tabela 4 – Cães que apresentaram agressividade ou eliminação inapropriada.....	64
Tabela 5 – Gatos que apresentaram agressividade ou eliminação inapropriada.....	65
Tabela 6 – Características dos cães, seus proprietários e meio ambiente.....	107
Tabela 7 – Características dos gatos, seus proprietários e meio ambiente.....	109
Tabela 8 – Teste de Qui-quadrado de Pearson – Associação das variáveis com a existência de problemas em cães.....	69
Tabela 9 – Teste de Qui-quadrado de Pearson – Associação das variáveis com a existência de problemas em gatos.....	69
Tabela 10 – Tratamentos realizados em cães com problemas comportamentais.....	70
Tabela 11 – Tratamentos realizados em gatos com problemas comportamentais.....	70

PARTE I – ACTIVIDADES DE ESTÁGIO

O estágio curricular decorreu na Clínica Veterinária de Mafra, sob a orientação do Dr. Nuno Palma Pinheiro da Silva, de 23 de Agosto a 22 de Dezembro de 2010. Durante esse período foram aprofundados conhecimentos em diversas áreas, nomeadamente através do acompanhamento e assistência em consultas, respondendo às solicitações necessárias, desde a contenção ou corte de unhas, até à preparação e administração de medicação, passando pela colheita de sangue e realização de exames complementares de diagnóstico, incluindo hemogramas, bioquímicas sanguíneas e outros testes (ELISA, antibiogramas, culturas de fungos, observação microscópica, etc.), bem como a preparação de amostras para análise em laboratório externo, a realização e revelação de radiografias, e ainda a preparação e auxílio em ecografias. Foi também efectuado o acompanhamento dos cuidados de enfermagem, procedendo à remoção de suturas e à realização de tratamentos e pensos em consultas de seguimento.

No internamento, para além do controlo dos cuidados básicos dos animais internados e da preparação e administração da medicação diária, foram ainda realizadas fluidoterapia e transfusões sanguíneas, entre outras actividades inerentes a esta área.

No que diz respeito às cirurgias, foi desempenhada a função de anestesista, de circulante, de ajudante de cirurgião, e ainda de cirurgiã. Foi executada toda a preparação pré-cirúrgica (anestesia, tricotomia, assepsia e preparação do campo cirúrgico, etc.), bem como o auxílio durante as cirurgias, a realização de suturas, e o acompanhamento pós-cirúrgico dos animais até à entrega ao proprietário. Foram também realizadas diversas orquiectomias em gatos e algumas ovariectomias em gatas, sob a supervisão de um médico veterinário. Houve ainda a oportunidade de realizar intervenções na área da estomatologia, nomeadamente destarizações e extracções dentárias.

Durante o período de estágio, a clínica encontrava-se a preparar a implementação do processo de certificação de qualidade ISO 9001. Neste âmbito, dentro das várias áreas que compõem este processo, foi realizada a recolha de informação relativa a fornecedores e subcontratados, com vista a definir a metodologia de gestão de compras e de avaliação do desempenho destes agentes. Da mesma forma, na área da gestão de recursos humanos, foi também reunida a informação relativa aos colaboradores, com o objectivo de avaliar o seu desempenho e as suas necessidades de formação e, conseqüentemente, desenvolver um plano de formação e inferir sobre a eficácia das acções promovidas. Uma outra área de envolvimento foi a da gestão de equipamentos e infra-estruturas, que compreende a definição das responsabilidades e do modo de realização da manutenção e calibração dos equipamentos existentes na clínica, bem como da higienização do espaço.

A escassez de casos de problemas comportamentais apresentados à consulta e o facto de se recorrer essencialmente ao seu tratamento farmacológico, suscitou o interesse no aprofundamento do estudo desta área que, apesar de se encontrar mais avançada noutros países, se revela ainda emergente, na actualidade, em Portugal.

PARTE II – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1. O COMPORTAMENTO ANIMAL

A etologia clássica desenvolveu-se na Europa, no início do século XX, incidindo sobre a compreensão dos animais no seu ambiente natural, bem como sobre a identificação dos factores evolutivos que moldaram o seu comportamento. Os etólogos procuravam responder a quatro perguntas essenciais relativas a qualquer comportamento. Em primeiro lugar, *qual a sua causa imediata?* Ou seja, que estímulo, interno ou externo, deu origem a determinado comportamento, em determinado momento? Em segundo lugar, *qual a sua ontogenia?* De que modo, no decurso da vida do animal, o comportamento foi originado por aquela causa imediata e assumiu a forma que apresenta? Em terceiro lugar, *qual a sua função?* Em que beneficia o animal ao apresentar esse comportamento? E finalmente, *qual a sua filogenia*, a sua causa original? De que forma um determinado comportamento surgiu numa determinada espécie, cumprindo uma determinada função (Crowell-Davis, 2005)?

As actuais técnicas de estudo e compreensão do comportamento normal em determinada espécie advêm, em última instância, da área da etologia. Esta área, juntamente com a psicologia comparada, que se desenvolvia simultaneamente nos Estados Unidos, confluíram na moderna área do comportamento animal, a qual contou com outros contributos significativos, de campos tão diversos como o da neurofisiologia, da ecologia, da psicologia ou da genética e da biologia (Crowell-Davis, 2005).

Actualmente, embora seja um dos mais pequenos e recentes grupos de especialidade veterinária, o comportamento animal surge como uma área de extrema importância nesta profissão, uma vez que os problemas comportamentais levam à morte de um maior número de animais de companhia do que qualquer outra doença. Os proprietários destes animais necessitam assim de fontes de informação credíveis, que os possam auxiliar na compreensão e modificação de comportamentos problemáticos, sendo os médicos veterinários os únicos profissionais habilitados a identificar e afastar problemas médicos subjacentes, bem como a divulgar conselhos válidos, baseados na ciência e na investigação (Neilson, 2009b).

2. A CONSULTA DE COMPORTAMENTO ANIMAL NA PRÁTICA CLÍNICA

Desde o momento em que o proprietário adquire o seu animal de companhia, ou até mesmo previamente, no momento da sua escolha, o médico veterinário deverá desempenhar um papel activo no aconselhamento sobre problemas comportamentais, contrariando desta forma os mitos ou conceitos incorrectamente divulgados pela sociedade, e favorecendo a criação de um importante vínculo entre o proprietário e o seu animal (Landsberg, 2008b). A ênfase sobre a socialização, o treino, o maneio, o uso previsível e coerente de recompensas, o estabelecimento de uma rotina previsível ou o enriquecimento ambiental,

constitui uma importante forma do médico veterinário promover a consolidação dessa ligação, uma vez que a sua inexistência leva, em muitos casos, à incompreensão e, conseqüentemente, ao possível abandono do animal (Amat, Fatjó & Manteca, 2005; Landsberg, 2008b). No sentido de auxiliar e promover estas actividades, existe no mercado uma grande variedade de produtos orientados para o entretenimento individual ou em grupo, para roer, para arranhar ou ainda para o conforto e confinamento do animal. Estão também disponíveis agentes contra os odores, que permitem a manutenção da higiene dentro de casa, e feromonas, que podem auxiliar na redução da ansiedade, nomeadamente quando o animal é introduzido num novo ambiente. Existem ainda aparelhos destinados a afastar o animal de áreas onde se possa ferir ou provocar estragos em casa, bem como outros objectos dirigidos a uma contenção e treino eficazes, como açaimes, peitorais e *clickers* (Landsberg, 2008b).

Apesar de apenas uma pequena percentagem dos médicos veterinários possuir o hábito de inquirir os seus clientes acerca do comportamento do seu animal, cada visita constitui uma oportunidade de avaliar e identificar possíveis problemas, bem como de instruir o proprietário sobre os procedimentos a realizar com vista a obter os resultados desejados, uma vez que a prevenção e intervenção precoce têm uma maior probabilidade de sucesso, contrariamente à tentativa de correcção ou eliminação de um comportamento já estabelecido. É especialmente importante a avaliação dos animais idosos, no sentido de detectar doenças cujo diagnóstico se baseia em sinais comportamentais, como por exemplo a síndrome de disfunção cognitiva (Landsberg, 2008b).

Para além das informações fornecidas durante a consulta, existem diversos outros meios de divulgação que poderão ser colocados à disposição do cliente, como por exemplo, material de leitura, DVDs ou páginas da *internet*. O hospital ou clínica poderá ainda emitir os seus próprios folhetos informativos ou possuir um *website* com informação relevante e ligações para outras páginas de interesse (Landsberg, 2008b). O médico veterinário poderá ainda recomendar a frequência de classes de treino e obediência, uma vez que estas aulas proporcionam aos animais mais jovens uma possibilidade de socialização e adaptação a uma variedade de estímulos, como ruídos ou objectos em movimento, melhorando assim as suas capacidades de aprendizagem. Caso este serviço seja prestado na clínica ou hospital veterinário, estará garantido o envolvimento do médico no aconselhamento comportamental. No entanto, se tal não for possível, poderá considerar-se a realização de reuniões destinadas aos novos proprietários, com o objectivo de familiarizar os animais com a equipa médica, proporcionando simultaneamente uma oportunidade de socialização e recreação, bem como de aconselhamento dos clientes sobre centros de treino e outras matérias de interesse (Amat *et al.*, 2005; Landsberg, 2008b).

2.1. Aconselhamento comportamental preventivo

As consultas de comportamento preventivas ocorrem previamente à selecção do animal por parte do proprietário, auxiliando-o na decisão sobre qual a melhor escolha para o tipo de habitação em causa e ajudando a prepará-la para a recepção do novo morador (British Small Animal Veterinary Association [BSAVA], 2002; Landsberg, 2008b).

Num animal jovem, o melhor indicador das suas futuras características comportamentais e físicas é a sua raça ou, mais especificamente, os seus progenitores, pelo que se torna bastante defensável a aquisição através de um criador, uma vez que permite conhecer os ascendentes do animal e testar a saúde familiar (Landsberg, 2008b). A escolha de uma raça adequada a determinada pessoa deve basear-se em factores físicos, em factores familiares, no temperamento e na tendência para desenvolver problemas comportamentais (BSAVA, 2002; Landsberg, 2008b).

A obtenção de um animal jovem é vantajosa numa família que disponha não só do tempo, mas também do conhecimento necessário à sua correcta socialização, treino e desenvolvimento comportamental. Nos casos em que não seja possível ao proprietário responder às necessidades de um animal jovem, a escolha deverá recair sobre um animal adulto que tenha sido previamente sujeito a treino e socialização (Landsberg, 2008b).

É também importante a consideração e discussão das diferenças existentes entre machos e fêmeas, tanto em tamanho como em comportamento, especialmente nos casos em que não exista a intenção de castrar o animal. Nos cães castrados, verifica-se uma redução em cerca de 70 a 80% do comportamento de marcação de território, do comportamento sexual indesejado e do comportamento errante, sendo inclusivamente relatado por cerca de 25 a 40% dos proprietários o desaparecimento destes comportamentos. A agressividade também é reduzida em 30% no que diz respeito a animais ou pessoas da família, e 10 a 20% relativamente a animais ou pessoas desconhecidas. Nos gatos, a castração reduz o odor da urina e o comportamento relacionado com a vida sexual, como o vaguear, as lutas e a marcação de território, tornando os animais mais dóceis (Landsberg, 2008b).

O recurso a testes de temperamento não se demonstrou útil nos animais muito jovens, enquanto método de previsão das características comportamentais, revelando-se, no entanto, de grande importância aquando da adopção de um animal mais velho ou adulto. Ao longo do desenvolvimento do animal, existe uma variedade de testes que podem ser aplicados e que determinam a probabilidade de ocorrência de problemas relacionados com medo, ansiedade, agressividade ou dificuldades de aprendizagem, sendo de evitar os animais nervosos ou receosos (Landsberg, 2008b).

No que diz respeito à preparação da casa para a chegada do novo animal, os cuidados a ter com a cama, a alimentação, o treino, o exercício e a saúde, são alguns dos pontos a abordar com o novo proprietário (BSAVA, 2002).

2.2. Aconselhamento ao novo proprietário

A primeira visita ao veterinário representa a preparação para todas as visitas seguintes, tanto para o animal como para o seu dono, requerendo por essa razão um especial cuidado na sua condução. Todo o processo deve ser agradável para ambos, podendo ser fornecidas guloseimas ao cachorro ainda na recepção e assim que entra no consultório, especialmente no caso de um animal receoso, uma vez que a recompensa através do alimento não incentiva o medo. Deve ser reservado mais tempo para estas consultas, onde será dada especial atenção à educação do cachorro e onde se trabalhará o seu comportamento e atitude relativamente à clínica. Se existirem problemas, como agressividade ou medo, devem ser abordados com tolerância e zelo. Caso não seja possível a administração da vacina nesse dia, deve ser marcada outra consulta para esse efeito, um ou dois dias depois (Luescher, 2004).

Muitos proprietários desconhecem como proceder, ou a quem recorrer, quando os seus animais exibem comportamentos que consideram inapropriados. O comportamento de um animal é influenciado, essencialmente, por três factores: a genética, as experiências passadas e o ambiente que actualmente o rodeia. O proprietário deverá compreender que, apesar da componente genética ser geralmente inalterável, o potencial genético pode, efectivamente, ser médica ou cirurgicamente modificado, nomeadamente através da castração, que não só altera a manifestação de determinados comportamentos, como ainda evita a disseminação de problemas hereditários. Mais frequentemente, verifica-se ser possível a correcção de problemas comportamentais recorrendo a modificações, tanto no ambiente do animal, como na sua resposta a experiências passadas (BSAVA, 2002).

A utilização de uma folha de controlo, compreendendo uma listagem de todos os pontos importantes a serem abordados, garante que todas as questões relativas à saúde e comportamento do animal são discutidas com o proprietário ao longo das primeiras consultas, arquivando-se depois como parte da ficha do animal. Os tópicos respeitantes ao comportamento poderão incluir questões como o desenvolvimento e socialização, o treino da higiene, a preparação da segurança em casa, a manipulação, o roer, o morder a brincar, a forma de utilização das recompensas, a razão porque não devem ser utilizados castigos infligidos pelo dono, a higiene dos objectos do animal e os métodos de treino e exercício. Podem também ser oferecidos *kits* que incluam informação relevante, brinquedos e biscoitos, para ajudar na socialização e treino do animal (Luescher, 2004).

2.3. Tratamento dos problemas comportamentais

Dependendo da experiência e do nível de conhecimentos do médico veterinário e da sua equipa, os casos de problemas comportamentais poderão ser tratados na clínica que os

recebe ou referidos a outros médicos. O médico veterinário que oferece serviços de aconselhamento comportamental encontra-se numa posição única, que lhe permite decidir que factores médicos poderão estar a contribuir para o problema, bem como os fármacos, caso existam, que serão adequados à resolução do mesmo. Uma boa biblioteca, formação contínua, apoio de serviços on-line e uma equipa de trabalho competente, poderão ser uma excelente forma de iniciar a expansão dos serviços prestados nesta área (Landsberg, 2008b).

O primeiro passo em qualquer consulta consistirá na exclusão, ou na identificação e tratamento, de eventuais doenças que possam estar a contribuir para o problema, sendo o passo seguinte a determinação do diagnóstico comportamental, bem como das causas envolvidas. Juntamente com o exame físico e o resultado das análises laboratoriais, a informação necessária será obtida também a partir do proprietário que, para além da história comportamental do animal, poderá ainda disponibilizar um vídeo que permita analisar não só a exibição do problema, mas também o ambiente e o contexto em que ocorre. Devem recolher-se todos os detalhes relativos ao problema, nomeadamente sobre o seu início, duração, desenvolvimento e alterações concomitantes de rotina, bem como relativos à família, à casa, aos horários, ao treino, aos momentos de diversão e à forma como o animal interage com os membros da família, com pessoas estranhas e com outros animais. Em alguns casos poderá ainda ser útil o acesso a um diagrama da casa, com indicação da localização do alimento, do espaço lúdico e da cama, bem como do caixote de areia e da zona para arranhar e trepar no caso específico dos gatos. Caso o animal já tenha sido sujeito a outras tentativas de tratamento, estas devem também ser analisadas tendo em conta a resposta obtida por parte do animal (Horwitz & Landsberg, 2008). O preenchimento de um questionário por parte do proprietário, antes da consulta, constitui uma abordagem bastante útil, permitindo logo à partida uma avaliação do ambiente, interações sociais e comportamento do animal (Seksell, 2004a). As informações recolhidas serão também importantes na elaboração de um plano de tratamento específico para aquele animal e para aquela família, assim como na determinação do respectivo prognóstico. Caso existam questões de segurança envolvidas, a primeira preocupação deverá ser a da prevenção de maiores danos. Se não for possível evitá-los, o animal pode ter de ser retirado de casa (Landsberg, 2008b).

O plano de tratamento deve ser elaborado e ajustado individualmente a cada animal. O proprietário deve ser informado sobre o diagnóstico, sendo discutidos os riscos envolvidos e as limitações realistas dos objectivos a alcançar, bem como do respectivo prognóstico, que será tanto melhor quanto menor a duração do problema. Deverá ser definido um plano de manejo ambiental, evitando a exposição do animal ao estímulo ou a áreas onde o problema possa surgir. Será importante proceder à modificação comportamental, de forma a alterar a resposta do animal ao estímulo, tornando-a positiva e aceitável. Tal pode ser conseguido

através do recurso ao treino baseado em recompensas, à dessensibilização, ao contra-condicionamento ou à substituição de resposta. Os aparelhos e produtos de manejo do comportamento, mencionados anteriormente, poderão auxiliar no tratamento destes problemas. Poderão ainda ser utilizados fármacos ou produtos naturais, no âmbito de um programa comportamental mais abrangente, com vista a melhores resultados. Face ao insucesso de outras alternativas, poderá ser considerado o recurso à cirurgia, nomeadamente à castração (Landsberg, 2008b).

É essencial a educação do proprietário no sentido de garantir a compreensão da causa que leva o animal a exibir determinado comportamento e do modo como este problema pode ser abordado e gerido, ainda que não possa ser completamente eliminado. Para tal é necessário conhecer o comportamento normal da espécie, a forma como se desenvolve a sua aprendizagem e como devem ser utilizadas as recompensas, bem como os factores que podem promover ou agravar o problema, nomeadamente o recurso aos castigos (Horwitz & Landsberg, 2008). Quando se considera um programa de modificação comportamental, o envolvimento do proprietário é um requisito fundamental e deve ser discutido. Muitos proprietários estão prontamente dispostos a colaborar com alguns passos deste programa, não se mostrando, no entanto, muito cumpridores relativamente a outros, especialmente se envolverem actividades repetitivas ou que exijam perseverança (Neilson, 2009a). É ainda fundamental compreender que as consultas de seguimento são de extrema importância na determinação do sucesso do programa de tratamento, bem como na sua revisão e modificação, baseada nos resultados observados (Landsberg, 2008b).

3. COMPORTAMENTO NORMAL DO CÃO

3.1. Fases do desenvolvimento

Existem momentos na vida de um animal em que a deficiência em experiências, ou a sua completa inexistência, terá uma importante influência no seu comportamento futuro. No cão, estes períodos críticos compreendem o período neonatal, entre a primeira e a segunda semana de vida, o período de transição, à terceira semana de vida, o período de socialização, entre as quatro e as dez semanas, e o período juvenil, a partir das dez semanas e até à maturidade sexual. A socialização pode, no entanto, ocorrer em animais mais velhos, embora com um maior grau de dificuldade. Por essa razão, momentos como estes podem ser denominados como períodos sensíveis e não como períodos críticos. Os períodos sensíveis não se encontram claramente definidos, variando em cada raça de acordo com a sua velocidade de maturação (Haupt, 2005c).

Durante o período neonatal, o cachorro é incapaz de ver ou ouvir, encontrando o alimento através do tacto e do olfacto e despendendo a maioria do seu tempo a comer ou a dormir. A

micção e a defecação não ocorrem de forma espontânea, mas por estimulação da zona genital e anal, originada geralmente pela cadela quando lambe a sua cria. A locomoção realiza-se por recurso aos membros anteriores, que efectuam a tracção nos membros posteriores. Durante este período encontram-se presentes vários reflexos que se irão perdendo gradualmente, à medida que o sistema nervoso central se desenvolve, sendo possível, através da sua presença ou ausência, determinar a idade de um cachorro normal ou avaliar a existência de problemas de desenvolvimento num animal de idade conhecida. Assim, nos primeiros três dias de vida, observa-se dominância flexora, ou seja, quando segurado pelo pescoço, o neonato irá flectir os membros posteriores. Após os três dias e até à quarta semana de vida, existe dominância extensora, apresentando o animal, naquela mesma posição, os membros posteriores estendidos. Decorrido este período, a normotonia surgirá gradualmente. O reflexo magno está presente durante as duas semanas do período neonatal e é demonstrado efectuando a rotação da cabeça do cachorro para um lado, verificando-se a extensão dos membros torácico e pélvico desse mesmo lado e a flexão dos membros do lado oposto. O reflexo de extensão cruzada também está presente durante as duas primeiras semanas de vida e é avaliado aplicando um estímulo doloroso num espaço interdigital de um membro posterior, observando-se a flexão desse membro e a extensão do membro do lado contrário. O reflexo de enraizamento pode ser demonstrado num cachorro com alguns dias de vida e consiste em colocar uma mão em concha e verificar que o animal empurra o focinho e movimenta-se na direcção da mão (Haupt, 2005c).

Durante o período de transição, o cachorro é confrontado com uma maior variedade de estímulos, à medida que os seus órgãos dos sentidos se desenvolvem. Embora os olhos abram entre os dez e os dezasseis dias de vida, não se encontram ainda aptos a seguir estímulos e mantêm uma fraca acuidade visual. Com o melhoramento da visão, o animal deixa de balançar a cabeça durante a locomoção. Também os ouvidos abrem, entre os catorze e os dezoito dias de vida, observando-se uma resposta a estímulos auditivos. Aos dezasseis dias, já se verifica a localização de sons. A micção e a defecação ocorrem agora espontaneamente, continuando a cadela a ingerir as excreções durante algumas semanas. O cachorro começa a abandonar o ninho e a utilizar o mesmo local que a mãe para as suas necessidades, sendo esta a altura ideal para o treino desta capacidade, mesmo antes de começar a sair à rua. Entre os doze e os catorze dias de vida, o cachorro consegue suportar o seu peso nos quatro membros, mas será apenas aos vinte e oito dias que se observará o movimento normal de sentar e levantar de um adulto. Também durante o período de transição surgirão os primeiros dentes e os animais morderão uns nos outros, brincando desajeitadamente e rosnando (Haupt, 2005c).

Numa perspectiva comportamental, a socialização é o período mais importante do desenvolvimento do cão, onde este irá aprender tudo sobre o ambiente que o rodeia, sobre os seus irmãos, sobre a sua mãe e sobre as pessoas. É nesta idade que as brincadeiras se

iniciam e são mais frequentes, que se estabelece a hierarquia, e que surge um forte comportamento de evasão, observando-se, às oito semanas, reacções de medo (Haupt, 2005c). Este período de medo prolonga-se até às dez ou doze semanas. O convívio com outros cães e pessoas deve ser iniciado nesta fase, às quatro e às seis semanas de idade, respectivamente, devendo também ser iniciada a inibição do hábito de morder, podendo ainda começar a utilizar-se determinadas palavras de comando, especialmente “larga” ou “deixa” (Luescher, 2004).

É durante este período que o cachorro é introduzido na nova família e visita o veterinário pela primeira vez, constituindo esta, frequentemente, a primeira oportunidade que o médico tem para intervir na área comportamental, através do aconselhamento ao novo proprietário e das aulas para cachorros (Luescher, 2004). Estas aulas podem iniciar-se dez dias após o início do programa de vacinação e incluem períodos de brincadeira e socialização com outros cães, crianças e adultos, sendo utilizados métodos de treino baseados na recompensa positiva. É importante que o cachorro aprenda a ser manipulado tanto por adultos como por crianças, como ainda pelo médico veterinário (Amat *et al.*, 2005; Luescher, 2004). Durante estas aulas é também promovida a dessensibilização do animal a texturas, sons e imagens, que irá provavelmente encontrar na sua vida futura. Comandos básicos, como “senta”, “deita”, “aqui”, “fica”, bem como o treino da higiene ou do passeio com trela, devem ser abordados. Para além do treino e socialização do cachorro, estas aulas têm ainda o objectivo de auxiliar os donos na resolução dos problemas que encontram em casa, consequentes do comportamento do animal. Nunca são aplicados castigos físicos ou usadas coleiras estranguladoras durante estas aulas, sendo desenvolvida uma atmosfera de divertimento e bem estar, tanto para o cachorro como para a família que o acompanha (Luescher, 2004).

Um cachorro que seja desmamado e privado da companhia de outros cães antes do período de socialização, irá tornar-se num adulto difícil de controlar, uma vez que se apresentará demasiado receoso ou, menos frequentemente, demasiado agressivo na presença de outros cães (Amat *et al.*, 2005; Haupt, 2005c). Nestes casos, o animal encontra-se excessivamente dependente das pessoas, não sendo capaz de brincar ou de se relacionar com os outros cães. Este comportamento compromete também a sua reprodução, uma vez que os machos dirigem a sua atenção sexual para as pessoas. A importância do contacto social dos cachorros nesta fase pode ser demonstrada pela reacção emocional que se observa ao serem separados da ninhada. As vocalizações manifestadas por um animal de seis semanas são mais frequentes e intensas que as de um animal mais novo ou mais velho. Curiosamente, o contacto humano mostrou-se mais eficaz que o contacto canino no alívio da angústia consequente deste género de separação, em cachorros com quatro a oito semanas de vida (Haupt, 2005c).

A socialização com as pessoas é igualmente importante, não sendo provável que se tornem bons animais de companhia os cães que tenham tido pouco contacto humano nas primeiras catorze semanas de vida, facto que poderá ocorrer nos casos em que os cães são criados em canis. Estes animais estarão bem socializados com os outros cães mas, dependendo do seu passado genético, poderão mostrar-se excessivamente tímidos ou muito difíceis de dominar, incapazes sequer de estabelecer contacto mediante o uso de uma recompensa, o que torna muito difícil o seu treino (Amat *et al.*, 2005; Houpt, 2005c). O comportamento de um cão não depende apenas da presença ou ausência de contacto humano durante o seu desenvolvimento, mas também da qualidade dessa convivência. Está demonstrado, em diversas espécies, que a manipulação precoce pode influenciar a emotividade futura, não sendo os cães uma excepção. Sujeitaram-se diversos cães a variados estímulos, como a exposição ao frio, a estimulação vestibular, a exposição a luzes intermitentes e a estimulação auditiva, desde o nascimento até às cinco semanas de idade. Verificou-se que os cachorros que sofreram estimulação diferiam dos controlos em vários parâmetros psicológicos e comportamentais: maturação cerebral precoce, glândulas adrenais mais desenvolvidas e uma emotividade mais reduzida, o que melhora a capacidade para resolver problemas em novas situações. Quando em competição, os animais estimulados também se apresentaram como dominantes relativamente aos não estimulados. Apesar da estimulação precoce acelerar o desenvolvimento, alguns dos seus efeitos não são permanentes e os animais não estimulados acabam, eventualmente, por alcançar os demais (Houpt, 2005c).

Um cachorro que seja completamente isolado entre a terceira e a vigésima semana de vida, ficará marcadamente perturbado e com a sua capacidade de aprendizagem comprometida. Não possuindo qualquer socialização, nem com humanos, nem com cães, a resposta do animal a ambas as espécies será o medo, podendo ainda, dependendo da raça, mostrar-se hiperactivo e difícil de educar. O isolamento parcial, entre as três e as dezasseis semanas, terá diferentes consequências em diferentes raças. Os Beagles, por exemplo, tornam-se menos activos, ao contrário do que sucede com os Terriers (Houpt, 2005c).

O completo isolamento raramente, ou nunca, é imposto a um cachorro, excepto nos casos em que existam objectivos experimentais. Existem, no entanto, animais que usufruem apenas de contactos exclusivos com pessoas, com cães ou com gatos. Cães criados com gatos preferem a companhia destes aos da sua espécie e não reconhecem a sua imagem no espelho. Por outro lado, os cachorros criados por humanos desde o nascimento ou desmamados antes das três semanas e meia de vida, aproximam-se-ão mais rapidamente das pessoas do que os cachorros desmamados às oito semanas, com escasso contacto humano prévio (Houpt, 2005c).

Para além da privação de contacto social, também a privação de alimento no início da vida pode influenciar o comportamento futuro do cão. Nestes casos, o animal mostra uma maior

relação de dependência com a pessoa que lida com ele durante o período de privação e, mais tarde, apresentará uma maior taxa de ingestão de alimento (Haupt, 2005c).

Incluído no período de socialização, encontra-se o período do medo. Compreendido entre as oito e as dez semanas de vida, constitui uma altura em que o animal se encontra particularmente impressionável e susceptível às más experiências. Um acontecimento traumático, ocorrido nesta fase, poderá transformar o cachorro num cão tímido e nervoso. Este problema deverá ser levado em consideração, por exemplo, aquando do transporte do cachorro, ou nas primeiras visitas ao veterinário, momentos em que o animal deve ser manipulado com extremo cuidado. Intervenções comportamentais incorrectas, como gritar com o animal, castigá-lo ou forçá-lo a assumir uma posição de submissão, podem causar danos graves e permanentes, ao ponto de poder vir a ser considerada a eutanásia (Luescher, 2004).

Durante o período juvenil, após as dez semanas de vida e até à puberdade, verifica-se um rápido desenvolvimento físico e uma crescente independência. Embora, tradicionalmente, as aulas de obediência se iniciem nesta fase, esta é uma idade especialmente difícil para o treino de um cão jovem, sendo por essa razão vantajosa a frequência prévia das aulas para cachorros (Luescher, 2004).

Alguns autores descrevem a existência de um segundo período de medo, entre os quatro e os doze meses, com a duração de cerca de três semanas. Nesta fase, muito cães demonstram medo, recuperando, no entanto, espontaneamente. Da mesma forma que no primeiro período de medo, as experiências adversas poderão causar efeitos graves e permanentes no cão, sendo importante tratá-lo com paciência e não recorrendo ao castigo. As situações críticas devem ser abordadas através de vários processos, como o de dessensibilização, introduzindo gradualmente estímulos e recompensando o animal quando se mantém calmo, o de contra-condicionamento, pela associação de uma situação anteriormente considerada adversa a algo agradável, e o de substituição de resposta, recompensando o cão por adoptar um comportamento alternativo (Luescher, 2004).

Após a maturidade sexual, ainda pode ser considerado o período da adolescência, que se estende até à maturidade social (Luescher, 2004). Quando comparados com os lobos, os cães nunca chegam a ser socialmente maduros, atingindo no entanto diferentes graus de maturidade, dependendo da raça (Lindsay, 2000; Luescher, 2004).

É recomendada a marcação de uma consulta de comportamento entre os oito e os dez meses, uma vez que muitos problemas surgem nesta idade. Será uma oportunidade para abordar os problemas com que o proprietário se tenha confrontado, para rever o manuseio e o exercício do animal, e para avaliar o treino realizado até à data e a interacção dono-animal, efectuando as respectivas correcções, se necessário. Se o proprietário perceber a existência de um problema, deve ser-lhe pedido que realize um filme do mesmo, de forma a ser analisado na consulta (Luescher, 2004).

3.2. Comunicação

Uma comunicação eficaz é essencial para a formação e manutenção de relações sociais estáveis (BSAVA, 2002). As orelhas, a cauda e a posição do pêlo são elementos importantes na comunicação visual entre cães. No entanto, esta comunicação tende a falhar quando consideramos raças que têm sofrido modificações, tanto genética como cirurgicamente. Cães com orelhas pendentes, como alguns cães de caça, conseguem apenas sugerir estados de alerta ou de medo. Da mesma forma, torna-se difícil detectar a erecção do pêlo em animais de pelagem comprida. O pêlo impede também os cães de muitas raças de observarem os sinais transmitidos por outros animais, sendo que, o simples corte da porção que dificulta a visão do cão, pode melhorar o seu temperamento. Outras raças sofreram ainda a amputação da cauda, o que deixou de permitir a interpretação dos seus movimentos. Por essa razão, estes animais aprenderam a sacudir toda região traseira do seu corpo, possibilitando assim a expressão, se não do medo, pelo menos da satisfação (Haupt, 2005a).

Para além da função evidente de transmitir uma mensagem, o comportamento social expressivo, compreendendo as expressões faciais, os movimentos corporais, a vocalização e o toque, exerce ainda um importante efeito modulador sobre os sentimentos e o estado de espírito do receptor (Lindsay, 2000).

3.2.1. Vocalização

O ladrar, o ganir, o uivar e o rosnar são as vocalizações mais comumente observadas no cão (BSAVA, 2002; Haupt, 2005a). O ladrar corresponde a um comportamento territorial e é utilizado com o objectivo de proteger uma determinada área e de demarcar os seus limites, sendo por esta razão raramente observado nos cães vadios, cujos locais de repouso são geralmente temporários (Haupt, 2005a). Podem ser reconhecidos diversos tipos de latidos, identificando-se diferenças entre aquele que ocorre quando o animal pede para entrar em casa e aquele que é dirigido a intrusos humanos ou aquele que é dirigido a outros cães (BSAVA, 2002; Haupt, 2005a). O ladrar é um comportamento seleccionado no cão doméstico, sendo procurado pelas pessoas com o objectivo de serem alertadas contra a aproximação de intrusos. No entanto, existe uma maior probabilidade de um cão ladrar em resposta a outro cão, do que à passagem de uma pessoa, podendo esta atitude tornar-se num transtorno para os proprietários, sobretudo em grandes meios urbanos. Este comportamento constitui também um problema quando os animais se encontram em canis ou em jaulas, nomeadamente em clínicas veterinárias (Haupt, 2005a).

O ganir, por sua vez, está relacionado com a necessidade de atenção. É utilizado inicialmente pelo cachorro, como forma de comunicação com a mãe, que lhe proporciona

calor e alimento. O cão adulto recorre a esta vocalização quando procura o alívio da dor ou quando se encontra numa situação de alguma frustração, como no caso em que deseja sair para a rua ou alcançar uma presa escondida (Haupt, 2005a).

O uivar é uma forma de comunicação que ainda não foi completamente decifrada e que ocorre mais frequentemente em canídeos selvagens e em algumas raças de cães domésticos, como por exemplo os Huskies, os Malamutes ou, em menor extensão, os cães de caça (Haupt, 2005a).

No que diz respeito ao rosnar, trata-se de uma vocalização que traduz agressividade ou uma tentativa de afastamento de outros animais ou pessoas (Haupt, 2005a). Alguns proprietários poderão encorajar este comportamento, por sentirem que estão a ser protegidos. No entanto, ao rosnar, o cão está geralmente a proteger-se a si mesmo ou àquilo que considera ser seu (Davis, 2006).

3.2.2. Postura

O estado emocional de um cão pode ser determinado através da observação das orelhas, da boca, da expressão facial, da cauda, do pêlo na região do garrote e da garupa, bem como da sua postura corporal global. Quando o cão se encontra calmo, as suas orelhas e cauda encontram-se pendentes, elevando-se à medida que o animal fica alerta, podendo ainda apontar com um dos membros anteriores (Haupt, 2005a). Ao tornar-se mais agressivo, o pêlo do garrote e da garupa eleva-se, os lábios são puxados para trás e as orelhas mantêm-se voltadas para a frente, podendo a cauda movimentar-se devagar. O aumento da agressividade leva a uma maior retracção dos lábios, expondo os dentes e rosnando, enquanto o corpo se mantém direito. À medida que o cão se encontra mais assustado, as orelhas voltam-se para trás, até encostarem à cabeça, e a cauda desce, colocando-se entre os membros posteriores (BSAVA, 2002; Haupt, 2005a).

A postura de um cão com medo e disposto a morder, que frequentemente se encontra numa consulta, corresponde à do cão assustado, com as orelhas e cauda descidas e o corpo inclinado na direcção contrária à ameaça. Observa-se também a erecção do pêlo do garrote e a retracção dos lábios, rosnando e exibindo os dentes caninos e molares. A elevação do lábio constitui muitas vezes a única indicação de uma eminente agressão defensiva, pelo que deve estar-se sempre atento a este sinal ao abordar um cão. Se tiver oportunidade, um animal nestas condições, tentará fugir. No entanto, se sofrer uma aproximação para além daquela distância que considera crítica, ele atacará (Haupt, 2005a).

A situação mais frequente, apesar de tudo, é aquela em que o medo não está combinado com a agressividade, onde o cão se apresenta abaixado, com a cauda entre os membros e as orelhas encostadas à cabeça. Se o animal for excessivamente submisso, deitar-se-á de lado, levantando o membro posterior e expondo a região inguinal, podendo ainda realizar

movimentos demonstrativos da intenção de lambar e até mesmo urinar (Houpt, 2005a; Lindsay, 2000). Este comportamento representa, presumivelmente, um retorno aos hábitos de cachorro, que permitiam desta forma que a mãe, animal dominante, o lambesse e cuidasse da sua higiene. Durante uma abordagem a um animal submisso, este curva o seu corpo, enquanto que um animal dominante caminha direito, com a cauda e as orelhas erectas. Este endurecimento da postura pode ser utilizado como forma de prever quando uma saudação inicialmente amigável está prestes a transformar-se num ataque (Houpt, 2005a).

3.2.3. Saudação e comportamento lúdico

A saudação e o comportamento lúdico são exemplos típicos de expressões sociais de afecto ou de filiação social (Lindsay, 2000).

O cão cumprimenta o seu dono da mesma forma que o fazia com a sua mãe, lambendo o rosto (BSAVA, 2002; Houpt, 2005a). Originalmente, este comportamento tinha como finalidade obter alimento regurgitado pela mãe, acto muito frequente entre os canídeos selvagens, embora nem todos os cães domésticos o pratiquem. Contudo, o comportamento de súplica é exibido por cachorros domésticos, mantendo-se nos cães adultos que, não lhes sendo permitido fazê-lo com os donos, por uma questão de educação ou, simplesmente, de altura, realizarão movimentos representativos da intenção de lambar (Houpt, 2005a).

Na comunicação entre cães, existe a necessidade de exibir sinais indicativos do início de uma actividade lúdica, para que não haja o risco do animal receptor confundir este comportamento com uma agressão ou com actividade sexual, emitindo uma resposta inadequada. Por esta razão, quando tem a intenção de brincar, o cão adopta a posição de vénia, baixando a parte anterior do corpo, elevando a garupa e agitando rapidamente a cauda. Frequentemente, utiliza também uma pata para acenar ou para esfregar o seu próprio focinho (Houpt, 2005a).

4. COMPORTAMENTO NORMAL DO GATO

4.1. Fases do desenvolvimento

O estudo clássico do comportamento do gato doméstico reconheceu cinco períodos no desenvolvimento deste animal: o período neonatal, o período de transição, o período de socialização, o período juvenil e o período adulto. Actualmente, considera-se que o período pré-natal tem também um efeito significativo no comportamento do gato (Seksel, 2004c).

O período pré-natal decorre desde a concepção até ao nascimento. A investigação desenvolvida nesta área tem demonstrado que as gatas que sofreram de subnutrição

durante a gestação, tendem a despende menos tempo a cuidar das crias (Seksel, 2004c). Para além disso, os machos nascidos destas gatas exibem mais comportamentos agressivos e tanto os machos como as fêmeas apresentam algumas deficiências motoras. No entanto, uma vez que estas gatas tendem a portar-se de uma forma mais agressiva para com a sua descendência, pensa-se que exista também uma componente de aprendizagem conducente ao comportamento demonstrado pelos gatinhos, sendo este efeito observado em gerações posteriores, que não sofreram de má nutrição (BSAVA, 2002; Seksel, 2004c). Por outro lado, existem estudos que indicam que o temperamento e personalidade do gato progenitor têm também uma grande influência na determinação do temperamento do gatinho, no que concerne à sua ousadia e timidez nas relações com as pessoas. Os gatos amigáveis, destemidos e confiantes, geram gatinhos com uma maior tendência para abordarem e investigarem pessoas e objectos que lhe são estranhos. No entanto, se a gata possuir um temperamento sociável e amigável, ela também poderá transmitir este exemplo às suas crias, para além de que, a simples presença da mãe, facilitará a socialização dos gatinhos (Seksel, 2004c).

O período neonatal inicia-se ao nascimento e prolonga-se até cerca das duas semanas de vida, sendo o gatinho totalmente dependente da mãe para sobreviver. Nesta fase, a alimentação e o sono são as actividades mais significativas e o animal despende em média, na primeira semana de vida, cerca de quatro horas por dia a alimentar-se (Landsberg, Hunthausen & Ackermen, 2003; Seksel, 2004c). Também a micção e a defecação estão dependentes da estimulação perineal. Uma vez que nasce neurologicamente imaturo, os seus movimentos são limitados, o que também tem como causa o facto dos membros posteriores não serem suficientemente fortes para suportar o peso do seu corpo, senão às duas semanas de vida. No entanto, se for colocado em decúbito dorsal, o gatinho possui a capacidade de se endireitar, habilidade que se desenvolve dez dias antes do nascimento. Ao contrário do que acontece com o cachorro, o gatinho continua a exibir dominância flexora até à adolescência (Seksel, 2004c).

Ao nascimento, os olhos ainda se encontram fechados, a audição é fraca e o animal não é capaz de regular a sua temperatura corporal, confiando apenas no seu olfacto, tacto e capacidade para detectar o calor, como meios para superar estas deficiências (Landsberg *et al.*, 2003; Seksel, 2004c). As almofadas plantares são muito sensíveis ao toque e à vibração, mas não à temperatura, sendo esta detectada com precisão apenas pelo nariz e pelo lábio superior, conferindo ao gatinho com um dia de idade a capacidade de se mover em direcção a uma zona quente. No entanto, muitos reflexos visuais como, por exemplo, o piscar dos olhos, estão presentes antes do nascimento (Seksel, 2004c). Geralmente, os olhos abrem entre o sétimo e o décimo dia de vida, mas tal pode ocorrer a partir do segundo e até ao décimo sexto dia, sendo influenciado por factores tão diversos como o progenitor, a exposição à luz (se criados em ambientes escuros, abrem os olhos mais cedo), o maneiio, o

sexo e a idade da mãe (BSAVA, 2002; Seksel, 2004c). Embora não recorra frequentemente à vocalização, o gatinho ronrona enquanto se alimenta e chora como resposta ao desconforto físico (Seksel, 2004c).

Entre as duas e as três semanas de vida o animal encontra-se no período de transição, altura em que se verificam rápidas mudanças físicas e comportamentais, bem como uma certa independência em relação à mãe. O gatinho consegue agora rastejar e caminhar desajeitadamente, encontrando-se os olhos e ouvidos totalmente abertos. No entanto, o ouvido só estará completamente desenvolvido às quatro semanas, continuando a acuidade visual a progredir até às dezasseis semanas. O olfacto, pelo contrário, já se encontra completamente desenvolvido às três semanas de vida (Seksel, 2004c). Com esta idade o animal possui alguma capacidade de regulação da sua temperatura corporal, não estando, no entanto, esta habilidade totalmente desenvolvida antes das sete semanas de vida. Os dentes começam a surgir e inicia-se a ingestão de alimentos sólidos. No entanto, o desmame é um processo gradual, que ocorre geralmente a partir das quatro semanas, encontrando-se completo às sete semanas de idade (Landsberg *et al.*, 2003; Seksel, 2004c).

O período de socialização ocorre entre as três e as dez semanas de vida, embora se pense que possa variar, uma vez que as brincadeiras em sociedade atingem um pico mais tarde, entre as nove e as catorze semanas, sendo ainda de considerar outros factores, como o indivíduo, a sua experiência e a raça (Seksel, 2004c). Nesta idade o gatinho torna-se mais independente e é, geralmente, introduzido na sua nova casa, processo que deve ocorrer, idealmente, após as primeiras vacinas, cerca das sete a nove semanas de idade. No entanto, para que se torne um animal de companhia sociável, é importante que o contacto humano se inicie antes das sete semanas de vida (Agustin, 2008; Seksel, 2004c).

Durante as primeiras quatro semanas, é essencial o contacto com a mãe, podendo observar-se uma diversidade de deficiências emocionais e comportamentais quando tal não sucede (Agustin, 2008; Landsberg *et al.*, 2003; Seksel, 2004c). Animais que sejam isolados durante o período sensível da socialização possuem uma maior tendência para serem hiperactivos, anti-sociais e tímidos, tanto com pessoas como com outros gatos. Podem ainda demonstrar dificuldade na aprendizagem de associações tão simples como a localização do alimento (Landsberg *et al.*, 2003; Seksel, 2004c). No entanto, a manipulação diária destes gatinhos, mesmo que apenas durante vinte minutos, pode ajudar a substituir alguma da estimulação proporcionada normalmente pela gata (Seksel, 2004c).

Durante o período de socialização verifica-se o total desenvolvimento do ouvido, e a capacidade de se endireitar no ar e de regular a sua temperatura corporal torna-se equivalente à de um gato adulto (Landsberg *et al.*, 2003; Seksel, 2004c). As brincadeiras também evoluem, reconhecendo-se diferentes tipos: sociais, com objectos e locomotoras. Todas têm a sua importância no desenvolvimento motor e social do gato, verificando-se que,

à medida que se desenvolve, o animal desmamado no período normal mostra uma redução das brincadeiras sociais e um aumento das brincadeiras com objectos por volta das oito semanas de idade. A utilização de objectos será mais tardia em animais desmamados posteriormente. O gatinho ingere agora os mesmos alimentos sólidos que a mãe, iniciando-se o estabelecimento das preferências alimentares (Seksel, 2004c). Foi demonstrado que o comportamento predatório do gato também é influenciado pela idade em que ocorre o desmame, verificando-se que os gatinhos desmamados a partir das quatro semanas de idade exibem um comportamento predatório precoce, enquanto os gatinhos desmamados a partir das nove semanas, desenvolvem o seu comportamento predatório mais tarde, sendo menos propensos a matar as suas presas (Landsberg *et al.*, 2003; Seksel, 2004c).

O período juvenil ocorre a partir das dez semanas de vida e até à maturidade sexual, a qual poderá acontecer entre os quatro e os dez meses de idade, dependendo do indivíduo, sabendo-se que sucede mais cedo nas raças orientais. Apesar dos padrões comportamentais básicos não sofrerem alterações durante esta fase, verifica-se o aperfeiçoamento gradual das capacidades motoras e de coordenação, tornando-se os gatinhos cada vez mais independentes (Landsberg *et al.*, 2003; Seksel, 2004c).

A idade adulta é caracterizada pela maturidade sexual e prolonga-se até ao final da vida. A receptividade sexual ocorre, geralmente, entre os seis e os nove meses de idade, mas pode variar com o indivíduo, sendo que, nas já referidas raças orientais, pode surgir aos quatro meses de idade (Seksel, 2004c).

Pensa-se que a maturidade social ocorrerá mais tarde, entre os trinta e seis e os quarenta e oito meses de idade. Têm sido reconhecidas diversas alterações comportamentais nos gatos mais velhos, sendo que as suas capacidades mentais parecem diminuir com a idade, embora este seja um assunto pouco estudado (Seksel, 2004c).

4.2. Organização social

A probabilidade das gatas adultas viverem em comunidade está relacionada com a probabilidade de partilha dos recursos alimentares. Os animais que caçam presas pequenas vivem geralmente sozinhos e com interações sociais limitadas (Virga, 2005). Pelo contrário, presas de maior tamanho e a abundância de alimento aumentam a probabilidade de concentração e formação de grupos entre os animais. Nestas comunidades, estabelece-se geralmente uma sociedade matriarcal constituída por gatas da mesma família e pela sua descendência, onde as relações entre indivíduos são geralmente amigáveis (Crowell-Davis, 2009d; Heath, 2010a; Virga, 2005). No entanto, em grupos de maior dimensão, poderão coexistir diversas famílias, havendo uma maior probabilidade de ocorrerem interações hostis entre elas. As famílias mais numerosas tendem a assumir uma posição central, junto

dos principais recursos, enquanto as famílias mais pequenas se dispõem periféricamente (Virga, 2005).

Os machos, pelo contrário, não possuem o hábito de se associarem às suas famílias, podendo ser observados dentro dos referidos padrões centrais ou periféricos, mas apenas devido à disponibilidade de recursos, independentemente da sua genealogia (Crowell-Davis, 2009d; Heath, 2010a; Virga, 2005). Estes animais tanto podem estabelecer uma relação temporária com uma família de gatas, como relacionar-se com várias colónias simultaneamente, sendo o centro das atenções das fêmeas de cada família. Os gatos que ocupam áreas periféricas demonstram um acentuado comportamento errante, bem como uma maior tendência para marcar o percurso com o seu odor, atrair companheiras através de vocalizações, ser sexualmente activos e manifestamente agressivos, enquanto os animais posicionados centralmente exibem um comportamento francamente interactivo (Virga, 2005).

Os gatinhos são geralmente integrados na família em que nascem, mantendo relações mais fortes com os irmãos da mesma ninhada. Caracteristicamente, os machos abandonam a colónia quando atingem um ou dois anos de idade, enquanto as fêmeas, podendo fazê-lo, demonstram uma maior tendência para se manterem junto da família (Virga, 2005).

4.3. Comunicação

Embora apresente um focinho mais curto e uma certa imobilidade facial relativamente ao cão, o gato desenvolveu um repertório significativo de sinais visuais. Apesar da variedade de raças e de tipos e comprimentos de pelagem, a expressividade facial do gato manifesta-se mais consistentemente entre diferentes raças, do que no cão (Virga, 2005). A comunicação é conseguida não só através de expressões faciais, mas também através da postura, do movimento da cauda e da erecção do pêlo (Heath, 2010b; Virga, 2005). Respostas fisiológicas, como a constrição ou dilatação pupilar, ou as alterações no padrão e frequência respiratória, poderão também transmitir sinais ao receptor (Virga, 2005).

4.3.1. Expressão facial

Quando o gato adopta uma abordagem ofensiva relativamente a outro animal, a silhueta facial assume uma aparência caracteristicamente triangular, podendo observar-se outros sinais de comportamento ofensivo, como seja a rotação das orelhas no sentido lateral, a abertura das pálpebras, a contracção das pupilas, o fechar da boca e a rotação dos bigodes cranialmente (Houpt, 2005b; Virga, 2005). A apresentação destes sinais é reforçada pelo olhar, fixo ou não, que pode variar entre o impassível e o intenso (Virga, 2005). Entre o contraste dos sinais faciais ofensivos e defensivos, existe uma gradação contínua de

expressões que reflectem o estado emocional e as intenções do animal. À medida que o gato se mostra mais receoso e evasivo, a cabeça e o pescoço retraem-se, e as orelhas voltam-se para trás, mantendo-se erectas em grau variável. As pupilas mantêm-se contraídas e o gato evita o contacto visual directo, olhando noutras direcções e examinando o espaço à sua volta, com o objectivo tanto de desviar ou evitar o comportamento ofensivo por parte do seu oponente, como de determinar possíveis trajectos de fuga. Se, apesar de tudo, o animal for forçado a interagir, a sua silhueta facial assume uma forma oval, as orelhas baixam junto à cabeça e os olhos estreitam (Camps & Fuentes, 2008; Virga, 2005). Um gato com medo, que se torna agressivo, pode ainda apresentar dilatação pupilar e abertura da boca, exibindo os dentes incisivos e caninos (Amat, Fatjó, Manteca & Mariotti, 2008a; Camps & Fuentes, 2008; Virga, 2005).

Existem ainda outras expressões faciais reconhecidas no gato, como por exemplo as expressões de alerta, de divertimento ou de consumação. Quando o animal responde a contextos e estímulos ambientais com uma atitude alerta, as orelhas rodam cranialmente, completamente erectas, e os olhos abrem completamente, variando o diâmetro da pupila conforme o estado emocional do gato. A expressão de alerta revela uma concentração no estímulo ou na alteração ambiental que captou a sua atenção. Em situações de divertimento ou brincadeira, a expressão facial permanece alerta, mas as orelhas podem encontrar-se parcialmente baixas, os olhos variavelmente relaxados e a boca ligeiramente aberta, com as comissuras laterais um pouco levantadas. A expressão de consumação transmite satisfação ou alívio e caracteriza-se por um abaixamento parcial das orelhas e pelos olhos fechados ou parcialmente abertos, revelando um olhar distante. Está associada com actividades que proporcionam prazer, como comer, afiar as unhas, rebolar, urinar ou defecar (Virga, 2005).

4.3.2. Postura

No que diz respeito à postura, os sinais consistentes com um comportamento ofensivo compreendem a inclinação para a frente, com a cabeça ligeiramente baixa e membros posteriores em extensão, elevando a garupa (Haupt, 2005b; Virga, 2005). A cauda posiciona-se geralmente para baixo, mas pode apresentar-se distendida em diferentes alturas, chegando a apresentar-se perpendicular ao corpo, observando-se a erecção do pêlo na sua extremidade. Tal como as expressões faciais, também a postura compreende uma gradação de apresentações, mediante o estado emocional do animal. Numa posição defensiva, o gato exhibe uma curvatura dorsal em arco, evidenciada pela posição encolhida da cabeça e da cauda. Dependendo da situação, e com o objectivo de evitar o comportamento ofensivo por parte de outro animal, o gato pode agachar-se, deitar-se ou até rebolar-se, expondo o abdómen, ao mesmo tempo que se tenta proteger, flectindo os membros posteriores e estendendo as garras (Virga, 2005). Um animal que se mostre

receoso e agressivo, vai exhibir simultaneamente sinais ofensivos e defensivos, em diferentes graus: os quatro membros esticados (os anteriores apenas ligeiramente), o dorso marcadamente arqueado e a cabeça encolhida. Em situações extremas de medo e agressão, a cauda pode estar elevada, apresentando-se o pêlo erecto ao longo do seu comprimento (Haupt, 2005b; Virga, 2005).

4.3.3. Vocalização

As vocalizações do gato têm sido objecto de estudo, tendo sido revelada uma diversidade de padrões, que podem ser classificados mediante o grau de abertura da boca (murmúrio, vogal ou intenso) ou o grau de heterogeneidade (homogéneo ou complexo). Interações agonísticas incluem vocalizações como silvos, rosnadelas e guinchos (Crowell-Davis, 2009d; Virga, 2005). Na relação entre a mãe e as crias, as vocalizações maternas compreendem miados e gemidos, enquanto os gatinhos, ao procurar a atenção da mãe, recorrem a miados e a guinchos (Virga, 2005). O ronronar pode constituir uma vocalização associativa, sendo também um sinal específico do comportamento dos gatinhos em resposta à atenção da mãe (Crowell-Davis, 2009d; Virga, 2005).

4.3.4. Marcação

O acto de arranhar tem como objectivo assinalar a passagem, não só através de marcas visuais, mas também através de secreções sebáceas, provenientes das glândulas interdigitais do gato (Heath, 2010b; Virga, 2005). Este comportamento serve ainda como forma de facilitar a remoção de fragmentos de unhas soltos, sendo mais atingidos os objectos que se encontram no percurso habitual do animal, ao contrário do que acontece com os que se encontram na periferia da sua área de actividade. Da mesma forma, ao esfregar-se e rebolar-se, o gato irá também depositar secreções, destas e de outras glândulas corporais, respondendo a estímulos ambientais, como a presença de odores de uma marcação anterior naquele local ou de matéria em decomposição (Amat *et al.*, 2008a; Virga, 2005). Também determinadas texturas, substratos do caixote ou plantas, como a valeriana e a nepenta, podem desencadear no gato os comportamentos de arranhar, esfregar e rebolar. Não foi ainda determinada a utilidade específica dos odores de diferentes glândulas, mas pensa-se que o acto de se esfregar em objectos e pessoas cumpre funções visuais, tácteis e olfactivas. Este hábito observa-se também nos indivíduos dominantes relativamente aos familiares hierarquicamente inferiores, onde são utilizadas, especialmente, as glândulas periorbital e temporal (Virga, 2005).

A marcação com urina pode ocorrer em objectos que tenham sido previamente arranhados ou em objectos ainda não marcados. Embora não pareça ter a função de afastar os outros

animais, os gatos marcam os limites da área da sua casa com urina. No caso das fezes, estas apenas ficam expostas quando a defecação ocorre fora da área central de actividade do gato. Uma vez que tanto as fezes como a urina estão rapidamente sujeitas à acção microbiana, é possível que tenham a função de deixar uma indicação sobre o momento da passagem de um indivíduo naquele local. Apesar deste tipo de marcação poder ser exibido por indivíduos de ambos os sexos, ele é mais frequente nos machos adultos, encontrando-se inibido em gatas e machos jovens inseridos em populações numerosas. Os machos não castrados apresentam um agravamento deste comportamento quando na presença de fêmeas em estro, e são estas que exibem mais frequentemente este comportamento, quando comparadas com fêmeas que não se encontram em estro. A marcação com urina não só constitui um meio de comunicação eficaz no estabelecimento e manutenção de territórios e hierarquias sociais complexas, como também permite rodear o gato com um odor familiar (Virga, 2005).

5. PROBLEMAS COMPORTAMENTAIS

São as mudanças no comportamento de um animal que levam o proprietário a perceber que o mesmo não se encontra bem, tomando assim a iniciativa de marcar uma consulta com o médico veterinário. Nessa altura, poderá determinar-se se as alterações observadas se devem a causas comportamentais ou a causas orgânicas, embora nem sempre seja possível efectuar esta distinção (Landsberg, 2008c; Seksel, 2004a). Se possível, devem descartar-se e tratar-se as causas físicas antes de se progredir na investigação das causas comportamentais ou, pelo menos, fazê-lo em simultâneo (BSAVA 2002; Seksel, 2004a).

Os sinais mais frequentemente observados pelos proprietários são a eliminação inapropriada, a agressividade, a ansiedade e os problemas dermatológicos (Seksel, 2004a).

5.1. Causas orgânicas mais frequentes

Algumas das causas orgânicas para as alterações comportamentais estão relacionadas com afecções cerebrais e incluem anomalias congénitas, neoplasias, infecções fúngicas, bacterianas ou virais, problemas parasitários, traumatismos, dificuldades no aporte sanguíneo, doenças metabólicas, toxicoses, problemas de desenvolvimento e alterações degenerativas (Landsberg, 2008c; Seksel, 2004a).

Se um sinal comportamental é episódico ou paroxístico, devem ser consideradas as doenças caracterizadas por convulsões, como acontece nos tumores cerebrais. Qualquer causa de doença cerebral pode originar epilepsia psicomotora se o sistema límbico estiver afectado. Os sinais característicos desta afecção são, entre outros, as alterações da personalidade, tais como manifestações de agressividade, e as alterações

comportamentais, tais como morder o flanco, lamber insistentemente a região anal e olhar fixamente. Nos gatos, foi também associada com a agressividade idiopática (Seksel, 2004a). Sempre que um gato se apresenta com um comportamento agressivo, agudo e persistente, deve ser considerada a possibilidade de encefalopatia isquêmica felina, condição relacionada com a trombose vascular cerebral, que causa a morte do tecido cerebral devido a ausência de abastecimento sanguíneo. Embora a causa da trombose não seja conhecida, existem casos em que foi referida uma ligação com a peritonite infecciosa felina e com a presença de parasitas. Os sinais comportamentais observados variam mediante o local afectado e podem incluir convulsões, depressão e movimento em círculos. Se o local da lesão for o lobo temporal e estiver afectado o sistema límbico, poderá verificar-se agressividade severa e outras alterações de personalidade. De um modo geral, ocorre uma melhoria gradual dos sinais neurológicos, embora as alterações comportamentais e as convulsões possam persistir, sendo o prognóstico reservado. O diagnóstico definitivo só é possível após a morte do animal (Seksel, 2004a).

Outras doenças cardiovasculares que afectem o cérebro poderão estar na origem de alterações comportamentais, como acontece no caso dos acidentes vasculares cerebrais, originados por uma hemorragia cerebral espontânea ou por um enfarte secundário a doença tromboembólica. A ocorrência de ataques isquémicos transitórios pode resultar de pequenos trombos ou de espasmos vasculares localizados (Landsberg, 2008c; Seksel, 2004a).

As afecções da tiróide, resultando num aumento ou diminuição da respectiva hormona, têm consequências em vários sistemas orgânicos. O hipertiroidismo felino, associado aos gatos mais velhos, é caracterizado por alterações comportamentais, incluindo agressividade, letargia e eliminação inapropriada. O hipotiroidismo nesta espécie, por sua vez, caracteriza-se atipicamente por agressividade não provocada ou irritabilidade em relação a membros da família. O hipertiroidismo canino pode apresentar agitação, nervosismo e potencial agressividade (Seksel, 2004a). No caso do hipotiroidismo nesta espécie, observam-se sinais como agressividade, timidez extrema e convulsões (Fatjó, Amat & Manteca, 2005; Seksel, 2004a).

A falência hepática, ou a existência de um *shunt*, irá permitir a passagem de toxinas através do fígado, causando efeitos no sistema nervoso central, condição denominada de encefalopatia hepática. Os sinais comportamentais incluem letargia, inapetência, depressão, agressividade espontânea, caminhar lentamente ou em círculo, histeria, cegueira cortical, polifagia, picacismo, surdez temporária e convulsões. Deve suspeitar-se de encefalopatia hepática sempre que se verifique um atraso no crescimento de animais jovens, perda de condição física, intolerância a fármacos, alterações comportamentais periódicas ou relacionadas com a alimentação, e ainda nos casos de animais idosos com doença hepática (Seksel, 2004a).

Algumas toxinas endógenas ou exógenas, como o chumbo, os raticidas anticoagulantes e o ácido benzóico no caso dos gatos, podem originar sinais comportamentais e causar alterações de personalidade, alterando significativamente o comportamento de um animal. Se a exposição àquelas substâncias for crónica ou em níveis inferiores aos letais, os sinais podem ser insidiosos e subtis (Seksel, 2004a).

5.2. Eliminação inapropriada

A micção ou a defecação em locais ou em momentos inadequados pode ser um sinal de diversos problemas médicos, como seja a doença renal, as afecções do tracto urinário distal felino, a cistite, a uretrite, a prostatite, a vaginite, a enterite, a colite, a diarreia, qualquer causa de polidipsia ou poliúria, bem como a incontinência urinária ou fecal (Landsberg *et al.*, 2003; Seksel, 2004a). No entanto, em muitos casos, pode estar relacionado com uma componente educativa, o que resultará na persistência deste comportamento após a resolução da condição médica (Seksel, 2004a).

A incontinência urinária pode ser uma consequência de problemas neurológicos relacionados com a lesão do neurónio motor superior – resultando no reflexo de esvaziamento da bexiga, ou seja, a bexiga irá esvaziar quando se encontrar repleta de urina, sem haver um controlo voluntário deste acto –, ou do neurónio motor inferior – resultando na atonia da bexiga e no eventual extravasamento da urina. Poderão também existir causas anatómicas para este problema, como por exemplo as anomalias congénitas relacionadas com ureteres ectópicos, um defeito mais frequentemente observado em cadelas, mas que também ocorre em gatos e gatas, neste caso com igual frequência. Outra causa possível é a lesão muscular ou neurológica, secundária a processos inflamatórios ou neoplásicos (Seksel, 2004a).

A incontinência fecal está relacionada com um deficiente controlo do esfíncter, que pode ser secundário a diversos problemas neurológicos, degenerativos ou traumáticos, bem como a hérnias perineais ou a um aumento da irritação intestinal (Seksel, 2004a).

5.2.1. Canídeos

No cão, as causas mais frequentes da eliminação inapropriada são o treino inadequado, a submissão e a excitação no caso dos jovens, e a marcação e a ansiedade de separação no caso dos adultos. Os problemas médicos podem ocorrer em qualquer idade, mas tendem a ser mais frequentes nos animais mais velhos, constituindo muitas vezes uma causa indirecta para este comportamento. Afecções como artrite, fraqueza ou perda sensorial, podem levar a que o animal evite utilizar as escadas para sair à rua ou que sinta desorientação ou dificuldade em se locomover, realizando a micção e a defecação dentro de casa

(Hunthausen, 2010a; Landsberg *et al.*, 2003). A intolerância ao calor na obesidade, e ao frio no hipotireoidismo, também podem contribuir para a relutância do animal em sair de casa (Hunthausen, 2010a).

Após a exclusão dos problemas médicos, deve averiguar-se junto do proprietário sobre o local e o momento em que se iniciou este comportamento, bem como sobre o modo como é realizado, e se consiste em urina, fezes, ou ambas. É ainda importante que se efectue a recolha da história pregressa comportamental do cão, nomeadamente no que diz respeito a eventuais alterações no ambiente do animal e na rotina do proprietário, bem como na relação entre os dois. Uma história de eliminação inapropriada iniciada após uma diminuição súbita do tempo despendido por um proprietário com o seu animal, com quem mantinha uma ligação muito próxima, pode sugerir um problema subjacente de ansiedade de separação, situação em que se observará um comportamento ansioso quando o dono se afasta e uma ausência de eliminação inapropriada quando o dono está presente. Se existem estímulos específicos que provoquem ansiedade ou territorialidade e que precedam os incidentes de micção por parte de um macho, deve considerar-se a presença de um comportamento de marcação. Este pode ser desencadeado pela agitação dos dias de festa ou por visitas de outros animais ou de pessoas que pernoitem na casa. Se o animal exibe o comportamento problemático na presença do dono, tal pode dever-se a diversos factores: este comportamento nunca foi adequadamente corrigido, o dono não se apercebeu quando o cão indicou a sua necessidade de ir à rua, existe um problema médico (ou desorientação associada à senilidade) que compromete o controlo voluntário, ou está a ser administrada medicação que altera a quantidade ou as características da urina ou das fezes. Alguns animais podem manifestar uma certa intolerância a variações na dieta, podendo apresentar diarreia e aumentar a frequência de defecação, fazendo-o dentro de casa. Também a mudança na alimentação de um cão obeso, para uma dieta rica em fibra, pode aumentar o volume de fezes produzidas e a necessidade de defecar mais frequentemente, sendo portanto necessário conduzi-lo ao local adequado atempadamente. Existem animais que, por medo do dono, como consequência de castigos inadequados, não sinalizam a necessidade de ir à rua. Outros evitam o local da eliminação devido a factos intimidantes ali ocorridos, como por exemplo maus tratos por parte de um vizinho. Outros ainda, acabam por efectuar a eliminação dentro de casa, porque o dono não se apercebeu que não o fizeram na rua, pois estiveram a brincar ou a perseguir outros animais durante todo esse tempo (Hunthausen, 2010a; Landsberg *et al.*, 2003).

Se este comportamento não for corrigido, o animal irá desenvolver uma forte preferência pela eliminação em determinados locais da casa. O melhor prognóstico será o do cão que se apresente mentalmente alerta, sem qualquer doença que não seja possível tratar, com um comportamento de eliminação inapropriada recente, pouco frequente e que ocorra num número reduzido de locais da casa. O prognóstico melhorará se o cão já estiver habituado a

um local restrito da casa e existir disponibilidade por parte do proprietário para levar o animal à rua com frequência (Hunthausen, 2010a; Landsberg *et al.*, 2003).

O tratamento da eliminação inapropriada no cão compreende o reforço do comportamento desejado e a prevenção e desencorajamento do comportamento indesejado, o que pode levar entre semanas a meses, dependendo da colaboração da família e do treino que o animal já possua. Enquanto o cão não passar entre quatro a oito semanas sem exibir este comportamento, a supervisão por um membro da família é fundamental. Quando tal não for possível, o animal deve permanecer num espaço limitado da casa ou no exterior. O confinamento não deve ser prolongado para além do tempo fisiologicamente possível para o controlo da eliminação, ou por mais de quatro a cinco horas durante o dia (BSAVA, 2002; Hunthausen, 2010a; Landsberg *et al.*, 2003). Se o cão tiver dificuldade em adaptar-se à área limitada, deve ser efectuada uma introdução gradual, fornecendo alimento, brincando, ou simplesmente fazendo companhia enquanto o animal descansa nesse espaço. Se a eliminação ocorre durante a noite, mas o cão não permanece sossegado nessa área, o dono poderá prendê-lo à sua cama com uma trela curta (Hunthausen, 2010a; Landsberg *et al.*, 2003). O proprietário deverá acompanhar frequentemente o cão ao local onde deverá ser realizada a eliminação, elogiando moderadamente qualquer demonstração de comportamento pré-eliminatório e felicitando entusiasticamente o animal durante a eliminação. A repetição do comportamento no local pretendido poderá ser incentivada pela recompensa com alimento imediatamente após o comportamento desejado. Uma forma de controlar o horário de eliminação é controlando a rotina alimentar, uma vez que aquela ocorre num momento mais ou menos previsível após a refeição. O alimento deve ser colocado à disposição do cão sempre à mesma hora, durante não mais que trinta minutos, ocorrendo a última refeição entre três a cinco horas antes do animal dormir (BSAVA, 2002; Hunthausen, 2010a; Landsberg *et al.*, 2003). Se o cão apresenta uma maior tendência para a eliminação inapropriada durante o dia, a refeição da manhã deve ser muito reduzida ou inexistente. Uma dieta pobre em fibras irá reduzir a quantidade de fezes e poderá auxiliar na resolução do problema (Hunthausen, 2010a; Landsberg *et al.*, 2003).

Na prevenção da reincidência neste comportamento, deve ter-se o cuidado de eliminar o odor da urina e das fezes, bem como de controlar o acesso do cão às áreas onde eliminou anteriormente, o que pode ser conseguido através da colocação de mobília nesse local ou utilizando armadilhas para ratos invertidas, balões que rebentem quando movidos ou alarmes sensíveis ao movimento. A maioria dos animais não suja o local onde come, brinca ou dorme, pelo que podem ser colocadas nessas zonas taças com água ou comida, camas ou brinquedos (BSAVA, 2002; Hunthausen, 2010a; Landsberg *et al.*, 2003).

O castigo é a menos importante mas a mais comum abordagem para a correcção deste problema, sendo geralmente utilizada de uma forma excessiva ou inadequada. Esta medida deve consistir apenas numa distracção, sobressaltando o animal sem o assustar, e deve ser

aplicada durante o comportamento indesejado ou no momento imediatamente a seguir. Um atraso neste acto será ineficaz e poderá resultar em problemas de ansiedade. Bater um pé, bater palmas, bater numa mesa ou dizer “não” de uma forma sonora, são suficientes para fazer cessar o comportamento. O castigo físico, a repreensão severa ou o esfregar do nariz do cão na urina ou nas fezes devem ser proibidos (BSAVA, 2002; Hunthausen, 2010a; Landsberg *et al.*, 2003).

A micção por submissão é mais comum em cachorros, mas pode ocorrer em qualquer idade, quando o animal é confrontado com certos gestos ou posturas corporais por parte de uma pessoa que considere ser ameaçadora ou socialmente dominante. O aproximar, o tentar alcançar, o punir ou, simplesmente, o estar de pé sobre o cão, são situações que podem desencadear a micção como sinal de submissão (Hunthausen, 2010a; Landsberg *et al.*, 2003). Estes animais podem estar bem treinados e não ter qualquer outra história de eliminação inapropriada. O tratamento, nestes casos, requer a identificação e eliminação do estímulo inicial. O cão deverá ser abordado de uma forma tranquila e menos dominante. Ao saudar o animal, o dono pode ter, inicialmente, que o ignorar, evitando o olhar. Nesta altura, poderá ser útil atirar um brinquedo para que o vá buscar ou ordenar que se sente para receber uma guloseima (Hunthausen, 2010a). A micção derivada da excitação apresenta-se de forma muito semelhante à submissa, embora os sinais de submissão estejam ausentes ou sejam pouco evidentes. O tratamento também exige a remoção ou alteração do estímulo e o cão deve ser ignorado até que se acalme, sendo depois ordenado que se sente para receber uma recompensa ou um brinquedo (Hunthausen, 2010a; Landsberg *et al.*, 2003).

O comportamento de marcação, na maioria dos casos, envolve machos não castrados, que depositam pequenas quantidades de urina em objectos verticais. Geralmente é realizado na proximidade ou sobre as feromonas deixadas por outros cães. O diagnóstico é confirmado pela associação do comportamento a estímulos específicos, causadores de ansiedade ou territorialidade. O proprietário pode notar que, imediatamente após ouvir o seu cão ladrar à passagem de outro animal na rua, aquele se dirigiu a uma planta ou a um objecto da casa, urinando de seguida. No tratamento destes casos, deve considerar-se a castração e a remoção da exposição ao estímulo. Se este comportamento se dever à existência de uma cadela em estro, ou se for exibido por esta, também deve ser efectuada a sua esterilização. Pode ser definido um único local onde este tipo de comportamento seja aceite, mas devem eliminar-se todos os resíduos de urina de outros cães que possam ter marcado portas e janelas e deve ser vedado o acesso do animal aos locais onde possa observar os outros cães. Quando o proprietário presenciar este comportamento, pode recorrer ao método já descrito de distrair o animal com um ruído sonoro, fazendo cessar o comportamento indesejado. O confinamento e a supervisão, como referido anteriormente, são essenciais (Hunthausen, 2010a; Landsberg *et al.*, 2003).

No caso particular dos animais geriátricos, existe uma maior necessidade, mas também uma maior dificuldade de acesso ao local desejado para a eliminação, exigindo assim uma maior atenção, vigilância e assistência por parte do proprietário. A intolerância ao frio poderá ser um problema nesta idade, devendo vigiar-se a possibilidade de existirem problemas de circulação ou hipotireoidismo. A colocação de rampas e carpetes poderá diminuir a relutância do animal em utilizar as escadas. Pode também recorrer-se a medicação para atenuar dores ou rigidez muscular, auxiliando na locomoção. Com a idade, a degeneração do sistema nervoso central compromete a função cerebral, influenciando o controlo voluntário do reflexo de esvaziamento e diminuindo a percepção do animal, afectando o treino que já possuía. A perda do controlo voluntário resulta na incontinência, situação em que o cão sabe que vai urinar mas não consegue evitar, ou na micção inconsciente, onde não existe percepção ou controlo. Estes cães devem ser conduzidos ao local da eliminação de um modo frequente e regular e deve ser estabelecida uma dieta e um horário de refeições fixo. Se estiverem previstas alterações no ambiente do animal ou nos horários do dono, deve haver uma preparação gradual, originando o mínimo de stress. Um cão que possua uma deterioração mental avançada pode ter que ser mantido num espaço limitado e fácil de limpar, como única forma de contornar o problema da eliminação inapropriada (Hunthausen, 2010a; Landsberg *et al.*, 2003).

5.2.2. Felídeos

No que diz respeito ao gato, e após a exclusão dos problemas médicos, há que averiguar se o animal efectua a eliminação em superfícies verticais, urinando, ou em superfícies horizontais. Se o fizer sobre superfícies verticais, embora alguns gatos também o façam em superfícies horizontais, estará subjacente um comportamento de marcação, que poderá estar relacionado com o território ou com factores de stress, devendo por isso ser dada especial atenção à história do animal, procurando factores que possam causar ansiedade ou despertar um comportamento territorial. O número de gatos que convive numa mesma habitação contribui para a incidência deste problema, que pode atingir os 100% numa comunidade de mais de dez animais. Apesar deste comportamento também existir em gatos castrados, são os gatos não castrados e as fêmeas em estro que mais frequentemente o exibem. Contribuem para esta tendência tanto os factores individuais (hormonas, temperamento), como os estímulos ambientais perturbadores para o animal (convívio com novos gatos, obras ou mudança de casa), como ainda a sua relação com o dono (alteração dos horários de trabalho, ausência, diminuição do convívio com o animal, castigos inadequados) (Hunthausen, 2010b).

A eliminação inapropriada em superfícies horizontais tem aproximadamente a mesma incidência entre machos e fêmeas, ocorrendo geralmente devido à existência de algo, no

caixote da areia, que cause a sua rejeição por parte do gato. A acumulação de sujidade, o seu odor, o odor do detergente, o tipo de areia ou a ocorrência de uma experiência desagradável associada com o caixote, poderão estar na origem desta aversão (Hunthausen, 2010b). Se o caixote estiver localizado numa área muito movimentada ou onde tenha ocorrido algum facto desagradável (medicação, educação, susto), o animal poderá igualmente evitá-lo. Se o gato tiver sido severamente punido, poderá procurar um local isolado para a eliminação, de forma a evitar os membros da família. Alguns gatos poderão simplesmente encontrar outro local ou superfície que entendam ser preferível, deixando de utilizar o caixote (Hunthausen, 2010b; Seksel, 2004b). Se, de forma consistente, a defecação ocorre no caixote e a micção noutra local, ou vice-versa, a causa não estará relacionada com o caixote da areia, mas sim com problemas médicos ou com preferências de área ou superfície. Nos gatos mais velhos, deve suspeitar-se de obstipação ou colite, caso o animal deixe de defecar no caixote, continuando, no entanto, a utilizá-lo para urinar (Hunthausen, 2010b). Se o gato urinar sobre objectos específicos, como por exemplo na roupa, cama ou cadeira favorita do dono, deve pensar-se num possível problema relacionado com ansiedade (Hunthausen, 2010b; Seksel, 2004b). Nos casos em que a eliminação inapropriada envolve factores emocionais, é frequente observarem-se determinadas alterações no temperamento e comportamento do animal, como esconder-se, fugir ou demonstrar agressividade (Hunthausen, 2010b).

Numa casa onde habitem vários gatos, é importante definir qual, ou quais, os que apresentam o problema. Para tal pode recorrer-se à separação dos animais ou à administração de fluoresceína, uma vez que esta fica retida nas manchas de urina durante, pelo menos, 24 horas (Hunthausen, 2010b; Seksel, 2004b). Para a identificação das fezes, é possível a mistura de lápis de cera não tóxicos, moídos, no alimento dos animais, utilizando uma cor diferente para cada gato (Crowell-Davis, 2009a). É necessário averiguar também o momento em que este comportamento teve início, se está associado a alterações ocorridas na vida do animal, se a eliminação consiste apenas em urina, em fezes, ou em ambas, em que superfícies ocorre, com que frequência e o que tem sido feito para corrigir o problema. Deve ser solicitado ao proprietário um esquema da localização do caixote de areia e das manchas de eliminação observadas. Se o gato urinar como resposta à presença de gatos vizinhos, estas encontrar-se-ão agrupadas junto de portas e janelas. É importante não esquecer que os factores que contribuem para o início deste comportamento não são necessariamente os mesmos que justificam a sua manutenção. A alteração do tipo de areia utilizada no caixote pode ser a razão do início deste comportamento. No entanto, ao longo do tempo, o animal desenvolve as suas preferências por determinados locais da casa, não voltando a utilizar o caixote, ainda que se recorra novamente ao tipo de areia a que o animal estava habituado (Hunthausen, 2010b).

Apesar de constituir uma das principais causas de abandono e eutanásia, a eliminação inapropriada é, provavelmente, o problema comportamental mais facilmente tratável, desde que se possua um bom conhecimento sobre o comportamento normal do gato. O prognóstico é bom nos casos em que é realizado um diagnóstico preciso, piorando com o tempo decorrido e com a existência de uma doença crónica ou recorrente que contribua para o problema (Tynes, 2008a). Existem duas principais abordagens ao tratamento do comportamento de marcação: alterando a exposição do animal ao estímulo e alterando a resposta normal do animal ao estímulo (Hunthausen, 2010b). Se a causa deste comportamento reside na proximidade de gatos estranhos, o proprietário deverá tomar medidas para afastar estes animais daquela área, recorrendo a armadilhas ou aspergindo-os com água, e não expondo nada que os atraia, como por exemplo, comida, lixo, alimento para pássaros, etc. O proprietário pode ainda remover o acesso do animal ao estímulo, impedindo a sua aproximação a janelas ou a locais de onde possam ser observados os gatos vizinhos. As cortinas podem ser fechadas, as cadeiras desviadas e os parapeitos modificados, de tal forma que impossibilitem a permanência do gato naquele local (Hunthausen, 2010b; Tynes, 2008b). O odor a urina junto de portas e janelas deve ser eliminado. Se existirem vários gatos, na mesma casa, a exibir o mesmo comportamento, estes devem ser separados, podendo ter que se considerar a redução do seu número. Apesar de alguns gatos marcarem menos tendo oportunidade de acesso ao exterior, outros comportar-se-ão melhor permanecendo dentro de casa (Hunthausen, 2010b).

No que diz respeito à alteração da resposta do animal ao estímulo, existem várias possibilidades. A castração é bastante eficaz na restrição deste comportamento em qualquer idade, devendo ser realizada o mais cedo possível (Hunthausen, 2010b). Uma abordagem recente ao tratamento deste problema envolve a aplicação das próprias feromonas faciais naturais do gato, nas áreas marcadas pelo animal (Amat, Fatjó, Manteca & Mariotti, 2008b; Hunthausen, 2010b). Foram desenvolvidos produtos contendo análogos sintéticos daquelas feromonas, que evidenciaram uma taxa de sucesso de 95% na eliminação da marcação com urina do tipo responsivo às alterações no meio ambiente, como sejam a mudança ou as obras em casa, novos habitantes, stress, etc. Estas substâncias também se demonstraram promissoras no auxílio à adaptação a novos ambientes, diminuindo o tempo decorrido entre a introdução do animal no novo meio e a exibição de comportamento exploratório e de procura de alimento. Outra forma de tratamento a que frequentemente se recorre é a medicação, verificando-se, no entanto, que a resposta obtida aos fármacos psicoactivos é muito variável, sendo por isso importante que o proprietário esteja presente e observe o comportamento do gato após a primeira administração. Se o animal responder ao tratamento, deverá ocorrer uma diminuição do comportamento de marcação dentro de dois a quatro meses. Benzodiazepinas, antidepressivos tricíclicos, azopironas e inibidores selectivos de recaptção da serotonina,

todos foram utilizados com diferentes graus de sucesso. Alguns dos fármacos mais frequentemente utilizados e bem sucedidos são a fluoxetina, um inibidor selectivo de recaptação da serotonina bem tolerado na comida, a paroxetina, pertencente ao mesmo grupo de fármacos, a clomipramina, um antidepressivo tricíclico, e a buspirona, uma azopirona com uma eficácia comparada ao diazepam, uma benzodiazepina. A buspirona tem a vantagem de não provocar os efeitos secundários de sedação e ataxia, característicos da maioria das benzodiazepinas. Pela sua grande margem de segurança, é um bom fármaco a considerar no caso de animais geriátricos ou com outros problemas de saúde. O diazepam é um fármaco que se revelou eficaz num número significativo de gatos. No entanto, estudos demonstraram que 90% dos gatos retomaram o comportamento de marcação após a suspensão da administração, enquanto tal apenas ocorreu em 50% dos animais que tomavam buspirona. Um pequeno número de gatos poderão tornar-se hiperactivos após a administração de diazepam, reacção que deverá diminuir ao fim de três dias. Um outro efeito secundário mais grave, descrito recentemente num número muito restrito de animais, e cuja fisiologia não foi ainda completamente compreendida, é a hepatopatia aguda e fatal. A eficácia da amitriptilina, um antidepressivo tricíclico, e do alprazolam, uma benzodiazepina, foi também demonstrada no tratamento do comportamento de marcação com urina (Hunthausen, 2010b).

Por sua vez, no tratamento da eliminação inapropriada em superfícies horizontais, há que ter em consideração três grandes questões: a remoção da causa, a recuperação do hábito do uso do caixote da areia e evitar que o gato volte às áreas previamente utilizadas. Se o problema está relacionado com a aversão ao caixote ou à sua localização, este pode ter de ser mudado de lugar e limpo mais frequentemente, devendo ainda cessar-se a manipulação do animal enquanto utiliza este local. É importante encontrar um tipo de areia aceitável para o gato, dando especial atenção à sua textura, e introduzindo-a inicialmente num caixote suplementar, uma vez que pode não ser do seu agrado. Em alguns casos, a alteração da profundidade da areia ou a remoção do rebordo plástico do caixote também podem ajudar. Uma regra de ouro é recomendar sempre a disponibilização de, pelo menos, um caixote por animal, removendo os dejectos uma ou duas vezes por dia e limpando completamente uma vez por semana (Amat *et al.*, 2008b; Hunthausen, 2010b; Tynes, 2008b).

Para que se restabeleça o hábito consistente de utilização do caixote, este deve ser colocado junto do gato, ficando este confinado a um espaço reduzido, sendo permitida a sua saída apenas quando for possível uma total supervisão. Quando limitados a uma área restrita, a maioria dos gatos prefere utilizar o caixote, ao invés de sujar o chão, sendo portanto uma questão de tempo até ao estabelecimento de um hábito consistente. As recompensas com alimento podem ajudar, se fornecidas imediatamente após a utilização do caixote. Geralmente é recomendada uma semana de confinamento por cada mês de eliminação inapropriada, não devendo, no entanto, exceder as oito semanas. Caso o animal

apresente alguma ansiedade, derivada do isolamento, deverá considerar-se a administração de um ansiolítico ou a utilização de feromonas. Na eventualidade do gato continuar a recusar o caixote em confinamento, deve efectuar-se a mudança para uma jaula grande. Se, ainda assim, a rejeição persistir, deve colocar-se uma plataforma dentro da jaula e deve cobrir-se o chão com areia, forçando assim o animal a utilizá-la. A areia deve ser gradualmente removida do chão e substituída pelo caixote. Quando o gato tiver utilizado o caixote durante um período de tempo razoável, ser-lhe-á progressivamente permitida uma maior liberdade dentro de casa (Hunthausen, 2010b).

Como meios de prevenção da reincidência neste tipo de comportamento, pode recorrer-se à colocação de armadilhas, taças de alimento, camas ou brinquedos nos locais onde o gato efectuava a eliminação inapropriada. Outros meios de dissuasão são os odores a limão ou a perfume. É, naturalmente, importante eliminar completamente o odor a urina e a fezes, existindo produtos próprios para o efeito (Hunthausen, 2010b; Tynes, 2008b). Estes têm que entrar em contacto com a matéria orgânica, devendo ser derramados, e não apenas pulverizados, sobre as carpetes e superfícies porosas, para que atinjam as camadas mais profundas. Na falta de outro produto, uma mistura 50:50 de vinagre branco e água morna deverá cumprir o objectivo pretendido (Hunthausen, 2010b). Existem animais que demonstram uma enorme sensibilidade às mais pequenas variações ambientais, alterando imediatamente o seu comportamento. O proprietário deve tomar consciência deste facto e esforçar-se por manter, dentro do possível, um ambiente constante (Amat *et al.*, 2008b; Hunthausen, 2010b). Sempre que ocorram situações que possam perturbar o gato, o dono deverá confiná-lo, vigiá-lo e, se necessário, recorrer a fármacos ansiolíticos. A dessensibilização e o contra-condicionamento poderão ajudar a reduzir as respostas indesejáveis a estímulos que causem ansiedade (Hunthausen, 2010b).

O castigo é a ferramenta menos eficaz no tratamento deste problema. Em nenhuma circunstância deve o proprietário castigar fisicamente o seu gato. Se este for surpreendido durante a eliminação inapropriada, o dono deve provocar um ruído agudo, utilizar um jacto de água ou atirar um objecto para próximo do animal, para que este interrompa o comportamento em curso. Tal deve ser realizado apenas durante o acto ou imediatamente a seguir ao mesmo, sem qualquer palavra ou olhar na direcção do gato. É muito importante que o animal não associe o estímulo interruptivo ao dono, sob risco de deterioração da ligação existente entre os dois. Uma interrupção adequada deverá suspender o comportamento e sobressaltar ligeiramente o gato, sem que este se torne receoso ou evite o dono. Nos casos em que a ansiedade ou o medo constituam uma componente significativa do problema, deve ter-se o cuidado de não usar nada que cause aversão no animal (Hunthausen, 2010b).

5.3. Agressividade

5.3.1. Canídeos

A agressividade pode ser observada como uma sequência de comportamentos. O início consiste num aviso e traduz-se no rosnar, seguindo-se uma pausa em que se espera uma reacção da outra parte. Depois, dependendo da reacção obtida e da sua interpretação por parte do cão, segue-se a acção, que consiste em morder. A sequência termina de seguida com a imediata libertação. Um cão que rosne e morda simultaneamente, sem qualquer aviso, apresenta uma sequência alterada, sem fase de iniciação. O comportamento agressivo torna-se anormal, ou associa-se com uma doença, se alguns destes passos forem omitidos ou alterados, o que pode resultar, por exemplo, do medo ou da ansiedade. O cão ansioso, ocasionalmente, na antecipação de uma ameaça, não consegue distinguir entre o real e o imaginário, sendo importante considerar que o cão agressivo pode, na realidade, não ser perigoso e estar apenas a sofrer de um problema de ansiedade. Por essa razão, o proprietário deve ser questionado sobre a severidade e frequência das agressões, que serão analisadas perante o contexto em que se inserem (Frank, 2010a). Torna-se assim essencial a obtenção de uma história clínica exaustiva no diagnóstico dos problemas de agressividade contra pessoas ou outros animais, uma vez que este comportamento poderá estar relacionado com várias doenças, tal como todas aquelas que causam dor ou ainda tumores cerebrais, afecções da tiróide, toxicoses ou anomalias congénitas, entre outras. Encontra-se também frequentemente associado à componente educativa, verificando-se a sua persistência após o tratamento da condição médica (Seksel, 2004a). A previsibilidade das agressões pode ser determinada observando a linguagem corporal do cão, bem como considerando as situações que podem desencadear aquele comportamento, sendo mais fácil nos casos em que o animal apenas apresenta agressividade defensiva, ou seja, aquela que é despoletada pela invasão do seu espaço ou pela interacção com um indivíduo. A agressividade ofensiva ocorre sem interacção, sendo neste caso o cão quem se aproxima do indivíduo, tornando difícil a identificação de uma causa (Frank, 2010a).

Se um cachorro apresenta problemas de agressividade, esta nunca se refere a dominância. Seria ilógico considerar que um indivíduo muito jovem, pertencente a uma espécie onde se verifica uma marcada neotenia, pudesse tentar apoderar-se de uma posição de liderança. Embora alguns cachorros exibam uma agressividade muito confiante e ofensiva, a motivação subjacente é o medo. Através da sua experiência, pela interacção com os seus donos, o animal pode ter aprendido que a agressividade representa uma solução na evasão de uma ameaça, tornando-se assim muito confiante no seu uso. Nestes cachorros, bem como naqueles que apenas exibem medo, devem ser realizados processos de dessensibilização sistemática, durante os quais a contenção, ou outros procedimentos

ameaçadores, devem ser introduzidos gradualmente, recompensando frequentemente o animal com alimento (Luescher, 2004).

Sendo uma das possíveis causas de uma agressão, é importante que sejam reconhecidos os sinais de medo. O cão, ao sentir medo, pode exibir uma de três respostas: fuga, imobilidade ou luta. Inicialmente, o medo é expresso através da fuga ou da imobilidade, mas a partir do momento que o animal aprende que ladrar, rosnar, atacar e morder são formas de afastar a ameaça, a agressividade torna-se no seu novo modo de expressar o medo. Dependendo do grau de socialização do cão, as atitudes por parte das pessoas podem exacerbar o medo e a agressividade do animal. Invadir o espaço de um animal e tentar tocá-lo, pode fazê-lo sentir-se ameaçado ou inseguro em relação às intenções daquela pessoa. Pelo contrário, se a pessoa se mantiver de pé, ou ajoelhada, mas sem olhar directamente para o cão, este poderá aproximar-se e cheirá-la ao seu próprio ritmo. Depois do animal descontraír, poder-se-á tocar-lhe calmamente por baixo da cabeça ou no pescoço, ou ainda lateralmente na região anterior do corpo. A oferta de guloseimas que o animal possa optar por retirar das mãos poderá acelerar este processo, uma vez que o animal aprenderá a associar as pessoas estranhas com situações positivas. Após este encontro inicial há que garantir que o animal não se assustará com qualquer movimento, habituando-o gradualmente a todas as posturas do nosso corpo. Os movimentos devem ser lentos e suaves, permitindo ao animal afastar-se, se assim decidir. Simultaneamente, deve dar-se atenção à postura corporal do cão e tentar perceber se permanece tenso, com medo, submisso ou ansioso. Se o animal exibir sinais de intenção de morder, deve desviar-se o olhar e recuar para fora do seu alcance. Estes princípios são válidos também no caso dos gatos, embora a sua resposta ao medo seja menos óbvia para os humanos, uma vez que, nos estágios iniciais, a imobilização é realizada em silêncio e o afastamento assume uma aparência casual, tornando-se fácil menosprezar os seus sinais (Yin, 2009).

Na situação particular da agressividade entre cães, há que apurar se o conflito foi originado por algum comportamento específico por parte do animal que foi vítima da agressão e se a comunicação entre os dois animais foi clara e adequada. Um cão que ataque outro sem existir uma interacção prévia, poderá estar a sofrer de alguma patologia. Da mesma forma, também se encontrará doente um animal que desafie continuamente outro que, por sua vez, exiba constantemente um comportamento de submissão. O ataque a um animal submisso poderá estar relacionado com um comportamento predatório. Uma descrição da postura corporal dos intervenientes permitirá concluir sobre o papel desempenhado pelo medo, pela ansiedade ou pelo comportamento predatório naquela situação específica (Frank, 2010c).

Entre os cães de uma mesma casa podem ocorrer diversos cenários. O primeiro envolve um animal jovem, entre os dezoito e os trinta e seis meses de idade, atingindo a maturidade social e desafiando o cão mais velho. Este poderá responder de várias formas: através da imediata submissão, não se submetendo inicialmente mas apenas após a intensificação do

desafio, através de uma luta de onde sairá um vencedor e ambos aceitarão o resultado, ou através de uma luta onde nenhum dos dois se dará por vencido. Estes animais seguem as regras da comunicação canina, exibindo sequências de comportamentos completas e inalteradas. Este comportamento é normal e a intervenção do proprietário talvez seja apenas necessária na última possibilidade referida. Existem outros cenários possíveis, dentro da mesma habitação, que não traduzem comportamentos normais e que podem estar relacionados com a existência de um problema físico em pelo menos um dos animais envolvidos. É o caso de um cão adulto que vê um cão jovem como uma ameaça, apesar deste não o ter desafiado ou ameaçado, ou o de um cão que desafia, ataca e fere outro, apesar de ter recebido deste uma reacção de submissão, ou ainda o de um cão ansioso, que vê o mundo como uma ameaça e redirecciona a sua agressividade para outro cão (Frank, 2010c).

Alguns cães mostram-se agressivos tanto em relação aos animais com quem convivem, como ainda em relação a animais que lhes são estranhos, sendo as motivações geralmente as mesmas: medo, ansiedade ou percepção de uma ameaça real ou imaginária. O cão que demonstra medo pode fazê-lo espontaneamente ou devido a uma experiência traumática com um cão estranho, ou ainda devido a uma inadequada socialização. O proprietário nem sempre se apercebe de alguns sinais silenciosos de ameaça ou de desafio, sendo por isso muito útil a existência de filmagens do animal. São exemplos destes sinais as situações em que o animal rouba objectos ou bloqueia a passagem para determinado local, ou ainda quando assume uma postura específica, aproximando-se dos ombros do outro animal numa posição perpendicular (Frank, 2010c).

Na prevenção e tratamento deste problema, a socialização e treino do cão são fulcrais. O contra-condicionamento pode ser utilizado de modo a levar o animal a aceitar a aproximação de outros com uma postura tranquila e subordinada, diminuindo gradualmente as distâncias e aumentando a familiaridade dos locais. Devem ser utilizadas recompensas que sejam extremamente atractivas para o animal e que premiarão a referida postura. O mesmo método pode ser utilizado para ensinar o cão a sentar-se e a concentrar-se no dono para receber uma recompensa. Este comportamento deverá ser repetido na presença de outro cão, a uma distância que não provoque uma resposta indesejada. À medida que a distância diminui, se não for possível manter o cão calmo, as recompensas deverão cessar e o dono e o cão deverão retirar-se. O objectivo é associar a aproximação de outro cão a uma situação agradável, evitando chegar ao ponto da manifestação de uma resposta indesejada. Os castigos devem ser evitados, pois aumentarão a excitação do animal (Horwitz, 2007). Embora a castração pareça ser eficiente na redução das lutas em 60% dos casos, não constitui uma cura para todos os casos de agressividade. A situação ideal, para a elaboração de um diagnóstico e de um plano de tratamento precisos, seria poder visualizar toda a sequência de comportamentos, directamente ou através de um vídeo. O

tratamento da agressividade entre cães que se comportam normalmente é facilmente conseguido através do estabelecimento da hierarquia. O animal que, fisicamente, tem a maior probabilidade de ganhar um confronto será alimentado, passeado e cuidado em primeiro lugar. Se estas lutas apenas ocorrem relativamente a determinados alimentos ou brinquedos, estes devem ser simplesmente removidos do ambiente. O tratamento de animais que sofram de ansiedade incluirá medicação, modificação comportamental e manejo ambiental, conforme veremos mais à frente. Não se deve tentar separar os cães, uma vez que não se trata de uma questão de dominância *versus* submissão, mas sim de um comportamento normal *versus* doença. Os animais serão separados apenas quando não for possível a supervisão, sendo obrigados a sentar-se antes de qualquer interação com uma pessoa. O cão que demonstrou um comportamento normal e apropriado será recompensado, recebendo atenção, alimento e guloseimas em primeiro lugar. O agressor poderá ser medicado com clomipramina, fluoxetina ou fluvoxamina, variando a duração do tratamento conforme o caso. Eventualmente os animais aprenderão a permanecer na presença um do outro, sendo recompensados por não manifestarem um comportamento agressivo (Frank, 2010c).

5.3.2. Felídeos

A agressividade dos gatos relativamente aos humanos assume variadas formas, conforme se associa com a brincadeira, com o medo, com o comportamento predatório, com a dor, com a hierarquia, etc. A agressividade que se relaciona com diversão é mais frequentemente diagnosticada em jovens, raramente se verificando em adultos, excepto naqueles que já exibiam esse comportamento na infância. Ocorre geralmente em gatinhos adoptados da rua, sugerindo um desmame precoce, situação que priva o animal da oportunidade de aprender a não morder, especialmente enquanto se alimenta da mãe, a brincar de forma apropriada e a tratar das unhas (Virga, 2007a). Este tipo de agressividade é tipicamente caracterizado por aspectos tanto de comportamento predatório como de comportamento lúdico e pode ser principiado pela excitação durante uma brincadeira. O manejo deste problema compreende um aumento da vigilância, antecipação, evasão e enriquecimento ambiental e social. A interrupção deste comportamento não deve implicar meios físicos, pois geralmente aumentam a incidência e a gravidade da agressão, devendo procurar-se reencastrar o gato para uma actividade apropriada (Horwitz, 2006; Virga, 2007a).

O comportamento predatório pode ser observado em gatos de qualquer idade, sendo mais frequente em animais órfãos ou desmamados precocemente. Geralmente a história comportamental do gato revela uma prática predatória precoce, direccionada a outros animais ou pessoas com quem convive. Este comportamento pode ser originado por uma

brincadeira mais animada e é sugerido pela aproximação subtil, pela espera emboscado, pelo silêncio expectante que precede o ataque e pela atenção focalizada. O maneio eficaz deste problema compreende a combinação de diversos factores: uma maior vigilância – conseguida colocando um guizo na coleira do animal –, a antecipação de ataques iminentes – utilizando o mínimo estímulo possível para a interrupção da intenção –, a evasão – de forma a reduzir o risco de ferimentos –, e o enriquecimento social e ambiental. Os estímulos sonoros utilizados para interromper o comportamento devem ser variados, de forma a evitar a habituação, e são mais eficazes que as correcções físicas. Nos casos mais graves e recorrentes, pode ainda ser considerada a intervenção cirúrgica para a remoção de dentes (Virga, 2007a).

O comportamento agressivo pode também ser associado à necessidade de controlo de determinados contextos sociais ou de recursos ambientais, como por exemplo o acesso a certos locais, a recursos limitados, à atenção por parte do dono, etc. No maneio deste problema há que evitar os estímulos provocatórios e antecipar o comportamento agressivo, bem como ignorar toda a procura de atenção por parte do gato, para que este não assuma o controlo das interacções sociais. É igualmente importante o enriquecimento social, especialmente ensinando truques interactivos, para uma modificação comportamental eficaz (Horwitz, 2006; Virga, 2007a). O contra-condicionamento, a dessensibilização e a recompensa por um comportamento tranquilo, para além do já referido enriquecimento social, são componentes fundamentais de um programa de maneio eficaz. Nos casos mais graves, pode ser necessário o recurso a fármacos, de forma a alcançar uma modificação comportamental eficaz (Virga, 2007a).

À semelhança do que acontece no cão, também no gato a agressividade pode estar associada ao medo, sendo o resultado de uma reduzida interacção com humanos durante o seu desenvolvimento. O comportamento relacionado com a ansiedade pode ocorrer como resposta a um estado emocional de frustração ou ambivalência, ou ainda a um estímulo real ou imaginário. Como consequência, o alvo da agressão nem sempre será o estímulo que a provocou. No entanto, tipicamente, estes gatos tendem a evitar a interacção e afastam-se, de forma a evitar situações de provocação. O maneio eficaz da agressividade associada ao medo depende da correcta identificação e remoção do estímulo. A modificação comportamental é conseguida através de um cuidadoso e gradual processo de dessensibilização e contra-condicionamento, que frequentemente é facilitado pelo recurso a fármacos. Um aspecto crítico da modificação ambiental traduz-se na disponibilização de múltiplos refúgios, onde o gato possa optar por se esconder (Virga, 2007a).

Alguns gatos tornam-se bastante agressivos ao serem acariciados, o que demonstra a importância da concordância entre as preferências individuais humanas relativamente à relação que desejam estabelecer com o animal, e a variação individual do temperamento dos gatos e como eles preferem interagir com os humanos. Esta variação é o resultado de

uma combinação entre a genética e a experiência do animal. Na interacção natural entre dois gatos, estes lambem-se reciprocamente, geralmente na zona da cabeça e do pescoço. A migração deste comportamento para outras regiões do corpo vai originar uma resposta agressiva por parte do gato que está a ser lambido. No entanto, as pessoas insistem em acariciar os gatos extensivamente, em regiões onde outro gato não o faria. Por outro lado, o afagamento intensivo de um gato é o suficiente para o estimular excessivamente, ao ponto da agressão (Crowell-Davis, 2009b). É importante determinar a tolerância e a vontade do gato em interagir com os humanos e trabalhar dentro desses limites. O animal que possui um problema de intolerância exhibe frequentemente sinais de excitação e agitação, havendo uma grande probabilidade de se tornar agressivo, indícios que o dono geralmente não consegue reconhecer. A educação do proprietário neste sentido representa uma componente importante do tratamento (Crowell-Davis, 2009b; Horwitz, 2006). Se o gato se tornar mais agressivo nas situações em que o dono inicia a interacção, então este deverá aguardar que seja o gato a tomar a iniciativa. Determinado tipo de festas, como por exemplo, deitar o animal em decúbito dorsal e afagar o abdómen, pode ser problemático, devendo por isso ser evitado. A duração deste comportamento por parte do dono também pode ser um factor importante, sendo cada vez mais provável uma reacção agressiva após os trinta segundos. A fluoxetina e a paroxetina são fármacos que podem auxiliar no tratamento deste problema (Crowell-Davis, 2009b).

A agressividade, quando relacionada com a dor, é tipicamente caracterizada por um comportamento defensivo. Quando o animal aprende a antecipar a dor, seja ela real ou imaginária, pode demonstrar um comportamento agressivo baseado no medo, constituindo esta a forma mais frequente de agressão à equipa veterinária. Um maneio preventivo eficaz compreende a antecipação da ansiedade e da dor. A dessensibilização e o contra-condicionamento graduais, também podem ser eficazes (Virga, 2007a).

No que diz respeito à agressividade entre gatos, as causas principais prendem-se com a introdução de um novo animal em casa, com o medo e com a dominância, podendo também ser um problema lúdico. Gatos pertencentes a comunidades socialmente coesas não aceitam facilmente novos animais, devendo a sua introdução ser gradual, permitindo que conheçam os odores, sons e aparências uns dos outros, antes de estabelecerem uma interacção directa. Em alguns casos, poderá ser necessária uma dessensibilização e contra-condicionamento estruturados, de forma a completar a introdução (Crowell-Davis, 2009c).

Por vezes, um gato começa a demonstrar um medo excessivo relativamente a outro gato com quem tinha uma boa relação, tentando evitá-lo, podendo no entanto tornar-se agressivo na tentativa de expulsá-lo. Sinais de submissão ou de medo serão indícios da intenção do atacante. O tratamento destes casos requer a combinação de fármacos ansiolíticos com processos de dessensibilização e contra-condicionamento (Crowell-Davis, 2009c).

Quando brincam, os gatos podem tornar-se barulhentos e tumultuosos, levando os donos a pensar que se trata de uma questão de agressividade. É, por esta razão, muito importante apurar se os animais não estão a ferir-se e se existem momentos de pausa quando a brincadeira se torna demasiado intensa, o que corresponderá a um comportamento normal. Se ocorrerem ferimentos, os animais devem ser mantidos separados, excepto quando estiverem a ser supervisionados (Crowell-Davis, 2009c).

Em algumas casas existem gatos que persistente e repetidamente agredem outros gatos, apesar da clara submissão e evasão demonstrada por estes. Este comportamento intimidante está relacionado com uma inadequada socialização (Crowell-Davis, 2009c). Um gato que tenha beneficiado de uma socialização precoce apropriada e que ocupe uma posição hierarquicamente elevada, recorrerá a simples gestos que serão socialmente reconhecidos e afastarão os animais subordinados sempre que for necessário. Este gato será agressivo apenas com os animais que não aceitem a sua vontade e, ainda assim, só na medida suficiente para atingir os seus objectivos (Crowell-Davis, 2009d). Pelo contrário, o gato intimidador defenderá activamente uma taça de comida, por exemplo, mesmo que não a queira para si e procurará outros gatos a quem atacar. Este animal é incapaz de uma integração bem sucedida como membro do grupo e irá tornar a agressividade, nessa casa, um problema grave e persistente. A prevenção deste comportamento, através da socialização dos animais jovens, torna-se mais fácil que o tratamento, que deverá consistir numa combinação entre o maneio, a medicação e a modificação comportamental. Com o objectivo de evitar complicações secundárias, como a anorexia ou a eliminação inapropriada, deve garantir-se que os recursos estão disponíveis em abundância e bem distribuídos. Devem também estar disponíveis vários locais que permitam aos restantes gatos refugiar-se do agressor. Se existir um gato particularmente tímido, que é continuamente escolhido como alvo das agressões, deverá ser-lhe atribuída a sua própria área sempre que não haja supervisão. Poderá também ser colocado um guizo na coleira do animal agressor, para que os outros gatos sejam alertados da sua aproximação. O castigo pode revelar-se útil em alguns casos, devendo cumprir sempre três requisitos: ser consistente, imediato e apropriado. O comportamento indesejado deve ser interrompido sem com isso suscitar outros comportamentos secundários, como um acréscimo da agressividade, medo ou excitação. Nos casos em que o gato conflituoso nem sempre apresenta o comportamento agressivo relativamente a um subordinado, pode combinar-se o castigo, utilizando por exemplo um esguicho de água quando se verificarem indícios de intenção de agressão, com o reforço positivo, recorrendo às guloseimas preferidas do animal quando este permanecer tranquilo. Nos momentos em que não for possível a supervisão, os animais devem manter-se separados. Quando, numa mesma casa com vários gatos, existem alguns que mantêm um bom relacionamento com os animais conflituosos, deve efectuar-se a rotação desses gatos junto dos antagonistas, de modo a

que consigam manter a sua relação amigável com todos os gatos da casa (Crowell-Davis, 2009c).

Na agressividade entre gatos, os fármacos mais utilizados são a fluoxetina e a paroxetina no caso dos animais agressivos, e a buspirona, no caso de animais tímidos e receosos (Crowell-Davis, 2009c).

5.4. Ansiedade

5.4.1. Canídeos

Espécies muito sociáveis, como o cão, exibem comportamentos de união com os outros indivíduos, com o objectivo de manter o contacto social e os vínculos, tanto entre adultos como entre pais e filhos. Quando o indivíduo perde o contacto com o grupo, a ansiedade que daí resulta origina comportamentos que irão atrair os outros membros (vocalizações) ou destruir barreiras (escavar ou roer), ou ainda facilitar o restabelecimento do contacto (aumento da actividade). É este ímpeto subjacente para estar com os membros do grupo, que serve de base ao desenvolvimento de problemas de dependência excessiva (Hunthausen, 2010d). Um cão que possua uma ligação muito próxima com o dono pode demonstrar ansiedade quando este volta ao trabalho após uma longa estadia em casa, quando surgem alterações nos seus horários ou quando se envolve em alguma actividade que prive o animal da sua atenção e companhia. Enquanto o dono se prepara para sair, o cão apercebe-se de sinais como vestir o casaco, pegar nas chaves ou na mala, podendo demonstrar indícios tanto de um aumento da actividade ou da ansiedade (caminha, mostra-se inquieto, lamenta-se), como de depressão (permanece deitado, mostra relutância em comer ou em mover-se) (Hunthausen, 2010a; Landsberg, 2008a). Pode ainda exibir sinais fisiológicos, como estertor, taquicardia, hipersalivação ou vómito (Hunthausen, 2010d). Quando o dono regressa, o animal mostra-se extremamente activo, manifestando um exagerado comportamento de saudação (Hunthausen, 2010a). Também o stress ambiental de uma mudança de casa, ou um evento traumático, podem contribuir para um problema de ansiedade de separação (Hunthausen, 2010d).

A ansiedade vai motivar o comportamento destrutivo, a auto-mutilação, a vocalização excessiva ou a eliminação inapropriada (Hunthausen, 2010a; Landsberg, 2008a). A destruição inclui arranhar e roer e é centrada em janelas ou portas por onde o dono sai, ou ainda em objectos que retenham o seu odor, ocorrendo geralmente nos primeiros trinta a sessenta minutos após a partida, altura em que o nível de ansiedade e excitação atingem o seu máximo (Hunthausen, 2010d; Landsberg, 2008a). Pode não suceder sempre que o dono se ausenta, mas apenas em algumas situações. O cão pode, por exemplo, manter-se calmo durante o dia, enquanto o dono está a trabalhar, e evidenciar este problema apenas

quando o dono se ausenta durante o serão. Não devemos esquecer, no entanto, que existem outras causas para o comportamento destrutivo, como o nascimento dos dentes, entretenimento, investigação, fome, construir o ninho, fobias, frustrações ou exercício insuficiente (Hunthausen, 2010d).

Os problemas de ansiedade, incluindo a ansiedade de separação, tendem a ser mais frequentes e graves em adultos mais velhos e em animais geriátricos (Hunthausen, 2010a). Nestes cães, o problema pode desenvolver-se gradualmente e por si só, não sendo necessária a ocorrência de uma alteração ambiental importante. Embora se desconheça a etiologia deste comportamento nos animais geriátricos, este pode estar facilitado pelas alterações na fisiologia do cérebro canino ao envelhecer (Hunthausen, 2010d).

O tratamento deste problema envolve a gradual habituação do cão à ausência do dono, bem como a dessensibilização aos indícios revelados antes da partida (Hunthausen, 2010a). Estes poderão ser realizados noutra divisão da casa ou enquanto o cão está distraído a brincar, podendo ser utilizada outra porta de saída que não a habitual, ou uma que o animal não veja. O proprietário poderá ainda repetir estes gestos em diversos momentos do dia, de forma a que o cão se habitue a observá-los sem os associar à ausência do dono. Quando estes objectivos forem atingidos, poderá realizar-se a simulação de duas ou três partidas por dia, não interagindo com o animal durante os quinze minutos antecedentes, mas deixando-o entretido com algo que realmente goste e que perdure durante algum tempo. A duração da ausência será de alguns segundos a alguns minutos, aumentando gradualmente mas não linearmente, e não excedendo o tempo que o animal leva a demonstrar sinais de ansiedade. À chegada, o proprietário deverá ignorar o cão até que este se apresente tranquilo (Hunthausen, 2010d; Landsberg, 2008a).

O cão deve ser capaz de obedecer a simples comandos do dono, como “fica” e “senta”. Este treino deve ser realizado na divisão onde o cão normalmente fica sozinho, aumentando gradualmente o tempo de permanência, sendo depois permitido que acompanhe o dono pelas outras divisões da casa (Hunthausen, 2010d).

Um acréscimo considerável no exercício diário tem geralmente um efeito calmante. O enriquecimento ambiental com brinquedos de borracha recheados de guloseimas ou outras distrações, como o rádio ou outro animal, podem revelar-se úteis, embora em alguns casos a ansiedade seja tal, que mesmo o alimento e os brinquedos são ignorados pelo animal (Hunthausen, 2010a). A opção mais sensata, quando se considera a introdução de outro cão, é recorrer a um animal emprestado e verificar se há alterações no comportamento do primeiro cão. Inicialmente poderá verificar-se o “efeito lua-de-mel”, observando-se melhorias temporárias, mas no final de algumas semanas o problema comportamental volta a surgir (Neilson, 2009a). No início do tratamento, pode ser necessário o confinamento a uma pequena área ou a presença de alguém que vigie o animal. Nos casos de ansiedade severa, ou quando exista risco de ferimentos, pode recorrer-se à administração de fármacos, como

as benzodiazepinas, os inibidores selectivos de recaptção da serotonina ou os antidepressivos tricíclicos (Hunthausen, 2010a). Sempre que seja possível prever alterações significativas no tempo despendido com o animal, deve procurar-se que esta transição seja progressiva. Nestes casos, a medicação deve ser iniciada, no mínimo, quatro semanas antes da ocorrência das alterações (Hunthausen, 2010d). Os efeitos de um tratamento farmacológico a longo prazo são desconhecidos, podendo tentar-se a sua cessação a cada seis meses, sensivelmente. Em alguns cães verifica-se a reincidência dos sinais de ansiedade. Nestes casos, antes de voltar a recorrer à medicação, deve garantir-se, junto do proprietário, que todos os passos do programa estão a ser cumpridos. Existem ainda no mercado análogos sintéticos das feromonas libertadas pela cadela lactante, que têm demonstrado reduzir os sinais relacionados com a ansiedade de separação (Neilson, 2009a).

O castigo nunca deve ser utilizado pois o cão não será capaz de o associar ao problema, causando-lhe ainda uma maior ambivalência e uma maior ansiedade, uma vez que, à ansiedade de se encontrar sozinho e de desejar ver chegar o dono, acrescerá a ansiedade da expectativa de ser punido quando isso acontecer. Esta situação poderá mesmo originar outros problemas, tais como comportamentos compulsivos, evasão e agressividade baseada no medo (Hunthausen, 2010d).

O prognóstico será bom se o problema for recente, se o cão não exibir sinais de ansiedade significativos numa variedade de outras situações e se o proprietário estiver disposto a alterar o modo como interage com o animal, bem como a despende bastante tempo em exercícios e, se necessário, a recorrer a tratamento farmacológico (Hunthausen, 2010d).

5.4.2. Felídeos

A ansiedade surge de uma combinação entre a genética, a inadequada exposição precoce a estímulos e a ocorrência de acontecimentos ou experiências desagradáveis, consistindo na antecipação de um perigo e podendo ser exibida ainda que não exista ameaça aparente (Horwitz & Landsberg, 2008). Os sinais exibidos por estes animais incluem alterações no apetite, nomeadamente picacismo, alterações no cuidado com a pelagem, eliminação inapropriada, alterações nas interações sociais, designadamente na vocalização, e alteração na actividade física (Seksell, 2006).

O picacismo consiste na ingestão de materiais não alimentares, como terra, borracha, papel, madeira, fios, plantas, lã ou outros tecidos, e cada animal tende a ingerir apenas um tipo de substância. Os gatos que ingerem tecido parecem começar pela lã, prosseguindo depois para o algodão, seda e tecidos sintéticos, embora nem sempre isso aconteça. Enquanto mastiga o animal aparenta estar completamente absorto e podem ser ingeridas quantidades consideráveis do material (Seksell, 2006). A ingestão de plantas pode dever-se à falta de

acesso a erva ou a outra vegetação, ou ser apenas um comportamento exploratório normal. Este ocorre particularmente em jovens que, ao investigarem o seu meio, mastigam mas não ingerem necessariamente estas substâncias (Pibot, Biourge & Elliott, 2010; Seksel, 2006). O picacismo pode também dever-se a um transtorno obsessivo-compulsivo, que apresenta sinais como o mastigar simulado ou o movimentar da boca. Embora possa ocorrer em todas as raças, parece haver uma maior tendência para a ingestão de lã nos gatos Siameses e Birmaneses. Este comportamento é causado pelo stress e inicia-se geralmente entre os dois meses e os dois anos de idade, em gatos que permanecem constantemente dentro de casa. Pensa-se que o desmame precoce, a insuficiente manipulação, a ansiedade de separação, a inexistência de oportunidade de desenvolver o comportamento exploratório e de predação, a insuficiência de fibra na dieta e uma deficiência no controlo neurológico do apetite poderão estar na origem do picacismo. Em alguns gatos, este problema parece desaparecer por si só, no início da idade adulta. Sendo necessário recorrer ao tratamento, poder-se-á disponibilizar ao animal ração seca durante todo o dia, ou acrescentar fibra à dieta introduzindo farelo ou vegetais, ou ainda fornecer carne cartilaginosa ou ossos crus, para aumentar o tempo despendido a mastigar e a comer (Seksel, 2006).

O gato adulto normal despende entre 30% a 50% do seu tempo cuidando da pelagem, comportamento que cumpre diversos propósitos: limpeza, remoção de parasitas, termorregulação e alívio do stress. Problemas médicos como, por exemplo, alergia à picada da pulga ou à dieta e sensibilidade aos ácaros do pó, também podem desencadear este comportamento. As alterações ambientais susceptíveis de causar este problema incluem a mudança de casa, a chegada de um novo membro à família, a existência de demasiados gatos na mesma área, os castigos infligidos pelo dono, a presença de pássaros agressivos ou a carência de estimulação. O gato pode remover o seu próprio pêlo arrancando-o, cortando-o ou simplesmente lambendo e provocando feridas superficiais na pele, sendo possível observar alopecia assimétrica em todas as zonas que o animal é capaz de alcançar, em particular lateralmente, na garupa, nos membros posteriores e nas virilhas. A pele nestas regiões pode ter uma aparência normal e o pêlo tem uma tonalidade alaranjada devido à acção da saliva (Seksel, 2006). Os gatos não apreciam mudanças, sendo portanto essencial o estabelecimento de uma rotina previsível, com horas definidas para brincar e para comer (Landsberg, 2006; Seksel, 2006). Pode ainda recorrer-se a medicação psicotrópica, sendo geralmente necessário mantê-la durante seis a doze meses. Caso se decida cessar o tratamento, tal deve ser realizado gradualmente. Nos casos que necessitem de medicação de longa duração ou durante toda a vida, devem ser monitorizados os parâmetros bioquímicos a cada seis a doze meses (Seksel, 2006).

A vocalização excessiva pode ser um comportamento normal inato em algumas raças, como a Siamesa. No entanto, pode indicar também a necessidade de contacto social, atenção ou alimento, estando descrita em gatos submetidos a dietas de restrição calórica. A ansiedade

resultante de factores de stress relacionados com as alterações ambientais, ou a idade avançada e a consequente degenerescência cerebral, também podem estar na origem deste problema. A vocalização inapropriada caracteriza-se por ter uma duração, intensidade e frequência variáveis, podendo ocorrer apenas durante a noite ou, simplesmente, só ser notada nesta altura (Seksel, 2006). A determinação de uma rotina e a disponibilização de estimulação suficiente, através do enriquecimento ambiental (brinquedos, ensino de truques, erva à disposição), são muito importantes (Landsberg, 2006; Seksel, 2006). A disfunção cognitiva necessitará de maneio farmacológico (Seksel, 2006).

Existem casos em que o gato sente medo ou ansiedade e pode tornar-se agressivo, pelo que dar guloseimas, brinquedos ou afecto, numa tentativa de tranquilizar o animal, poderá inadvertidamente estar a incentivar o comportamento indesejado. Por outro lado, qualquer demonstração de ansiedade, medo, ameaça ou castigo por parte do dono também pode agravar este comportamento agressivo. É portanto de extrema importância a prevenção de comportamentos relacionados com a ansiedade, através da socialização precoce, da habituação a uma variedade de estímulos sem consequências desagradáveis e a associação da exposição ao estímulo com um resultado positivo. Compreender as necessidades sociais do gato e disponibilizar recursos suficientes e adequados pode auxiliar na prevenção e no tratamento de problemas de ansiedade numa casa com vários gatos. O tratamento farmacológico com inibidores de recaptção da serotonina ou antidepressivos tricíclicos poderá ser útil na redução da impulsividade e dos ataques por parte de um ou de ambos os gatos envolvidos nas agressões, enquanto a confiança dos gatos mais tímidos poderá ser aumentada com fármacos antidepressivos, bupiriona ou benzodiazepinas (Horwitz & Landsberg, 2008).

É importante educar o proprietário relativamente ao comportamento normal do gato, para que seja capaz de compreender que muitos dos comportamentos não podem ser completamente eliminados, mas podem ser controlados com sucesso (Landsberg, 2006; Seksel, 2006). No entanto, o processo é demorado e requer a paciência e colaboração do dono. O prognóstico variará consoante o empenho do proprietário, a precisão do diagnóstico e o maneio do problema, e será tanto pior quanto maior for o tempo decorrido sem tratamento, podendo ser reservado em casos de predisposição hereditária (Seksel, 2006). O comportamento desejado deve ser recompensado e os castigos devem ser evitados, uma vez que não são eficazes na modificação comportamental, servindo apenas para aumentar a ansiedade e impedir a aprendizagem do comportamento não ansioso (Landsberg, 2006; Seksel, 2006).

5.5. Comportamento auto-direccionado e problemas dermatológicos

O comportamento auto-direccionado é aquele que o animal dirige a si próprio, repetida e consistentemente, e pode consistir numa variedade de actividades, desde os cuidados de manutenção excessivos, como o lamber do pêlo, até a agressividade redireccionada, que poderá ou não ter uma natureza intencional. Quando resulta em algum grau de mutilação ou lesão, este comportamento é denominado auto-ofensivo. Uma vez que pode ocorrer em isolamento, as lesões apresentadas parecem desenvolver-se espontaneamente. O exame físico deverá revelar evidências de corte ou remoção do pêlo, abrasão, petéquias ou ulceração, em qualquer local do corpo, resultante da utilização repetida e consistente dos dentes, da língua, das unhas ou de uma superfície externa. Os comportamentos auto-direccionados podem classificar-se em quatro categorias: problemas psicofisiológicos, problemas sensoriais cutâneos, problemas comportamentais secundários e problemas comportamentais primários. No entanto, é importante considerar que estas não são categorias distintas ou exclusivas, podendo os animais com diferentes mecanismos neurofisiológicos e comportamentais subjacentes apresentar os mesmos sinais. Em determinados animais, ainda que se verifique existirem evidências dermatológicas e neurológicas significativas, devem ser também considerados no diagnóstico os comportamentos auto-direccionados, especialmente nos casos refractários ao tratamento (Virga, 2007b).

Os problemas psicofisiológicos consistem em afecções médicas primárias que podem ser agravadas pelo stress emocional, de que são exemplos a dermatite atópica, a dermatose inflamatória crónica e a dermatite acral por lambedura. A perturbação emocional promove a activação da libertação de neuropéptidos que são distribuídos pela pele, contribuindo para a sensação de prurido ou dor e para a manifestação de um comportamento, como coçar, lamber ou morder (Virga, 2007b).

No caso dos problemas sensoriais cutâneos, o animal apresenta sinais meramente sensoriais, generalizados ou localizados, estando ausente qualquer problema médico, dermatológico ou neurológico. Os sinais descritos em humanos compreendem sensações de picada, ardor ou prurido. Podem existir casos em que não se observem sinais comportamentais significativos, não sendo possível o diagnóstico de um problema comportamental. No entanto, nos animais que apresentem alodinia, hiperalgesia, disestesia, ou um comportamento auto-direccionado excessivo, de uma intensidade tal que sugira uma resposta a um estímulo sensorial, deve ser considerada a existência de um problema sensorial cutâneo (Virga, 2007b).

À semelhança do que sucede com os humanos, pensa-se que os animais também possam apresentar prurido psicogénico, situação que ocorre na ausência de lesões dermatológicas primárias ou de sinais metabólicos, endócrinos ou neurológicos significativos. No

diagnóstico deste problema, é importante identificar o contexto, o ambiente, as interações sociais e o momento em que ocorre, de forma a excluir outras causas de prurido. Quando limitado a determinados contextos ou na presença de estímulos específicos, pode constituir uma manifestação de ansiedade relacionada com determinadas circunstâncias ou um comportamento secundário a ambivalência ou frustração (Virga, 2007b).

Doenças crónica ou agudas, particularmente as que estão associadas a dor ou desconforto, podem ter uma influência negativa sobre o comportamento e as interações sociais normais do animal, originando problemas comportamentais secundários. Estímulos sensoriais relacionados com dor, prurido, hiperestesia, alodinia, etc., podem causar ansiedade, agressividade, depressão ou uma redução das estratégias de superação (Virga, 2007b).

Consideram-se problemas comportamentais primários aqueles em que a afecção primária tem natureza comportamental, compreendendo o comportamento estereotípico, o transtorno obsessivo-compulsivo, o comportamento fora de contexto e a procura de atenção, entre outros (Virga, 2007b).

O comportamento estereotípico consiste na exibição de uma sequência de movimentos, sem um propósito ou uma função evidentes, que ocorre repetidamente, fora do contexto ou numa frequência ou duração excessiva, relativamente àquela que seria normal na persecução de um potencial objectivo. Não tem uma natureza compulsiva e, na maioria dos casos, deriva de comportamentos normais do animal, que são abreviados ou modificados (Mills, 2010; Virga, 2007b).

O comportamento compulsivo caracteriza-se da mesma forma que o comportamento estereotípico (Landsberg, 2007; Virga, 2007b). No entanto, o comportamento repetitivo interfere com a capacidade do animal funcionar normalmente em sociedade. O paralelismo estabelecido entre os transtornos compulsivos em humanos, em primatas não humanos e em animais de companhia, sustenta a suposição da existência de uma componente obsessiva, apoiando o diagnóstico de transtorno obsessivo-compulsivo em animais. Este transtorno está relacionado com a ansiedade e corresponde, comumente, a comportamentos compulsivos relacionados com manutenção da pelagem, mas também com o sugar dos flancos, mastigar ou perseguir a cauda, mastigar as patas ou unhas e coçar-se ou esfregar-se excessivamente. Outros comportamentos compulsivos podem ser classificados como alucinatórios (perseguir moscas ou um foco de luz, golpear o ar, procurar presas, olhar fixamente), locomotores (andar em círculos, perseguir a cauda, sacudir as patas ou a cabeça, correr ao longo da vedação), relacionados com a alimentação ou bebida (sugar objectos, polidipsia psicogénica, picacismo), vocais (vocalização rítmica, vocalização dirigida ao alimento ou a objectos inanimados) ou neuróticos (morder-se ferozmente, agressividade espontânea) (Virga, 2007b).

Por vezes, como consequência de situações onde existem sentimentos contraditórios, frustração ou ansiedade, originadas por factores de stress sociais ou ambientais, o

comportamento auto-direccionado pode ocorrer fora do contexto (Landsberg, 2007; Virga, 2007b). Lamber o pêlo, por exemplo, pode ter o objectivo de distrair o animal relativamente a factores de stress, de reduzir o nível de excitação ou de deflectir um conflito social ou interacções agonísticas. Este comportamento pode ainda ocorrer como uma resposta ao stress, na falta de suficientes estímulos sociais ou ambientais (Paterson & Riccomini, 2009; Virga, 2007b). Como consequência da lambedura excessiva, podem surgir afecções como a dermatite acral por lambedura, mais comum nos cães, a neurodermatite atípica em gatos ou a alopecia psicogénica. O padrão de distribuição da alopecia pode ser simétrico ou assimétrico e é indicador do acesso do animal a determinadas partes do corpo, sendo mais comum na região medial dos membros anteriores, no abdómen caudal, na região inguinal, na cauda e na região lombar (Virga, 2007b).

O comportamento de procura de atenção, direccionado a outros, através da vocalização ou da limpeza mútua da pelagem, ou auto-direccionado, através do lamber, mastigar ou arranhar, pode ser inadvertidamente reforçado pela atenção dispensada pelo proprietário (Virga, 2007b).

As causas orgânicas do comportamento auto-direccionado devem ser tratadas previamente ou conjuntamente com o manejo comportamental. A modificação comportamental deve ser realizada no sentido de minimizar a resposta ao stress, sempre que o animal é exposto a estímulos causadores de ansiedade, frustração, ambivalência ou excitação. O contra-condicionamento irá reforçar novos comportamentos, incompatíveis com o comportamento problemático e que o substituem, sendo mais eficaz quando se seleccionam comportamentos que encorajem o relaxamento (Landsberg, 2007; Virga, 2007b). Nos casos em que seja possível identificar os estímulos provocadores daquele comportamento, e quando não seja possível a sua eliminação, a dessensibilização também poderá ser útil, reforçando novos comportamentos seleccionados, à medida que se introduzem gradualmente aqueles estímulos (Mills, 2010; Virga, 2007b).

A disponibilização de oportunidades de estimulação física e mental, pode servir para promover o comportamento exploratório e o padrão de comportamento próprio da espécie, diminuindo o comportamento auto-direccionado. As sequelas comportamentais que podem advir da ausência de estímulos sociais ou ambientais incluem o comportamento fora de contexto, alterações nos padrões da eliminação, transtornos alimentares, síndromes relacionadas com ansiedade, comportamento estereotípico, comportamento de procura de atenção, agressividade, comportamento auto-ofensivo, transtornos compulsivos, entre outros. Devem ainda ser facilitadas as interacções sociais, como forma de fomentar as relações sociais e familiares, bem como o comportamento lúdico. A estimulação física e social, desviando a atenção do animal relativamente ao factor de stress, ajuda a aliviar a tensão e facilita o contra-condicionamento (Virga, 2007b).

O tratamento farmacológico deve ser considerado como um adjuvante de uma modificação comportamental e de um manejo ambiental adequados, não se prevendo que seja eficaz de outra forma (Mills, 2010; Paterson & Riccomini, 2009; Virga, 2007b). Nos casos em que a exposição contínua ao estímulo seja inevitável, em que o nível de excitação do animal seja tal que a modificação comportamental será ineficaz ou demorada, ou em que a saúde ou a segurança do animal ou de outros esteja em risco, poderá ser necessário o recurso ao apoio farmacológico para que se consiga uma resposta clínica. No entanto, mesmo nestes casos, a modificação comportamental e o manejo ambiental aumentarão a eficácia da medicação, permitindo inclusivamente a redução das dosagens e da duração do tratamento (Virga, 2007b).

5.6. Medos e fobias

Até um certo ponto, o medo é um comportamento normal, transformando-se em fobia quando a reação ao estímulo é exibida de uma forma exagerada relativamente ao contexto em que se insere (Bowen, 2007; Crowell-Davis, 2009e). Na natureza, os ruídos estrondosos podem significar perigo, sendo a evasão relativamente aos mesmos um comportamento adaptativo. O problema surge quando o animal reage excessivamente aos estímulos associados aos ruídos que, na realidade, não constituem uma ameaça (Crowell-Davis, 2009e). Os medos e fobias podem ser causados por factores genéticos, ser aprendidos através de uma experiência desagradável ou ser o resultado de uma inadequada socialização. O comportamento que resulte de uma forte componente genética ou da privação social pode ser o mais complicado de corrigir, possuindo o medo adquirido um melhor prognóstico (Hunthausen, 2010c).

O comportamento relacionado com o medo, como por exemplo a fuga ou a agressividade, é reforçado quando é bem sucedido e afasta o animal do estímulo. Existem diversas técnicas de modificação comportamental, como a técnica de emersão, a habituação, a dessensibilização sistemática, o contra-condicionamento ou o reforço positivo, que podem ser utilizadas isoladamente ou em associação, com a finalidade de corrigir estes comportamentos. Até que o programa se encontre concluído, deverão ser identificados e controlados todos os estímulos que causem medo. No entanto, tal nem sempre é possível, como sucede em caso de trovoadas, trânsito ou visitas em casa, situações em que o animal deve ser cuidadosamente controlado, para que se evitem lesões e o consequente agravamento do problema. A utilização de jaulas, trelas ou açaimes pode ajudar a prevenir tanto as lesões, como a fuga do animal. Nestas ocasiões, a melhor atitude será fazer com que o animal exiba um comportamento aceitável, como sentar-se, sendo recompensado quando se acalmar e não manifestar medo. Em algumas circunstâncias, a decisão mais prudente poderá ser o imediato afastamento do animal (Hunthausen, 2010c).

A estratégia principal da modificação comportamental é a associação de algo que o animal realmente goste com o estímulo que desencadeia a resposta de medo. O estímulo positivo deverá ser extremamente motivante, como é o caso das guloseimas de carne ou do brinquedo favorito, e não deve ser utilizado a não ser nas sessões de treino. Desta forma, o animal irá aprender a associar experiências positivas ao estímulo que anteriormente lhe provocava medo. Para a dessensibilização e contra-condicionamento, o animal é exposto a um nível de estímulo abaixo daquele que origina a resposta indesejada (Bowen, 2007; Hunthausen, 2010c). A distância, o tamanho, o volume e o comportamento humano são as variáveis geralmente controladas nestes exercícios de exposição. O animal apenas é recompensado quando não demonstra medo, sendo gradualmente exposto a níveis de estímulo cada vez mais intensos. Com o tempo, o animal deverá vir a apresentar o comportamento desejado na presença da intensidade máxima do estímulo. Se o limiar do medo for ultrapassado em algum momento, o proprietário deverá retroceder para um nível anterior e depois então continuar, utilizando incrementos de intensidade mais reduzidos (Hunthausen, 2010c).

Quando o dono possuir um bom controlo e o animal tiver apenas problemas ligeiros, a técnica de emersão, que corresponde à exposição ao estímulo acima do limiar do medo, pode revelar-se mais rápida que a dessensibilização e igualmente eficaz na redução ou eliminação do medo. Esta técnica deve ser controlada, apresentando um nível reduzido do estímulo, apenas o suficiente para causar o mínimo de medo ou ansiedade. A exposição prolongar-se-á até o animal deixar de exibir o comportamento indesejado, altura em que será recompensado, terminando a sessão de treino. O estímulo poderá ser gradualmente aumentado em cada sessão subsequente, até que o animal aceite a exposição à intensidade máxima do estímulo, sem manifestar medo. Esta técnica poderá não ser a melhor escolha em muitos casos uma vez que, se não for aplicada correctamente, poderá agravar o problema (Hunthausen, 2010c).

Sendo o objectivo ensinar o animal a permanecer tranquilo na presença do estímulo causador do medo, as técnicas que causem dor ou desconforto, como as coleiras estranguladoras por exemplo, devem ser evitadas (Hunthausen, 2010c).

Alguns animais demonstram medo relativamente a determinado tipo de pessoas ou animais, como por exemplo crianças, homens com uniformes ou com barba, cães grandes, cães pequenos ou cães pretos. Outros fazem-no em relação a todas as pessoas e a todos os animais. A resposta ao medo traduz-se em posturas como o curvar-se, tremer, ficar imóvel, retirar-se, fugir ou mostrar agressividade. É importante possuir controlo verbal sobre o animal, devendo ser ensinados comandos como “senta” e “deita” previamente ao início do condicionamento. Este deve basear-se na gradual redução da distância relativamente ao objecto do medo. Se o animal receia determinado tipo de pessoas, o treino deve iniciar-se com indivíduos de características ligeiramente diferentes. Por exemplo, se tiver medo de

crianças mais jovens, o treino deverá começar com crianças mais velhas. É ainda possível a dessensibilização relativamente a gravações de crianças a brincar, previamente à exposição a situações reais. Animais que receiem homens com uniformes, chapéus ou barba, poderão primeiramente ser dessensibilizados relativamente à aproximação de membros da família vestidos dessa forma. Quando o receio for dirigido a bebés, poderão também utilizar-se gravações dos seus sons ou o dono poderá aproximar-se trazendo ao colo bonecos envolvidos em cobertores de bebé. Se o medo estiver relacionado com visitas, o animal deve ser dessensibilizado relativamente aos indícios da sua chegada, o que pode ser conseguido mudando o som da campainha ou sendo um dos membros da família a tocá-la. Tal deve ser realizado repetidamente, em curtos intervalos, até que o animal se habitue e cesse o comportamento relacionado com o medo, sendo então recompensado. Seguidamente, pode começar por convidar-se uma pessoa que o animal conheça bem e com quem se sinta à vontade. O animal deve ser mantido com trela, a uma certa distância da porta, e a visita, ao entrar, deverá ignorá-lo evitando o contacto visual. Se o animal não mostrar sinais de medo, deverá sentar-se para receber a recompensa. Dentro de casa, a visita deverá ignorar o animal, excepto se este se aproximar de um modo amigável e sem medo. Esta aproximação pode ser facilitada atirando ocasionalmente algumas guloseimas ao animal, diminuindo assim gradualmente a distância entre ambos. Seguidamente poderá repetir-se o procedimento, primeiro com pessoas que o animal já tenha conhecido, e depois com estranhos. Se o medo se relacionar apenas com homens adultos, este método deverá ser inicialmente aplicado com mulheres, depois com homens jovens e, finalmente, com homens adultos. No que diz respeito ao medo de outros animais, a dessensibilização deve começar num ambiente neutro, utilizando um animal bem comportado e bem treinado como estímulo, que permanecerá a uma distância em que seja possível ser reconhecido, mas que não suscite medo. Gradualmente esta distância será reduzida, sendo o animal recompensado sempre que permaneça tranquilo na presença do estímulo (Hunthausen, 2010c).

Nos casos em que a fobia está relacionada com ruídos (trovoada, tiros, fogo de artifício), os cães podem apresentar sinais como salivação, respiração ofegante, aumento da vigilância, caminhar, ficar imóvel, tremer, ganir, esconder-se, urinar, defecar, vomitar ou fugir. Estes animais apresentam um maior risco de sofrerem de ansiedade de separação, sendo o inverso também verdadeiro. Os gatos também podem manifestar este tipo de fobia, não sendo no entanto muito frequente a sua apresentação na consulta (Frank, 2010b). Para o tratamento deste problema, o animal deve ser isolado do estímulo durante o treino, podendo mesmo ser realojado quando são esperadas situações problemáticas. Deve ser encontrado um método de controlar ou modificar o estímulo de forma a realizar a dessensibilização ou o contra-condicionamento. Se os estímulos são os tiros, por exemplo, pode usar-se uma pistola de partida abafada por toalhas. Ao longo do tempo, a distância e o isolamento do

som vão sendo reduzidos gradualmente. Também nestes casos se pode recorrer a gravações dos sons de trovoadas, por exemplo. Enquanto o animal estiver exposto ao estímulo, a um nível abaixo daquele que provoca a reacção de medo, deverá receber algo que aprecie, como alimento, brincadeira ou contacto social. Se se tratar de um cão bem treinado, exigir uma resposta a determinadas ordens em troca de alimento pode ajudar o animal a manter-se concentrado no condicionamento e diminuir a probabilidade de uma resposta indesejada. Quando o animal tiver aprendido a permanecer tranquilo perante o estímulo máximo, o condicionamento deverá ser realizado noutros ambientes, variando também a apresentação ou o tom do estímulo. A fobia relacionada com trovoadas constitui um desafio e pode ser muito complicada de tratar recorrendo apenas à modificação comportamental. Neste problema estão implicados vários estímulos, não sendo fácil encontrar substitutos artificiais que possam ser utilizados na dessensibilização e contra-condicionamento. Por outro lado, é também muito difícil proteger o animal das trovoadas entre as sessões de treino. Nos animais que apresentem um alto risco de sofrer lesões graves ou de provocarem consideráveis estragos em casa, poderá ser necessário recorrer ao tratamento farmacológico durante a época das trovoadas. A acepromazina, um tranquilizante fenotiazínico, poderá ser útil em casos ligeiros. No entanto, doses mais altas em casos mais graves causariam demasiada sedação, não deixando o animal funcional. Os inibidores selectivos de recaptção da serotonina, os antidepressivos tricíclicos e a buspirona podem ser benéficos, não podendo, no entanto, ser utilizados no momento em que o problema ocorre, uma vez que demoram duas a quatro semanas a produzir uma resposta comportamental. As benzodiazepinas, sendo potentes ansiolíticos, poderão ser muito úteis nestes casos (Hunthausen, 2010c). A utilização repetitiva das benzodiazepinas durante as trovoadas pode, por si só, proporcionar uma melhoria do problema. Um cão que foi tratado unicamente com alprazolam, demonstrava ausência de medo vinte a quarenta minutos após a administração oral do fármaco, o que é consistente com a sua absorção pelo organismo. A administração decorria sempre segundo um ritual que envolvia a entrada na sala onde era guardado o medicamento, a remoção do mesmo do frasco onde se encontrava e, finalmente, o seu fornecimento ao animal. Após vários tratamentos o cão começou a demonstrar ausência de medo quase imediatamente após a administração do fármaco. Eventualmente, o medicamento foi substituído por vitaminas, que eram administradas segundo a mesma rotina, continuando a verificar-se o relaxamento e a perda do medo. O animal foi classicamente condicionado a exibir uma resposta de relaxamento sempre que se lhe fornecia um comprimido após uma sequência específica de interacções com o dono (Crowell-Davis, 2009e).

Da bibliografia consultada se conclui que o aconselhamento comportamental preventivo, assim como o tratamento de problemas comportamentais, deverão constituir uma parte importante da prática clínica. O médico veterinário deverá consciencializar o seu cliente sobre a importância de adquirir um cão ou um gato com a idade, raça e sexo apropriados à sua realidade específica, bem como sobre o interesse da socialização, processo que pode vir a ter efeitos a longo prazo no comportamento do animal adulto. A utilidade da consulta de comportamento passa ainda pela educação do proprietário sobre o comportamento normal do seu animal de companhia, assim como sobre a correcta interpretação da sua postura, expressão, vocalizações e outras formas de comunicação indirectas, de forma a avaliar o seu estado emocional e a necessidade de recorrer ao auxílio de um profissional para a resolução de eventuais alterações nos padrões comportamentais normais. No diagnóstico dos problemas comportamentais há que identificar as suas causas, nomeadamente os factores de stress, e avaliar a forma como influenciam o animal, estabelecendo então um plano de modificação comportamental, enriquecimento ambiental e, eventualmente, de tratamento farmacológico. Cabe ainda ao médico veterinário sensibilizar o proprietário para a importância do seu envolvimento no programa de tratamento, para que seja possível atingir os objectivos propostos de uma forma célere e consistente, evitando futuras recidivas. Tendo em consideração o facto da literatura encontrada no âmbito da pesquisa efectuada para esta dissertação não ser portuguesa, torna-se pertinente avaliar a aptidão dos proprietários portugueses para reconhecer os sinais exibidos pelos seus animais de companhia, bem como a sua receptividade relativamente à adopção dos programas de tratamento possíveis, como alternativa à eutanásia, tendo estes aspectos constituído o móbil para a realização deste estudo.

PARTE III – ANÁLISE DE DADOS

1. OBJECTIVO

Este estudo teve como objectivo o conhecimento das alterações comportamentais do cão e do gato mais frequentemente identificadas pelos proprietários, bem como a análise da eventual relação entre a presença ou ausência de problemas e as características individuais do animal, do proprietário e do ambiente em que se insere. Tentou-se ainda compreender a receptividade dos proprietários relativamente às diferentes formas de tratamento possíveis, assim como as condições em que optariam pela eutanásia num caso de agressividade.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A recolha de dados realizou-se mediante a distribuição de um questionário aos proprietários de animais de companhia, compreendendo tanto os clientes da Clínica Veterinária de Mafra, como outros contactos pessoais. Dos 197 questionários que originaram a amostra obtida, 18 foram distribuídos pessoalmente, utilizando o suporte em papel, e 111 foram enviados por correio electrónico, utilizando o programa informático *Microsoft Office Word*, tendo os restantes 68 sido preenchidos *online*, através da ferramenta *Google Documents*, cujo link foi divulgado também por correio electrónico. O processamento das respostas obtidas foi executado recorrendo aos programas informáticos *Microsoft Office Excel* e *PASW Statistics 18*. Esta ferramenta foi utilizada, nomeadamente, na realização de testes de Qui-quadrado de Pearson, com o objectivo de estudar a existência de uma associação entre a presença de problemas comportamentais nos animais de companhia e as características do próprio animal, do seu proprietário e do meio envolvente.

O questionário, que se apresenta no Anexo 1, é composto por duas partes. A primeira parte pretende conhecer as características do proprietário, incluindo as seguintes variáveis: localização geográfica, idade, sexo, número de adultos e de crianças no agregado familiar, número de animais de companhia que possui, número de horas dispendidas com o animal e frequência das visitas ao veterinário. A segunda parte do questionário diz respeito ao animal de companhia em particular, e inicia-se com a sua caracterização física, bem como com a determinação da sua proveniência, averiguando variáveis como a espécie, raça, idade, sexo, ocorrência de gonadectomia, origem, número de donos que teve e idade com que foi separado da mãe. Segue-se a caracterização do meio ambiente em que o animal se insere, nomeadamente no que diz respeito ao local onde passa o seu tempo e onde dorme, assim como à sua alimentação e ao número de horas que passa sozinho. É também questionada a existência de doenças, e é apresentada uma lista de sinais comportamentais, no sentido de avaliar quais os mais frequentemente identificados pelo proprietário. As alterações no meio ambiente ou a ocorrência de um facto traumatizante durante a vida do animal são também averiguados, na medida em que poderão contribuir para a presença daqueles sinais.

Finalmente, os proprietários dos animais que apresentam algum tipo de sinal comportamental são questionados sobre o recurso às possíveis formas de tratamento, e todos os proprietários que responderam ao inquérito são interrogados sobre a opção pela eutanásia, no caso particular da agressividade.

3. RESULTADOS

Foram inicialmente aceites questionários de qualquer proprietário de cães ou gatos, residente no território nacional. Das respostas recebidas excluíram-se aquelas que se apresentavam duplicadas ou que não exibiam o preenchimento da parte A do questionário. Foram ainda rejeitadas as respostas de proprietários com mais de 5 animais, de forma a evitar o enviesamento dos resultados. Outro dos critérios de exclusão utilizados contempla as respostas que incluíam dados incompreensíveis ou contraditórios, assim como a ausência de informações que se julgam facilmente determináveis, como sejam a idade do proprietário, o número de membros do agregado familiar ou o local onde o animal passa o seu tempo.

A amostra assim obtida compreende as respostas de 155 proprietários, 127 do sexo feminino e 28 do sexo masculino, relativas a um total de 197 animais (120 cães e 77 gatos), 159 detidos por mulheres e 38 por homens.

O número de animais desta amostra, pertencentes a cada proprietário, encontra-se apresentado na tabela 1.

Tabela 1 – Número de animais por proprietário.

Animais por proprietário	Nº de proprietários	Total de animais	Nº de cães	Nº de gatos
1	127	127	89	38
2	21	42	21	21
3	2	6	2	4
4	3	12	5	7
5	2	10	3	7
Total	155	197	120	77

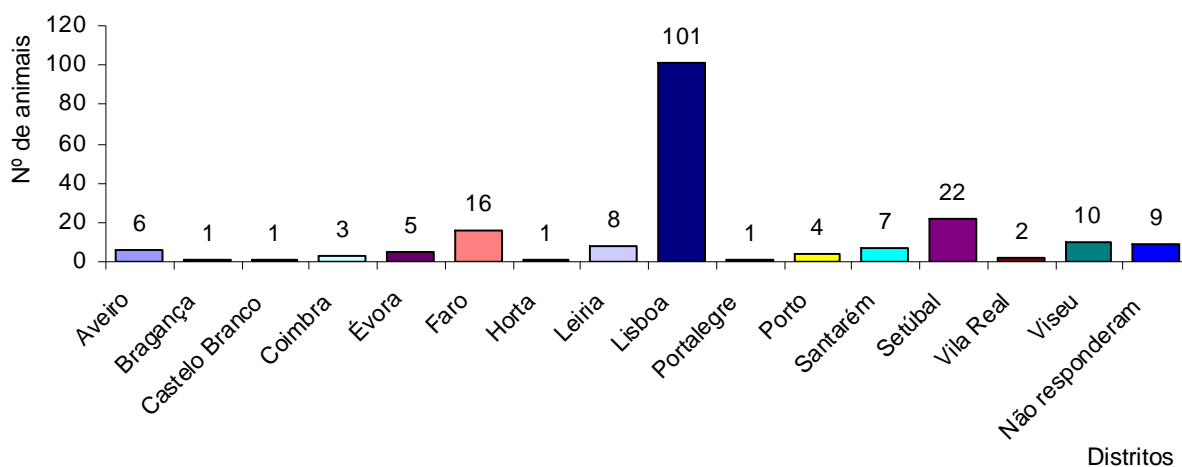
As idades dos proprietários situam-se entre os 14 e os 80 anos, estando a sua média e desvio padrão, por sexo, evidenciados na tabela 2.

Tabela 2 – Idades dos proprietários, por sexo.

Sexo	Nº de proprietários	Média	Desvio Padrão
Feminino	127	37	12
Masculino	28	45	9
Total	155	38	12

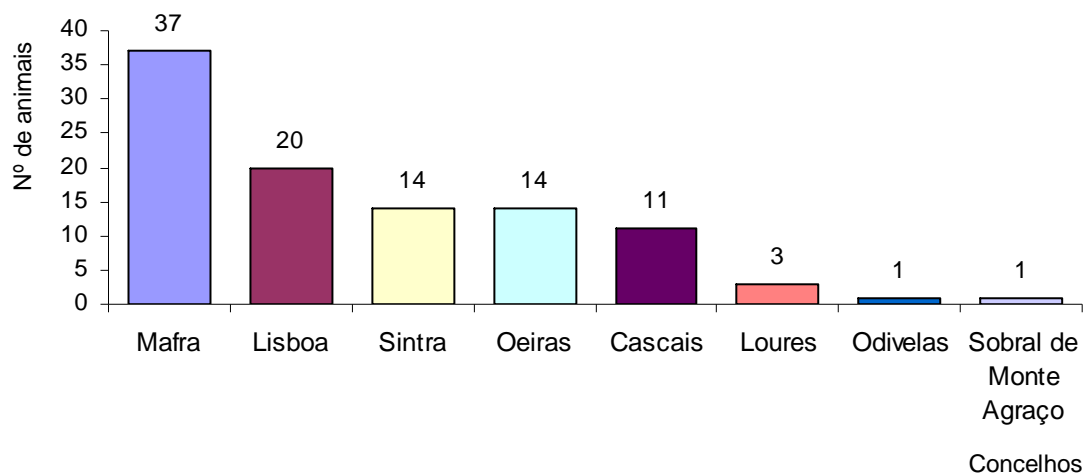
Os 197 animais que constituem a amostra em estudo encontram-se distribuídos por diversas zonas geográficas, de norte a sul do país, conforme demonstrado pelo gráfico 1.

Gráfico 1 – Distribuição geográfica dos animais da amostra, por distritos.



Verifica-se, no entanto, que 101 destes animais (51%) se concentram no distrito de Lisboa, tornando-se por essa razão pertinente observar a distribuição deste subgrupo por concelhos, dentro deste distrito. Da análise do gráfico 2 podemos constatar que 37 dos 101 animais residem no concelho de Mafra, encontrando-se também significativamente representados os concelhos de Lisboa, Sintra, Oeiras e Cascais.

Gráfico 2 – Distribuição geográfica da amostra por concelhos do distrito de Lisboa.



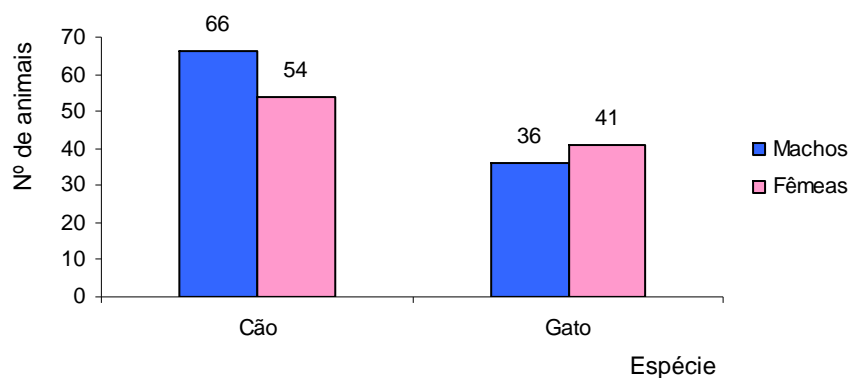
No caso dos 120 cães desta amostra, com exceção de um animal em relação ao qual não se obteve resposta a esta questão, esta espécie tem idades compreendidas entre 1 e 17 anos, com média de 5 anos e desvio padrão de 4. No que diz respeito aos 77 gatos, não se obteve resposta em dois casos, variando as idades dos restantes animais entre 1 e 19 anos, com média de 5 anos e desvio padrão de 4. A discriminação de idades, por espécie, é apresentada na tabela 3.

Tabela 3 – Idades dos animais, por espécie.

Espécie	Nº de animais	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Canina	119	5	4	1	17
Felina	75	5	4	1	19
Total	194				

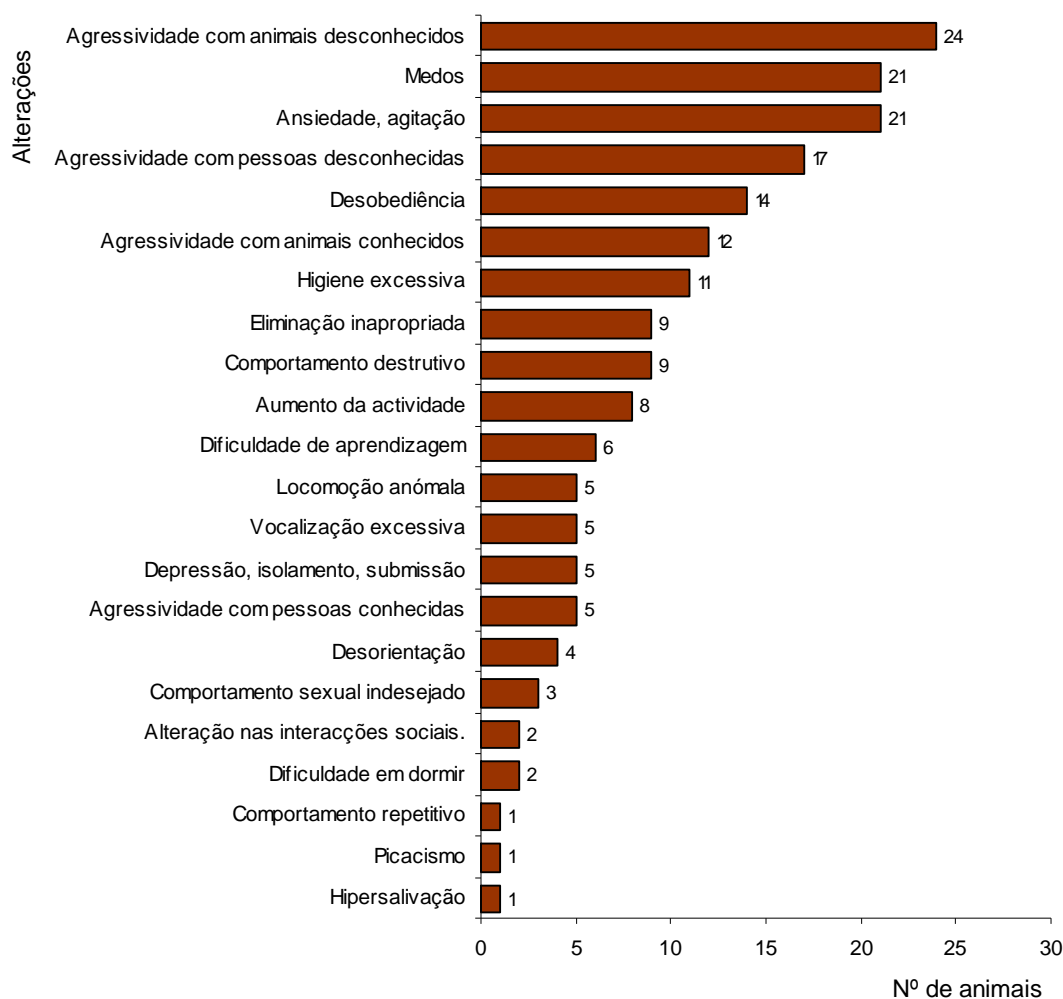
No que diz respeito aos cães, 44 dos 120 animais não têm raça definida, distribuindo-se os restantes 76 por 28 raças diferentes. No caso dos gatos, 68 dos 77 animais não têm raça definida, pertencendo os restantes 9 animais a 5 raças diferentes. Ambas as espécies estão distribuídas de forma semelhante entre machos e fêmeas, conforme mostra o gráfico 3.

Gráfico 3 – Espécies representadas na amostra, por sexo.



As respostas à questão “O seu animal alguma vez demonstrou alterações ao seu comportamento normal?”, incluída no inquérito distribuído, revelaram que 66 dos 120 cães e 49 dos 77 gatos exibiram alterações comportamentais identificáveis pelos proprietários em algum momento da sua vida. As frequências absolutas dos sinais evidenciados por estes animais estão representadas nos gráficos 4 e 5. A leitura destes gráficos deve ser realizada tendo em consideração que o mesmo animal pode apresentar mais do que uma alteração.

Gráfico 4 – Alterações comportamentais identificadas pelos proprietários de cães.



A agressividade com animais estranhos (24 animais), os medos (21 animais), a ansiedade ou agitação (21 animais) e a agressividade com pessoas desconhecidas (17 animais) são as alterações mais frequentemente reconhecidas pelos donos dos referidos 66 cães.

Os medos relatados em cães referem-se aos sons altos e fora do comum (tiros, trovoadas, eco, entre outros), a pessoas estranhas, a alguns movimentos bruscos e a determinados veículos (autocarros), objectos (vassouras) ou tipo de pessoas (homens).

A tabela 4 apresenta o número de cães que manifestaram sinais de agressividade e problemas de eliminação inapropriada, assim como quantos destes animais se encontram gonadectomizados e quantos proprietários declararam a correcção do problema.

Tabela 4 – Cães que apresentaram agressividade ou eliminação inapropriada.

	Nº de animais	Gonadectomizados	Correcção do comportamento
Agressividade	34	10	0
Eliminação inapropriada	9	1	0

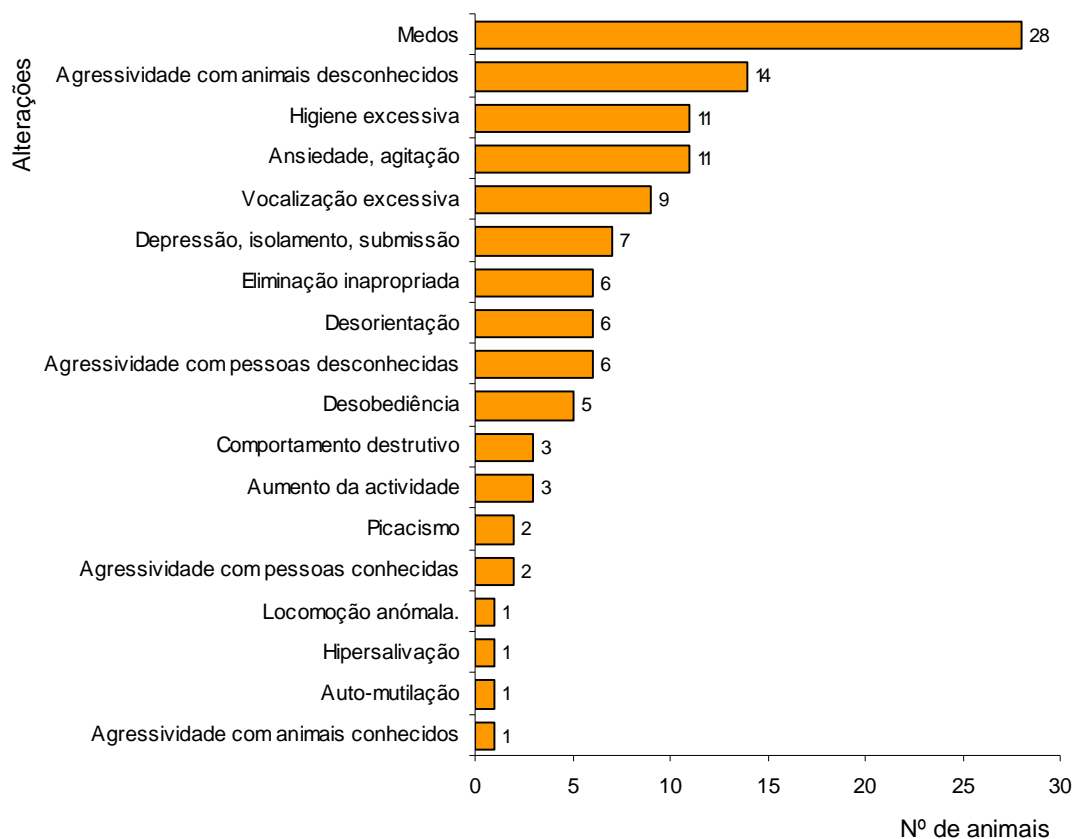
Apenas os proprietários de 34 destes 66 cães foram capazes de determinar a idade de início dos problemas, cuja média se situa nos 2 anos (com desvio padrão de 1 ano, e excluindo como *outliers* um indivíduo com 12 anos e outro com 14 anos).

Relativamente às doenças diagnosticadas nestes animais, que possam eventualmente ter alguma relação com o seu comportamento, foram referidos 4 casos de alergias, 1 caso de ansiedade, 1 caso de displasia da anca e 3 casos de tumores.

Relativamente aos 49 gatos (gráfico 5), destacam-se particularmente os medos (28 animais), sendo também frequentemente identificada a agressividade para com animais desconhecidos (14 animais), os cuidados de higiene excessivos (11 animais) e a ansiedade ou agitação (11 animais).

Neste caso, os medos recaem também sobre sons altos e fora do comum (foguetes, trovoadas, sacos de plástico, aspirador, entre outros), sobre pessoas estranhas e movimentos bruscos, e ainda sobre outros animais e sobre a saída para o exterior.

Gráfico 5 – Alterações comportamentais identificadas pelos proprietários de gatos.



A tabela 5 apresenta o número de gatos que exibiram sinais de agressividade e problemas de eliminação inapropriada, bem como quantos destes animais se encontram gonadectomizados e quantos proprietários declararam a correcção do problema.

Tabela 5 – Gatos que apresentaram agressividade ou eliminação inapropriada.

	Nº de animais	Gonadectomizados	Correcção do comportamento
Agressividade	20	17	4
Eliminação inapropriada	6	6	1

Apenas os proprietários de 27 destes 49 gatos foram capazes de estabelecer a idade de início dos problemas, cuja média se situa no primeiro ano de vida (com desvio padrão de 1 ano, e excluindo como *outlier* um indivíduo com 15 anos).

Alguns dos proprietários destes gatos relataram a existência de doenças que poderão estar relacionadas com as alterações comportamentais exibidas. Foi verificado um caso de infecção urinária, de alopecia, de neurodermatite, de tinea, de obstipação e de lipidose hepática.

As tabelas 6 e 7, que se apresentam no Anexo 2, evidenciam as características dos cães e dos gatos que demonstraram alterações comportamentais, relativamente aos que não revelaram estes sinais, bem como as particularidades inerentes aos seus proprietários e ao meio ambiente em que vivem. Da observação destas tabelas, verifica-se que as diferenças mais significativas encontradas entre o grupo de animais com problemas e o grupo de animais sem problemas, estão relacionadas com a ocorrência de uma alteração relevante no ambiente social do animal ou de um facto considerado traumatizante, bem como com os sinais de dependência revelados pelos animais relativamente aos seus donos. Estes dois parâmetros irão ser analisados com maior detalhe através dos gráficos 6 a 9. No caso particular dos cães, verifica-se ainda uma diferença relevante entre os animais com problemas e sem problemas, no que diz respeito ao número de animais que se encontram presos ou confinados a um espaço limitado. No caso dos gatos, existe também uma diferença considerável no que diz respeito às horas que os donos despendem com os seus animais.

O inquérito realizado permitiu constatar que, dos 66 cães e dos 49 gatos que apresentaram alterações comportamentais, 43 cães e 37 gatos sofreram, em algum momento da sua vida, uma importante alteração no seu ambiente social ou uma experiência traumatizante marcante, conforme revelam os gráficos 6 e 7. A leitura destes gráficos deve ser efectuada tendo em conta que o mesmo animal pode ter sofrido mais do que uma alteração.

As alterações e acontecimentos mais frequentes, tanto entre cães como entre gatos, são o surgimento de um novo membro da família ou de um novo animal, a separação de uma pessoa ou animal a quem estivessem ligados e a mudança de casa ou as alterações na rotina diária.

Gráfico 6 – Alteração no ambiente social dos cães ou outro facto traumatizante.

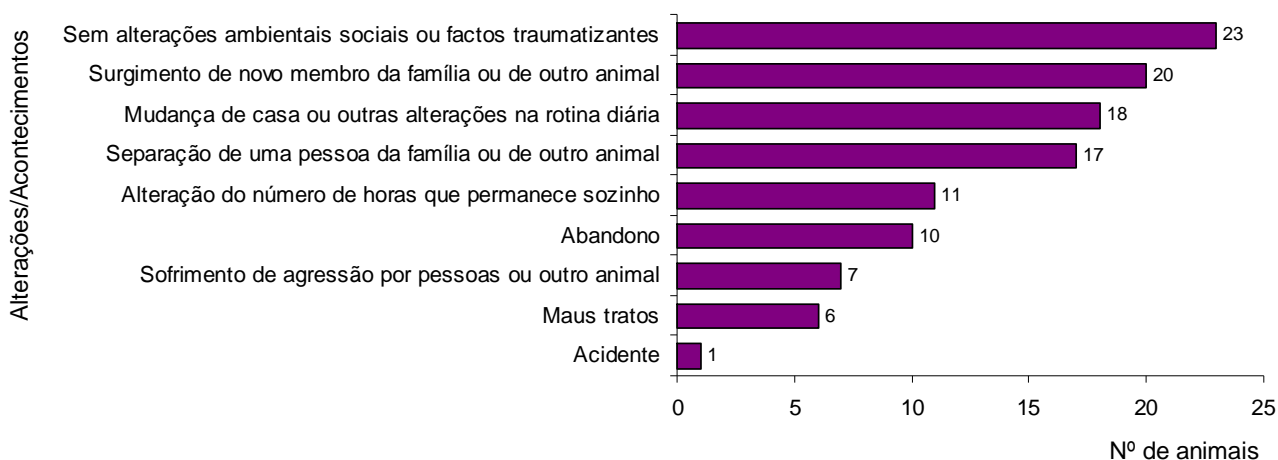
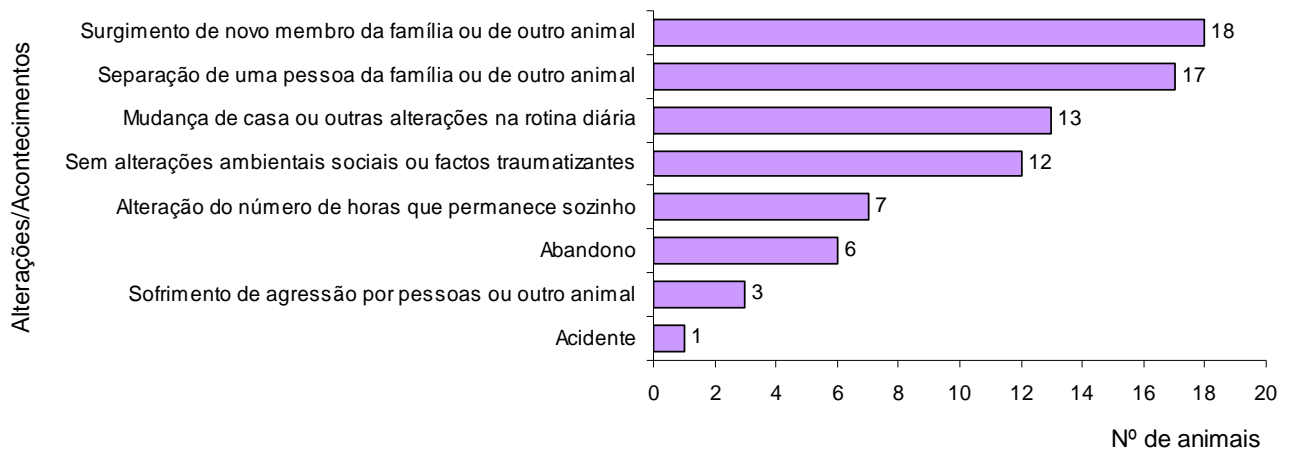
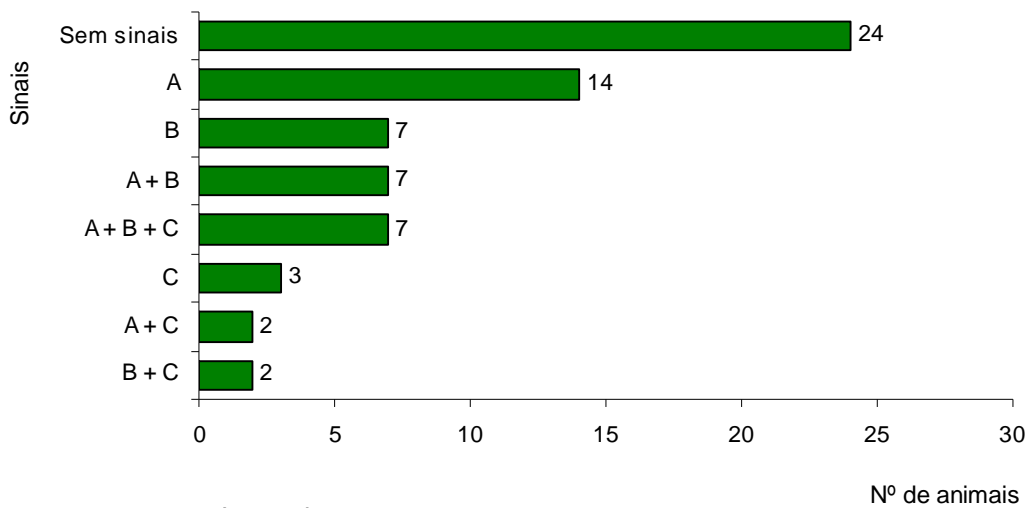


Gráfico 7 – Alteração no ambiente social dos gatos ou outro facto traumatizante.



De entre três sinais reveladores da importância da ligação e da dependência dos animais relativamente aos donos, os mais frequentemente identificados, nos 66 cães e 49 gatos que exibiram alterações comportamentais, estão representados nos gráficos 8 e 9.

Gráfico 8 – Sinais de dependência identificados pelos proprietários de cães.



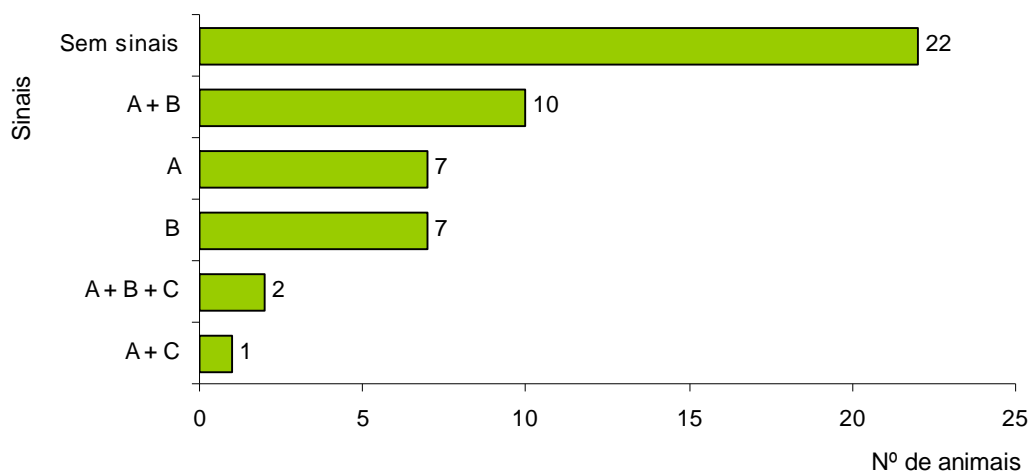
Legenda:

A – Olha fixamente o dono e segue-o.

B – Procura permanente de contacto físico.

C – Ansiedade pela perda de contacto visual.

Gráfico 9 – Sinais de dependência identificados pelos proprietários de gatos.



Legenda:

A – Olha fixamente o dono e segue-o.

B – Procura permanente de contacto físico.

C – Ansiedade pela perda de contacto visual.

Verifica-se que em 24 destes cães e 22 destes gatos não foi reconhecido nenhum dos sinais descritos de A a C. No entanto, no caso dos cães, uma das características comportamentais de 30 destes animais consiste em olhar fixamente o dono, seguindo-o, sinal que é exibido tanto isoladamente, como juntamente com a procura permanente de contacto físico e/ou a demonstração de ansiedade na perda de contacto visual. Estes dois sinais ocorrem mais frequentemente em associação com os restantes, do que isoladamente.

No que diz respeito aos gatos, cada um dos sinais descritos em A e em B foi identificado em 17 destes animais, isoladamente ou em conjunto um com o outro. A ansiedade pela perda de contacto visual foi referida apenas em 3 casos, sempre associada a outro destes sinais.

Apenas os proprietários de 14 dos 42 cães e de 4 dos 27 gatos que manifestaram algum destes sinais, assinalou, simultaneamente, a ansiedade, na lista de sinais que originou os gráficos 4 e 5.

Foi ainda possível apurar que 28 destes 42 cães e 20 destes 27 gatos já sofreu, durante a sua vida, algum tipo de experiência traumatizante ou alteração relevante no seu ambiente social.

Foram realizados testes de Qui-quadrado de Pearson (nível de significância de 5%) para todas as variáveis constantes das tabelas 6 e 7, com o objectivo de analisar a existência de uma associação entre a presença de problemas comportamentais e as características do animal, do proprietário e do meio ambiente. A hipótese nula considerada foi a de que não existe associação entre as variáveis. Os resultados referentes às variáveis que cumprem os requisitos do teste, e que apresentam $p < 0,05$, podem ser observados nas tabelas 8 e 9.

Tabela 8 – Teste de Qui-quadrado de Pearson –
Associação das variáveis com a existência de problemas em cães.

Variáveis	Animais com problemas	Animais sem problemas	Graus de liberdade	Valor do teste	p
Alteração no ambiente social ou outro facto traumatizante	43/66	25/54	1	4,300	0,038
Sinais de dependência	42/66	22/54	1	6,255	0,012
Está preso ou num espaço limitado	18/66	6/54	1	4,848	0,028

Conclui-se assim, que a existência de problemas comportamentais nos cães estudados, não é independente da ocorrência de eventos emocionalmente marcantes na vida destes animais, nem da intensidade da ligação que mantêm com aos seus donos, nem mesmo do facto de se encontrarem presos ou confinados a um espaço limitado.

Tabela 9 – Teste de Qui-quadrado de Pearson –
Associação das variáveis com a existência de problemas em gatos.

Variáveis	Animais com problemas	Animais sem problemas	Graus de liberdade	Valor do teste	p
Alteração no ambiente social ou outro facto traumatizante	37/49	10/28	1	11,866	0,001
Sinais de dependência	27/49	8/28	1	5,059	0,025
Despende menos de 4 h diárias com o proprietário	28/46 *	10/27 *	1	3,872	0,049

Nota: * Foram excluídos 4 animais, em relação aos quais não se obteve resposta a esta questão.

Relativamente aos gatos estudados, também se conclui que a existência de problemas comportamentais não é independente da ocorrência de alterações emocionalmente importantes na sua vida, nem de uma relação de dependência com o dono, nem mesmo do facto de o animal passar poucas horas na companhia do proprietário.

Apenas os proprietários de 11 dos 66 cães e de 10 dos 49 gatos que apresentaram alterações ao seu comportamento normal, afirmam já ter recorrido a alguma forma de tratamento.

A tabela 10 mostra que a modificação comportamental e o tratamento farmacológico constituem os tratamentos mais utilizados entre os proprietários dos cães. Não se verifica, nestes animais, nenhuma combinação das várias formas de tratamento.

Tabela 10 – Tratamentos realizados em cães com problemas comportamentais.

Tratamento	Nº de animais
Manejo Ambiental	2
Modificação comportamental	5
Tratamento farmacológico	4

Os proprietários de cães que efectuaram o manejo ambiental, tratando-se de casos de agressividade e de aumento da actividade, referem que realizaram procedimentos como o aumento da frequência do exercício físico e da interacção entre os animais durante o mesmo, e a alteração do local de descanso e da hora das refeições.

Na modificação comportamental foi mencionada apenas a frequência de cursos de treino e obediência e a utilização do reforço positivo, essencialmente em casos de agressividade.

No que diz respeito ao tratamento farmacológico, foi referido o uso de alprazolam num caso de ansiedade.

Tabela 11 – Tratamentos realizados em gatos com problemas comportamentais.

Tratamento	Nº de animais
Manejo Ambiental	2
Modificação comportamental	1
Tratamento farmacológico	4
Manejo ambiental e tratamento farmacológico	2
Manejo ambiental, modificação comportamental e tratamento farmacológico	1

A tabela 11 apresenta os tratamentos mais utilizados pelos proprietários dos gatos, onde se destaca o tratamento farmacológico e o manejo ambiental. Existem ainda combinações destes dois tratamentos, bem como das três formas de tratamento.

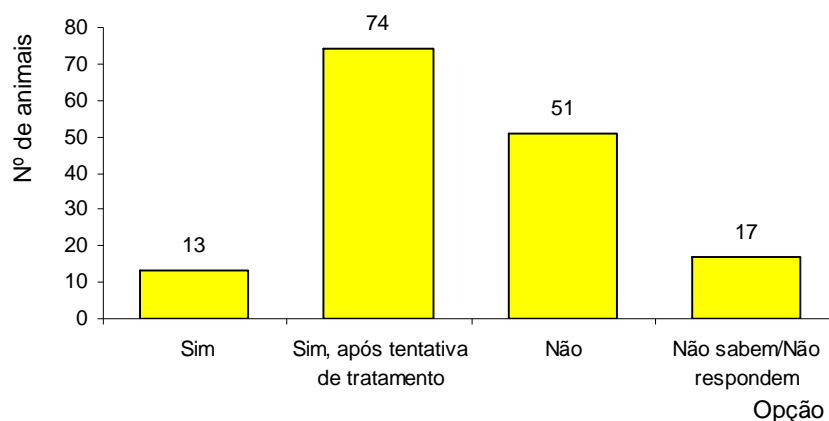
O manejo ambiental dos gatos consistiu na disponibilização de mais camas, mais esconderijos, mais e melhores bebedouros e vários caixotes de areia. A mudança para uma casa onde existem outros animais já conhecidos, mostrou-se útil nos casos de comportamentos auto-dirigidos devido à solidão. Em alguns casos de medos, evitou-se simplesmente a exposição ao estímulo ou passou a dedicar-se mais tempo e atenção ao animal.

A modificação comportamental foi efectuada recorrendo a técnicas como a pulverização com água ou a realização de ruídos súbitos e sonoros no momento da exibição do comportamento indesejado.

No tratamento farmacológico, é mencionado o uso de tranquilizantes, em casos de agressividade e medos, tendo ainda sido utilizada clomipramina e feromonas em alguns casos em que existiam cuidados de higiene excessivos, depressão ou medos. A ração *Calm* da *Royal Canin* foi também fornecida num dos referidos casos de higiene excessiva.

O gráfico 10 reflecte a forma como os 155 proprietários que responderam ao inquérito distribuído acreditam que recorreriam à eutanásia, caso os seus animais sofressem de problemas de agressividade. Verifica-se que 74 proprietários apenas o fariam após a tentativa de resolução do problema através do tratamento. No entanto, existem 51 donos de animais que afirmam que não optariam pela eutanásia em nenhuma situação de agressividade. Apenas 13 proprietários recorreriam à eutanásia sem tentar previamente o tratamento.

Gráfico 10 – Opção pela eutanásia em animais com problemas de agressividade.



Apenas 7 proprietários afirmaram ter alguma vez optado pela eutanásia, num caso de agressividade. Trataram-se sempre de cães, pertencentes a raças tão diversas como Serra

da Estrela e Caniche, bem como a cruzamentos com a raça Pastor Alemão, não tendo outros nenhuma raça definida.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apesar da amostra obtida através deste inquérito se distribuir por diversas regiões, de norte a sul do país, a forma como o mesmo foi divulgado limitou as respostas obtidas, essencialmente, aos proprietários de animais de companhia com acesso à *internet* e aos clientes da Clínica Veterinária de Maфра. Não se pode considerar, por essa razão, que se trata de uma amostra representativa de todo o país, não deixando de constituir, no entanto, uma pequena amostra da população residente na capital e nas zonas adjacentes à mesma.

No que diz respeito ao desenho deste inquérito, a forma como algumas questões foram elaboradas, nomeadamente aquelas que ofereceram a possibilidade de resposta aberta, representou um problema no momento do tratamento dos dados obtidos, uma vez que, para além deste se ter tornado mais moroso, levantou também algumas incertezas relativamente às intenções dos inquiridos. Reconhece-se ainda que algumas das questões apresentadas podem eventualmente ter suscitado dúvidas na sua interpretação, orientando as respostas numa direcção não desejada. Estes seriam, sem dúvida, pontos a melhorar numa futura aplicação deste questionário.

No entanto, um questionário semelhante ao que se apresenta seria adequado para utilização numa consulta de comportamento, conforme foi referido na revisão bibliográfica (Seksel, 2004a), como forma de abordagem a um novo cliente, permitindo a recolha dos dados necessários a uma avaliação preliminar das características do animal e do ambiente em que se insere, bem como das sua interacções com a família e com os outros animais da mesma casa. Permitiria ainda identificar as alterações comportamentais observadas pelo proprietário, auxiliando o médico veterinário na elaboração de um diagnóstico e de um plano de tratamento específico para aquele animal e para aquela família.

As respostas ao inquérito realizado dizem respeito a 197 animais, 120 cães e 77 gatos, e foram obtidas de 155 proprietários, 127 do sexo feminino e 28 do sexo masculino, com uma média de idades de 37 anos no caso das mulheres e 45 anos no caso dos homens. Destes 155 proprietários, 127 possuem apenas um animal de estimação nesta amostra, sendo 89 cães e 38 gatos. 21 proprietários detêm, cada um deles, dois animais pertencentes a esta amostra, correspondendo a 21 cães e a 21 gatos. Os restantes 7 proprietários possuem, cada um, entre três a cinco animais do grupo em estudo.

Esta amostra é composta por animais que se distribuem por várias zonas do país, sendo que o seu maior sub-grupo, constituído por 101 animais, provém do distrito de Lisboa. Apesar de esta ser uma região essencialmente urbana, ao observarmos a distribuição

destes animais por concelhos, verificamos que 37 indivíduos residem no concelho de Mafra, uma zona que ainda mantém uma importante componente rural e onde o animal não existe apenas como companhia, mas também como auxiliar no trabalho, como é o caso dos cães utilizados na caça ou na guarda de propriedades. Este facto poderá ter algum peso quando analisamos questões como o número de animais por agregado familiar, o número de horas que o proprietário despende com o seu animal ou o número de visitas ao veterinário.

4.1. Canídeos

Relativamente aos 120 cães desta amostra, apurou-se que 119 destes animais têm idades compreendidas entre 1 e 17 anos de idade, sendo a sua média de 5 anos. Apesar de estarem representadas na amostra 28 raças diferentes, num total de 76 animais, existem 44 cães que não possuem uma raça definida. Foi ainda possível determinar que 66 dos cães desta amostra são machos e 54 são fêmeas.

Ao identificarem as alterações comportamentais verificadas nos seus animais de companhia, os proprietários que responderam a este inquérito revelaram que estas ocorreram em 66 cães e foram exibidas tanto isoladamente como em associação entre elas. No que diz respeito à agressividade e ao seu alvo, verifica-se que este problema aumenta de frequência de pessoas para animais e de conhecidos para desconhecidos, sendo a agressividade para com animais desconhecidos o problema comportamental mais frequentemente referido pelos proprietários de cães. Apesar de 10 dos 34 cães que manifestaram algum tipo de agressividade se encontrarem gonadectomizados, em nenhum caso foi relatada a correcção deste comportamento, o que vem constatar, conforme havia sido referido na revisão bibliográfica (Frank, 2010c), que, sendo possível que possa reduzir o número de lutas, este procedimento não constitui uma cura para a agressividade. Nos casos em que vários animais habitam na mesma casa, é fácil compreender que exista uma maior probabilidade de surgirem confrontos, originados pela procura do controlo de determinados contextos sociais ou recursos ambientais. Outra questão a ter em conta refere-se às doenças mencionadas pelos proprietários neste inquérito. De acordo com a bibliografia consultada (Seksal, 2004a), os tumores, caso se localizem no cérebro, e as afecções que causem dor, como a displasia da anca, podem estar na origem de um comportamento agressivo. Para além disso, tal como foi também mencionado anteriormente (Seksal, 2004a), este comportamento está associado a uma componente educativa, podendo persistir após o tratamento da doença que o motivou ou após a gonadectomia. Os casos em que este problema se manifesta desde o início da vida do animal, sugerem, de acordo com o exposto na revisão bibliográfica (Amat *et al.*, 2005; Houpt, 2005c; Luescher, 2004), que possa estar relacionado com o medo, derivado de uma deficiente socialização ou

de problemas na educação do animal, que permitiram que crescesse associando a agressividade a uma forma de evasão da ameaça.

É importante, por esta razão, salientar que, nesta espécie, o medo foi determinado como sendo o segundo problema mais frequente nesta amostra, a par com a ansiedade e agitação, tendo estes comportamentos sido reconhecidos em 21 cães. Os medos mais comumente exibidos por estes animais prendem-se com certos sons altos e fora do comum, com pessoas estranhas e com movimentos bruscos, tendo também sido referido o medo de autocarros, de vassouras e de homens. De acordo com a bibliografia consultada (Hunthausen, 2010a; Landsberg, 2008a), nos cães, os problemas de ansiedade são caracterizados por originarem a exibição de outros comportamentos indesejados, como o comportamento destrutivo, a auto-mutilação, a vocalização excessiva e a eliminação inapropriada. Todos estes problemas foram reconhecidos, em diferentes frequências, pelos proprietários que responderam a este inquérito, como veremos de seguida.

O comportamento destrutivo foi identificado em 9 cães, podendo o factor de stress, quando associado à ansiedade, estar relacionado com situações como a presença de doença, fome, fobias, frustrações ou exercício insuficiente. Pode ainda ter subjacente um comportamento associativo, conforme referido na bibliografia consultada (Hunthausen, 2010d).

A auto-mutilação, por si só, não foi observada nos cães desta amostra. No entanto, este comportamento é muitas vezes consequência da persistente lambedura de certas regiões do corpo dos animais, sendo este comportamento mais frequentemente reconhecido pelos proprietários, o que sucedeu em 11 casos. Como veremos mais à frente neste estudo, uma importante parcela dos animais que apresentaram algum tipo de alteração comportamental sofreram, em algum momento da sua vida, uma alteração ambiental ou um acontecimento emocionalmente marcante, factos que podem ter representado o estímulo causador deste problema comportamental. A falta de estímulos sociais e ambientais, a necessidade de deflectir um conflito social ou de reduzir o nível de excitação (Virga, 2007b), bem como a presença de alergias, que se verifica em alguns destes animais, pode também estar na origem deste comportamento.

A vocalização excessiva foi observada em 5 cães, nenhum deles apresentando qualquer doença. Este facto, especialmente nos casos em que este problema existe desde o início da vida dos animais, sugere que este comportamento não estará relacionado com outra questão que não seja a ansiedade, nomeadamente quando está associada à necessidade de estabelecer contacto com outros animais ou pessoas, situação já mencionada anteriormente e bastante frequente nos animais desta amostra.

A eliminação inapropriada é um problema exibido por 9 dos cães desta amostra, encontrando-se apenas um animal gonadectomizado, no qual não foi verificada a correcção do problema. De acordo com as causas mais frequentes da eliminação inapropriada nos cães, referidas anteriormente (Hunthausen, 2010a), para além da possibilidade de existir um

problema de ansiedade, e na ausência de uma doença que justifique aquele problema, pode estar subjacente um comportamento de marcação ou, nos casos em que os animais apresentam este comportamento desde o início da sua vida, uma deficiência no treino e educação. No entanto, de acordo com a bibliografia consultada (Hunthausen, 2010a), sabe-se também que existem casos em que, após o tratamento de uma doença que tenha desencadeado este tipo de comportamento, muitos cães continuam a exibi-lo, o mesmo ocorrendo com alguns animais após a gonadectomia.

Para além das alterações comportamentais analisadas anteriormente, várias outras foram identificadas pelos proprietários: a desobediência, o aumento da actividade, a dificuldade de aprendizagem, a locomoção anómala, a depressão, isolamento e submissão, a desorientação, o comportamento sexual indesejado, as alterações nas interações sociais, a dificuldade em dormir, o comportamento repetitivo, o picacismo e a hipersalivação. No entanto, estas ocorreram num número reduzido de animais ou correspondem a sinais inespecíficos, não se considerando que exista interesse na sua análise, tendo em consideração a amostra em estudo.

As respostas ao inquérito distribuído permitiram reunir diversas informações acerca dos animais, mas também acerca do ambiente em que vivem e dos seus proprietários. A partir destes dados foi realizado um estudo comparativo entre o grupo de cães que apresentou algum problema comportamental (66 animais) e o grupo de cães que não apresentou problemas (54 animais). Verificou-se assim que, relativamente ao grupo de animais com problemas, as idades dos proprietários variam entre os 14 e os 63 anos, sendo a sua média de 37 anos. No grupo de animais sem problemas, aquela média é de 39 anos, e as idades variam entre os 20 e os 47 anos. Apesar das médias dos dois grupos serem semelhantes, o grupo de cães com problemas possui donos com idades mais jovens, mas também mais avançadas. É importante, no entanto, salientar que, em média, ambos os grupos pertencem a agregados familiares de dois adultos, podendo este número chegar aos seis indivíduos, pelo que a idade do proprietário que efectivamente respondeu ao inquérito poderá não reflectir as faixas etárias do restante agregado. Ainda no que diz respeito ao agregado familiar, e tendo em conta que o comportamento das crianças poderá ser um factor de stress para os animais, influenciando o seu comportamento, concluiu-se que a grande maioria destes cães, tanto com problemas (53/66 animais) como sem problemas (40/54 animais), pertence a famílias onde não existem crianças. As crianças não parecem, portanto, influenciar de forma significativa o comportamento dos animais desta amostra.

No que respeita ao número de animais que convive dentro da mesma casa, os cães de ambos os grupos dividem-se essencialmente entre os que vivem sozinhos com os seus donos (20/66 e 25/54 animais), os que têm um outro companheiro (22/66 e 14/54 animais) e os que convivem com três ou mais animais (18/66 e 12/54 animais).

Tentando analisar a relação do proprietário com o seu animal, o inquérito distribuído incluía uma questão sobre o número de horas que passam juntos. Também nesta situação não existem diferenças significativas entre os dois grupos de cães. Ignorando os casos em que não se obteve resposta, concluiu-se que cerca de metade dos animais de cada grupo (33/60 cães com problemas e 22/50 cães sem problemas) beneficia da companhia do seu dono durante menos de quatro horas por dia. Tendo esta questão sido apresentada com a possibilidade de resposta aberta, os resultados obtidos revelaram que, em alguns casos, os proprietários acreditam que todas as horas que passam em casa estão a ser passadas com o seu animal, não parecendo compreender que as necessidades de alguns animais vão muito além da simples companhia (Haupt, 2005c), requerendo a atenção directa e a interacção com o dono, através de brincadeiras, passeios ou apenas festas. Efectivamente, de acordo com a bibliografia consultada (Hunthausen, 2010d; Virga, 2007b), tanto nos cães como nos gatos verifica-se que a estimulação física e mental promove os comportamentos normais de cada espécie, auxiliando na redução da exibição de comportamentos indesejados. Entre as sequelas que advêm da ausência de estímulos sociais e ambientais estão a eliminação inapropriada, a agressividade, a ansiedade e o comportamento auto-dirigido, entre outras. As interacções sociais são por essa razão muito importantes como forma de desviar a atenção do animal relativamente aos eventuais factores de stress a que possa estar sujeito na sua rotina diária.

Relativamente à regularidade das visitas ao veterinário, os proprietários de 58 dos 66 cães com problemas e de 50 dos 54 cães que não apresentaram problemas, afirmaram fazê-lo pelo menos uma vez por ano, o que reflecte uma considerável sensibilização para os eventuais problemas apresentados pelos animais de companhia representados nesta amostra, bem como para o cumprimento das obrigações legais de vacinação.

No que diz respeito às características inerentes aos cães desta amostra, sabe-se que a média de idades dos animais que apresentaram, e que não apresentaram, alterações comportamentais, é de 6 e de 4 anos, respectivamente. No entanto, as idades dos cães destes dois grupos variam desde o primeiro ano de vida até aos 17 e 13 anos, respectivamente.

Dos 66 cães que exibiram problemas, 37 são machos e 29 são fêmeas, enquanto no grupo dos 54 animais que não exibiram problemas, encontram-se 29 machos e 25 fêmeas.

Quanto à raça, 27 dos 66 animais com problemas e 17 dos 54 animais sem problemas não pertencem a uma raça definida. Os restantes 39 cães do primeiro grupo pertencem a 21 raças diferentes e os restantes 37 cães do segundo grupo a 18 raças diferentes.

Sabe-se também que 18 animais de cada grupo foram gonadectomizados.

Ao analisar a proveniência dos cães desta amostra verificamos que um total de 58 dos 66 animais com problemas, e de 48 dos 54 animais sem problemas, foram sobretudo adoptados a partir de outra família, mas também recolhidos da rua e de canis, tendo apenas

um pequeno número (5 e 6 animais, respectivamente) sido adquirido a entidades comerciais. Sendo esta atitude por parte dos proprietários louvável, torna no entanto difícil, no âmbito deste estudo, alcançar algumas conclusões, uma vez que as respostas a questões como a idade em que o animal foi separado da mãe ou o número de proprietários que o animal já teve, são, em muitos casos, desconhecidas. Daquilo que foi possível apurar relativamente a estas questões, sabe-se que, em ambos os grupos em estudo, os cães tiveram em média um dono. No entanto, verificou-se que em alguns casos chegaram a existir três donos. Este número, aliado ao facto de, em 13 dos animais com problemas e em 11 dos animais sem problemas, não ter existido uma resposta a esta questão, torna possível a existência de casos em que tenham ocorrido acontecimentos relacionados com separação e abandono, que possam ter influenciado o temperamento e comportamento dos animais que vieram a demonstrar problemas. Apesar desta possibilidade, há a salientar que não existem diferenças significativas entre os valores apurados para cada um dos grupos em estudo. Sabe-se também que, em média, em ambos os grupos, os animais foram separados da mãe aos dois meses, o que, de acordo com a bibliografia consultada (Luescher, 2004), constitui a altura ideal. No entanto, alguns animais com problemas fizeram-no precocemente, antes das quatro semanas de vida. De acordo com o que foi exposto na revisão bibliográfica apresentada (Amat *et al.*, 2005; Houpt, 2005c), dependendo do nível de socialização que lhes tenha sido permitido a partir desse momento, a separação precoce destes animais, tanto da mãe como dos irmãos, poderá suscitar alguns problemas na interacção com outros animais. Estes cães tendem a revelar receio e comportamentos anti-sociais, assim como dificuldades na aprendizagem.

Com o objectivo de investigar os hábitos dos animais desta amostra, procurou-se resposta para questões relacionadas com o local da casa onde passam o seu tempo, com a alimentação, com o número de horas que passam sozinhos e com o número de passeios diários que realizam. Os resultados obtidos permitiram constatar-se que 41 dos 66 cães que exibiram alterações comportamentais, e 30 dos 54 cães que não exibiram estas alterações, vivem no exterior ou têm acesso a áreas tanto interiores como exteriores, o que faz sentido quando se considera ser uma espécie utilizada na guarda de propriedades. Infelizmente, 18 dos cães do primeiro grupo encontram-se presos ou dispõem apenas de um espaço limitado para passar o seu dia, o que poderá estar relacionado com o número de proprietários que passa poucas horas com o seu animal. Tal sucede apenas em 6 casos do grupo de animais que não exibiram problemas. Apurou-se ainda que 64 dos 66 animais do primeiro grupo, e 49 dos 54 animais do segundo grupo, têm um local específico para dormir, não dormindo com os donos, o que reflecte disciplina e preocupação em dar ao animal o seu espaço próprio.

No que diz respeito à alimentação, os proprietários recorrem essencialmente à ração seca ou à sua mistura com ração húmida, raramente utilizando comida caseira, facto que

provavelmente se prenderá com a rapidez na preparação e com a facilidade de utilização daquele tipo de alimento, mas também com o cuidado em facultar ao animal uma alimentação completa, uma vez que estamos perante um grande número de proprietários que se preocupa com a saúde do seu animal de companhia, conforme já foi concluído através da análise à regularidade das visitas ao veterinário. Em ambos os grupos, uma grande parte dos cães são recompensados com guloseimas (46/66 animais e 40/54 animais).

Ao averiguar o número de horas diárias que os animais passam sozinhos, tentou-se apurar o tempo que o animal despende, não só na ausência do dono, mas também de qualquer outra pessoa que frequente a casa. Verificou-se, mais uma vez, não existirem diferenças importantes entre os dois grupos estudados, sendo a média, em ambos, de 6 horas, o que, para alguns animais mais carentes de atenção, poderá ser excessivo. Existem também alguns animais do grupo que manifestou problemas, que permanecem sozinhos durante mais 5 horas (máximo de 20 horas) que os animais do grupo que não manifestou problemas (máximo de 15 horas). O facto destes cães não usufruírem da companhia de qualquer pessoa durante quase todo o dia, poderá constituir um factor de stress e colocar o animal em risco de desenvolver problemas comportamentais, conforme foi referido anteriormente.

As saídas à rua, no caso dos cães, para além de representarem momentos de exercício e de convívio com o dono, constituem também uma possibilidade de contacto e socialização com outras pessoas e animais, permitindo ainda a manutenção dos hábitos de higiene. Relativamente a esta questão, não se encontraram diferenças importantes entre os dois grupos estudados. Dos 66 cães que apresentaram alterações comportamentais, 26 realizam apenas um a dois passeios diários, 23 saem à rua três a quatro vezes por dia, 6 beneficiam de mais de quatro passeios diários, mas 11 não chegam a sair de casa durante todo o dia. No grupo dos 54 cães que não exibiram aquelas alterações, 21 apenas saem de casa uma a duas vezes por dia, 15 fazem três a quatro passeios diários, 8 usufruem de mais de quatro passeios por dia, e 10 nunca saem de casa. Importa salientar que, mais importante que o número de passeios realizados, é a qualidade dos mesmos e a interacção que se consegue durante esses momentos, seja com o dono, seja com outras pessoas ou animais. Os animais que nunca saem de casa, não beneficiam das vantagens referidas anteriormente, o que poderá contribuir para o surgimento de alterações comportamentais ao longo do tempo. Conforme foi mencionado na revisão bibliográfica (Hunthausen, 2010d), os animais em estudo, particularmente os cães, pertencem a espécies sociáveis que, caracteristicamente, exibem comportamentos que propiciam o contacto com outros indivíduos. Esta necessidade de manter uma ligação com outros animais ou com o dono, poderá originar o desenvolvimento de problemas de dependência excessiva, nomeadamente de ansiedade de separação. Com o intuito de avaliar a intensidade da ligação e a dependência que os animais desta amostra sentem relativamente aos seus donos, questionou-se os proprietários

sobre a exibição de alguns sinais por parte dos seus animais de companhia: o hábito de olhar fixamente o dono, seguindo-o, a procura constante de contacto físico, e a demonstração de ansiedade quando perde o contacto visual. No grupo de animais com problemas verificou-se que 42 dos 66 cães demonstraram algum destes sinais, enquanto no grupo de animais sem alterações comportamentais tal apenas se verificou em 22 dos 54 animais.

De acordo com a bibliografia consultada (Hunthausen, 2010d), as modificações no ambiente ou a ocorrência de uma experiência emocionalmente marcante, podem constituir o estímulo causador da exibição de alterações comportamentais por parte dos cães. Foi possível apurar que 43 dos cães que apresentaram algum tipo de alteração comportamental, e 25 dos cães que não apresentaram alterações, experimentaram uma mudança relevante no seu ambiente social ou um evento emocionalmente significativo em determinado momento da sua vida.

Da análise dos dados recolhidos através do inquérito distribuído, e tendo em consideração o que foi exposto nos parágrafos anteriores, é possível verificar que as diferenças mais relevantes encontradas entre o grupo de cães que exibiram algum tipo de alteração comportamental, e o grupo de cães que não exibiram qualquer alteração, se prendem essencialmente com três factores da vida dos animais: viverem presos ou confinados a um espaço reduzido, manterem com o seu dono uma relação de grande dependência, e terem sofrido uma experiência emocionalmente importante na sua vida. Os testes de Qui-quadrado de Pearson realizados vieram corroborar que a existência de problemas comportamentais não é independente destes três factores. Recorrendo às informações disponibilizadas pelos proprietários, é possível estudar de uma forma mais detalhada estes dois últimos factores.

Assim sendo, sabe-se que, dos 66 cães que apresentaram problemas comportamentais, 43 passaram, no mínimo, por uma experiência emocionalmente marcante, sendo a mais frequente o surgimento de um novo membro na família ou de um novo animal em casa, facto que sucedeu com 20 destes animais. Também a mudança de casa ou as alterações na rotina diária (18/43 animais), bem como a separação de uma pessoa da família ou de outro animal de quem fossem próximos (17/43 animais), estão entre as transformações mais frequentes no ambiente dos cães desta amostra. A alteração do número de horas que os animais permanecem sozinhos (11/43 animais) e o sofrimento do abandono (10/43 animais) poderão também estar na origem das alterações comportamentais que se verificaram nestes cães. Embora com menor frequência, os episódios de agressão por parte de pessoas ou outros animais (7/43 animais), os maus tratos continuados (6/43 animais) e até o sofrimento de um acidente (1/43 animais), poderão também ter tido um papel importante no comportamento dos cães deste estudo.

Relativamente à proximidade da relação que mantêm com o dono, as respostas obtidas permitiram concluir que, dos 66 cães que exibiram alterações comportamentais, 30 têm o hábito de olhar fixamente o dono, seguindo-o, 23 procuram constantemente o contacto físico e 14 demonstram ansiedade aquando da perda do contacto visual. Estes comportamentos ocorrem tanto isoladamente como associados uns com os outros, podendo o mesmo animal apresentar mais do que um destes sinais. Foi também possível apurar que 24 daqueles 66 cães não exibiu qualquer destes sinais, revelando uma relação saudável, sem uma dependência exagerada dos seus donos. É importante não esquecer que alguns proprietários poderão não conseguir identificar correctamente determinados comportamentos excessivos, acreditando que se tratam de comportamentos normais de afecto, uma vez que sempre foram exibidos pelo seu animal de companhia ao longo da vida. Sabe-se, nomeadamente, que apenas os proprietários de 14 dos 42 cães que apresentaram algum destes sinais, assinalou a ansiedade como uma alteração comportamental nestes animais. Nos casos de animais que foram recolhidos da rua ou de canis, ou mesmo naqueles que foram adoptados de outras famílias, a esta dependência poderá estar subjacente a ocorrência de algum acontecimento emocionalmente marcante, relacionado com a separação dos donos anteriores ou com o afastamento precoce da mãe. Efectivamente, sabe-se que 28 destes 42 cães já sofreram uma alteração ambiental importante ou um acontecimento emocionalmente relevante na sua vida. No entanto, o facto de existirem muitos proprietários que não respondem quando questionados sobre a idade de início destes comportamentos, pode estar relacionado com o desconhecimento de pormenores sobre a história dos animais, mas também com a incapacidade de definir esse momento, uma vez que o animal sempre se comportou dessa forma. De facto, em média, os proprietários que respondem, afirmam que tais comportamentos são observados desde os primeiros anos de vida, o que sugere que estes não estão relacionados com momentos específicos ao longo da vida do animal, fazendo parte das suas características comportamentais desde cedo.

Apesar de 66 dos cães desta amostra apresentarem alterações comportamentais, apenas 11 destes animais receberam algum tipo de tratamento. As formas de tratamento mais comumente utilizadas nestes cães foram a modificação comportamental (5/11 animais), recorrendo-se essencialmente a aulas de treino e de obediência, e o tratamento farmacológico (4/11 animais), embora apenas um proprietário tenha identificado o fármaco utilizado. Foi também realizado o manejo ambiental em 2 casos. Apesar de se ter verificado, através da bibliografia consultada que, de um modo geral, o tratamento farmacológico deve ser utilizado como um adjuvante da modificação comportamental e do manejo ambiental ou, ainda que seja imprescindível o seu uso, deve ser acompanhado das referidas formas

terapêuticas de modo a conseguir-se um resultado mais eficaz, nos cães desta amostra recorreu-se ao uso dos fármacos sem qualquer associação com outra forma de tratamento.

4.2. Felídeos

No que diz respeito aos 77 gatos estudados, foi possível determinar as idades de 75 destes animais, que variam entre 1 e 19 anos, sendo a sua média de 5 anos. Sabe-se ainda que existem 36 machos e 41 fêmeas nesta amostra e que 68 animais não pertencem a uma raça definida.

Os proprietários de 49 gatos revelaram a ocorrência de alterações comportamentais nos seus animais de companhia e, tal como no caso dos cães, estes sinais foram exibidos tanto isoladamente como em associação com outros.

Os medos são o problema comportamental que mais se destaca nos gatos, sendo exibidos por 28 animais. À semelhança do que foi abordado na bibliografia consultada, também os proprietários inquiridos relataram medos relacionados com determinados sons altos ou fora do comum, com pessoas estranhas ou com outros animais, mas ainda com movimentos bruscos, bem como com a simples saída para o exterior. No entanto, deve ter-se em consideração que os gatos são, por natureza, animais que se assustam com facilidade, não constituído esta característica, necessariamente, um problema comportamental, excepto nos casos em que se apresenta de uma forma exagerada ou em que conduz a outros comportamentos indesejados. A neurodermatite, que foi observada num destes casos, pode ser um exemplo duma situação em que o medo constituiu o estímulo causador do stress e ansiedade que promoveram o comportamento auto-dirigido.

No que diz respeito à agressividade e ao seu alvo, verifica-se que este problema se verifica essencialmente com animais desconhecidos, sendo o segundo problema comportamental mais referido pelos donos dos gatos (14/49 animais). A frequência da agressividade observada relativamente a animais e pessoas conhecidas é reduzida (1/49 e 2/49 animais, respectivamente), aumentando com pessoas desconhecidas (6/49 animais). Dos 20 animais que apresentaram sinais de agressividade, 17 encontram-se gonadectomizados, mas em apenas 4 foi reconhecida a correcção deste problema, verificando-se, da mesma forma que nos cães, que este procedimento não parece constituir uma cura para este problema. Tal como também foi mencionado aquando do estudo dos cães, este comportamento pode estar relacionado com a necessidade de controlo dos recursos ambientais e sociais numa casa com vários animais (Horwitz, 2006; Virga, 2007a). Outra possível causa para este problema poderá estar relacionada com as doenças indicadas pelos proprietários neste inquérito. De acordo com a bibliografia consultada (Seksal, 2004a), as afecções que causem dor ou desconforto, como infecções ou parasitoses, podem desencadear um comportamento agressivo. No entanto, muitos dos gatos desta amostra exibem este comportamento desde o

início da sua vida, o que sugere, de acordo com o exposto na revisão bibliográfica (Virga, 2007a), que tal possa ser motivado pelo medo, resultante de uma socialização insuficiente ou, menos frequentemente, por deficiências na educação, que permitiram ao animal associar a agressividade a uma forma de evasão eficaz. É importante lembrar que o medo foi determinado como sendo o problema mais frequente nos gatos desta amostra. Outra explicação (Seksel, 2004c; Virga, 2007a), particularmente nesta espécie, poderá estar relacionada com a separação precoce da mãe, facto que, para além de intensificar o comportamento predatório nestes animais, não lhes concedeu a oportunidade de aprender com ela a controlar determinados comportamentos.

A ansiedade e a agitação constituem, juntamente com a higiene excessiva, a terceira alteração comportamental mais comum nos gatos desta amostra, sendo exibida por 11 destes 49 animais. De acordo com a bibliografia consultada (Seksel, 2006), os gatos com os problemas de ansiedade são caracterizados por incorrerem noutros comportamentos indesejados, como sejam as alterações do apetite, nomeadamente picacismo, o exagerado lambar da pelagem, a eliminação inapropriada ou as alterações da vocalização. Estes problemas também foram reconhecidos, de uma forma mais ou menos frequente, pelos proprietários que responderam a este inquérito, conforme se descreve nos parágrafos seguintes.

O picacismo verificou-se em 2 dos gatos desta amostra. Segundo a bibliografia consultada (Seksel, 2006), este comportamento pode estar relacionado com aspectos como o stress derivado do facto do animal permanecer constantemente dentro de casa, o desmame precoce, a manipulação insuficiente e a ausência de desenvolvimento de um comportamento exploratório e de predação adequados.

A auto-mutilação foi observada em apenas 1 gato desta amostra. No entanto, como foi mencionado anteriormente, este comportamento está muitas vezes relacionado com os cuidados excessivos de higiene, sendo uma consequência da persistente lambedura de determinadas zonas do corpo dos animais. Estes cuidados são mais frequentemente reconhecidos pelos proprietários, o que, conforme foi referido, sucedeu em 11 gatos. De acordo com a revisão bibliográfica apresentada (Seksel, 2006), estímulos como a mudança de casa, um novo membro na família, a convivência entre demasiados gatos, os castigos ou um enriquecimento ambiental insuficiente poderão estar na origem deste comportamento. É de salientar a presença de alopecia e de neurodermatite entre as doenças mencionadas pelos proprietários, uma vez que são, de acordo com a bibliografia consultada (Seksel, 2006; Virga, 2007b), possíveis consequências deste desvio comportamental.

A eliminação inapropriada é um problema exibido por 6 gatos desta amostra, encontrando-se todos eles gonadectomizados, mas apenas se verificando a correcção do problema num dos casos. Verifica-se portanto nesta amostra, à semelhança do que foi referido na revisão bibliográfica (Hunthausen, 2010b), a exibição deste comportamento por parte de gatos

submetidos a este procedimento. Afecções como a infecção urinária e a obstipação, verificadas em animais desta amostra, poderão ter contribuído para este problema. Teria sido importante conhecer o tipo de superfícies onde é realizada a eliminação, uma vez que, como foi descrito anteriormente (Hunthausen, 2010b), poderá estar associada ao comportamento de marcação, quando é realizada em superfícies verticais, ou a problemas médicos ou de aversão ao caixote da areia, quando ocorre em superfícies horizontais. Sabe-se, pela bibliografia consultada (Hunthausen, 2010b), que o comportamento de marcação não está apenas relacionado com a territorialidade, mas também com factores de stress causadores de ansiedade, como as alterações no ambiente ou na relação com o dono.

A vocalização excessiva foi observada em 9 gatos desta amostra, apresentando apenas um deles uma afecção que possa justificar este problema: a lipidose hepática. Sendo uma doença associada a gatos obesos, estes poderão estar sujeitos a dietas de restrição calórica, o que explicaria uma alteração na vocalização, como forma de expressar a sua necessidade de alimento. Nos casos em que esta característica é revelada desde o início da vida do animal, é possível que esteja apenas relacionada com um problema de ansiedade, podendo evidenciar uma necessidade de contacto social com outros animais, de atenção por parte do dono ou apenas de alimento, tal como foi mencionado na revisão bibliográfica (Seksal, 2006).

Os proprietários que responderam a este inquérito relataram outras alterações comportamentais, para além das que foram aqui analisadas: a depressão, isolamento e submissão, a desorientação, a desobediência, o comportamento destrutivo, o aumento da actividade, a locomoção anómala e a hipersalivação. No entanto, da mesma forma que foi referido no caso dos cães, não se considera que exista interesse na sua análise, uma vez que estas alterações consistem em sinais inespecíficos ou que ocorreram num número reduzido de animais. Foram ainda relatados como alterações comportamentais, o facto dos gatos afiarem as unhas num local inapropriado ou dos animais acordarem os donos lambendo-os quando o despertador toca, por exemplo. Tais comportamentos fazem parte das características normais de animais saudáveis e afectuosos, não devendo ser interpretados como um problema comportamental.

Quando comparado o grupo de gatos que apresentaram algum tipo de alteração comportamental (49 animais) com o grupo que não apresentou alterações (28 animais), verifica-se que as idades dos proprietários variam entre os 22 e os 52 anos no primeiro caso e entre os 20 e os 57 anos no segundo caso, sendo a sua média de 41 e de 37 anos, respectivamente. Tal como foi salientado no estudo dos cães, também os gatos, na sua generalidade, pertencem a agregados de mais de uma pessoa. Em média, os animais com problemas pertencem a agregados de dois adultos, podendo chegar aos quatro indivíduos, e os animais sem problemas convivem em média com três adultos, chegando em alguns

casos aos seis indivíduos. Da mesma forma que os cães, também os gatos pertencem, na sua maioria, a famílias sem crianças. É o caso de 42 dos 49 animais com problemas e de 21 dos 28 animais sem problemas. Os dados obtidos sugerem assim que, de uma forma geral, não serão as crianças, nem as famílias mais numerosas, que representarão o factor de stress para os gatos desta amostra.

No que diz respeito ao número de animais que convive na mesma casa, cerca de um terço dos animais sem problemas (9/28 animais) convivem com três ou mais animais, enquanto apenas um quinto dos animais com problemas (10/49 animais) se encontra na mesma situação. Na realidade, 17 gatos do grupo de animais que apresentaram alterações comportamentais vive sozinho com os seus donos e 19 têm apenas mais um companheiro. No grupo de gatos sem alterações, tal sucede em 7 e 8 casos respectivamente. Alterações comportamentais como lutas ou eliminação inapropriada, não parecem assim ser desencadeadas pela existência de populações numerosas de animais na mesma casa.

Ao analisar o número de horas que o proprietário despende com o seu animal de companhia, verifica-se que 28 dos 49 gatos com problemas passa menos de 4 horas na companhia do seu dono. Tal acontece apenas com 10 dos 28 animais sem problemas. Os benefícios que os momentos passados com o dono proporcionam ao animal, nomeadamente quando se traduzem em estímulos físicos, mentais, sociais ou ambientais, foram já referidos no estudo dos cães, e sabe-se, portanto, que a sua ausência poderá estar na origem da concentração do animal em eventuais factores de stress que o possam rodear. Embora não de forma tão evidente como no caso dos cães, também os donos dos gatos parecem preocupar-se com a saúde dos seus animais, visitando o médico veterinário pelo menos uma vez por ano em 33 dos 49 casos de animais com problemas e em 19 dos 28 casos de gatos sem problemas.

Examinando as características próprias dos gatos desta amostra, apurou-se que a média das suas idades é de 5 anos em ambos os grupos. As idades variam entre o primeiro ano de vida e os 13 e 15 anos, nos grupos de animais com e sem problemas, respectivamente. Os sexos também se encontram distribuídos de forma semelhante, existindo 23 machos e 26 fêmeas no primeiro grupo e 13 machos e 15 fêmeas no segundo grupo. Da mesma forma, não parece existir predisposição rásica para a apresentação de problemas nestes gatos, uma vez que 43 animais do primeiro grupo e 25 animais do segundo grupo, não pertencem a uma raça definida.

Os gatos são a espécie desta amostra em que mais frequentemente se procedeu à gonadectomia, o que ocorreu em 42 dos 49 animais que apresentaram alterações comportamentais e em 20 dos 28 animais em que tal não sucedeu. Este facto sugere que o comportamento sexual destes animais, por se traduzir num comportamento errante, agressivo, de marcação e de vocalização excessiva, constitui um maior incómodo para os seus proprietários, relativamente aos proprietários dos cães.

Os gatos desta amostra são maioritariamente oriundos da rua (29/49 animais com problemas e 17/28 animais sem problemas), tendo um número significativo sido adoptado de outra família (13/49 animais com problemas e 10/28 animais sem problemas). A origem dos animais e os acontecimentos ocorridos nas primeiras semanas de vida, sendo conhecidos ou não do actual proprietário, podem cumprir um papel importante enquanto factores causadores de problemas comportamentais. Tal é corroborado pelo facto de, em média, os proprietários de gatos que apresentaram alterações comportamentais, referirem que as mesmas se iniciaram no primeiro ano de vida do animal. Da mesma forma que sucedeu no estudo dos cães, também no caso dos gatos, a sua origem e o desconhecimento, por parte do dono, de determinados detalhes da história do animal, levou à ausência de resposta em diversas questões do inquérito distribuído. Nos casos em que esta resposta foi possível, determinou-se que, em média, estes gatos tiveram apenas um dono. No entanto, alguns dos animais do grupo que apresentou problemas tiveram dois donos e, do grupo que não apresentou problemas, chegaram a ter três donos. Outra das questões que não foi respondida em grande parte dos inquéritos, foi a idade em que o animal foi separado da mãe. Do que foi possível apurar, sabe-se que, em média, em ambos os grupos, os animais foram separados da mãe aos dois meses, o que, de acordo com a bibliografia consultada (Agustin, 2008; Seksel, 2004c), constitui o momento mais adequado. No entanto, em alguns casos, este processo ocorreu precocemente, antes das quatro semanas de vida. Este facto poderá estar relacionado com o número de felinos que são recolhidos da rua, muitas vezes encontrados já sem a progenitora. Pelo contrário, existem animais em ambos os grupos que permaneceram junto da mãe até atingirem os três a quatro meses de idade. De acordo com o exposto na revisão bibliográfica (Agustin, 2008; Seksel, 2004c), o nível de socialização proporcionado aos animais que sofreram uma separação precoce, tanto da mãe como dos irmãos, é de extrema importância, uma vez que este acontecimento poderá originar problemas no relacionamento com outros animais ou até mesmo com pessoas, nomeadamente através da manifestação de receio, de comportamentos anti-sociais ou de dificuldades na aprendizagem.

Relativamente aos hábitos destes animais, verificou-se que 37 dos 49 gatos que manifestaram problemas, e 21 dos 28 gatos que não o fizeram, passam o seu tempo exclusivamente no interior da casa, presumivelmente resultado das suas características físicas e hábitos de higiene. Tal não significa que estejam presos ou confinados a um espaço limitado, o que efectivamente não sucede em 43 gatos do primeiro grupo e 20 gatos do segundo grupo. Determinou-se ainda que, a 36 dos animais com problemas e a 23 dos animais sem problemas, é disponibilizado um local próprio para dormir.

No que diz respeito à alimentação, à semelhança do que ocorre com os cães, também os donos dos gatos recorrem, na sua quase totalidade, à ração seca, ou, em menor frequência, à mistura com ração húmida. O recurso a guloseimas é muito inferior ao que sucede no

caso dos cães, sendo recompensados desta forma 18 animais do grupo que apresentou alterações comportamentais e 7 animais do grupo que não apresentou alterações.

O número de horas que estes animais passam sozinhos, numa perspectiva geral, parece não ter influência nos comportamentos observados, uma vez que, em ambos os grupos, a média deste período é de 6 horas, chegando até às 14 horas no grupo de animais sem problemas, enquanto o grupo que apresentou problemas apresenta um máximo de 12 horas.

Tratando-se de uma espécie que não exige o mesmo nível de interação que os cães, nem necessita dos mesmos cuidados de higiene, verifica-se que a grande maioria dos gatos (35/49 e 18/28 animais) nunca sai de casa. Para estes animais torna-se ainda mais relevante o número de horas que o proprietário permanece em casa, bem como a interação entre ambos durante esses momentos.

Apesar de não o manifestarem de uma forma tão evidente como os cães, os gatos pertencem também a uma espécie sociável, exibindo, da mesma forma, a necessidade de manter uma ligação com o dono. A intensidade desta ligação foi avaliada, como foi descrito no estudo dos cães, através da identificação de alguns sinais: o olhar fixamente o dono, seguindo-o, a procura constante de contacto físico e a exibição de sinais de ansiedade aquando da perda do contacto visual. Foi possível determinar que, em 27 dos 49 animais com problemas e em apenas 8 dos 28 animais sem problemas, foi reconhecido algum destes sinais.

Conforme referido na revisão bibliográfica apresentada (Seksell, 2006), as alterações no ambiente de um gato, ou a ocorrência de um facto emocionalmente importante, poderão estar na origem das alterações comportamentais exibidas por parte destes animais. Na amostra em estudo, 37 gatos do grupo dos animais com problemas, e apenas 10 gatos do grupo dos animais sem problemas, já viveu alguma destas situações.

À semelhança dos cães, também no caso dos gatos as diferenças mais significativas entre o grupo de animais que apresentou problemas comportamentais e o grupo de animais que não apresentou qualquer problema, dizem respeito à dependência relativamente ao dono, bem como ao facto de terem sofrido uma experiência traumatizante em algum momento da sua vida. Nesta espécie, também se verificou uma diferença importante entre os dois grupos, no que se refere às horas que o dono despende com o animal. Mais uma vez foram realizados testes de Qui-quadrado de Pearson, que vieram confirmar que a ocorrência de alterações comportamentais nos gatos não é independente destas três variáveis.

Relativamente aos eventos emocionalmente marcantes ocorridos pelo menos uma vez na vida de 37 dos 49 gatos que apresentaram alterações comportamentais, o surgimento de um novo membro na família ou de um outro animal na mesma casa foi o mais frequentemente observado (18/37 animais). Outros momentos que se verificaram com

frequência foram a separação ou morte do proprietário ou de outro animal com quem mantivessem uma forte ligação, o que se observou em 17 animais, bem como a mudança de casa ou a alteração da rotina diária do animal ou do seu dono, à qual foram sujeitos 13 animais. Menos frequentes são a alteração do número de horas que o animal passa sozinho (7/37 animais) e o abandono (6/37 animais). Mais raros, dentro desta amostra, são o sofrimento de agressões (3/37 animais) e os acidentes (1/37 animais). Foram também recebidas algumas respostas que identificavam as visitas ao veterinário, as cirurgias e o internamento como acontecimentos traumatizantes. Embora sejam, naturalmente, situações desagradáveis para os animais, não se considerou, no âmbito deste estudo, que pudessem influenciar de forma significativa o comportamento subsequente dos mesmos.

No que diz respeito à dependência relativamente ao dono, foi possível determinar que, de entre os 49 gatos que manifestaram problemas comportamentais, 20 costumam olhar fixamente o dono, seguindo-o, 19 procuram permanentemente o contacto físico e apenas 3 exibem sinais de ansiedade ao perder o contacto visual. Em 22 gatos não se identificaram nenhum destes sinais. Tal como os cães, os gatos também manifestam estes comportamentos tanto isoladamente como em associação uns com os outros, de forma que o mesmo animal pode apresentar mais do que um sinal. Tendo em conta o que foi referido anteriormente, relativamente à origem dos gatos desta amostra, pode concluir-se que muitos animais terão sofrido experiências emocionalmente marcantes associadas à separação dos donos ou ao afastamento precoce da mãe. Efectivamente, conforme se constatou pela consulta bibliográfica realizada (Hunthausen, 2010d; Seksel, 2006), tanto o stress ambiental como um evento traumático poderão contribuir para um problema de ansiedade de separação. De facto, 20 dos 27 gatos que apresentaram algum destes sinais, sofreram na sua vida um acontecimento deste tipo. Tal como se verificou no estudo dos cães, apenas uma pequena parte os proprietários (4/27 animais) assinalou simultaneamente a ansiedade como um problema do seu animal.

As formas de tratamento possíveis foram aplicadas apenas a 10 dos 49 gatos que manifestaram algum tipo de alteração comportamental. O tratamento farmacológico, à semelhança do que sucede com os cães desta amostra, foi utilizado sobretudo sem qualquer combinação com outras formas de terapia (4/10 animais). O manejo ambiental e a modificação comportamental também foram utilizados isoladamente (2/10 e 1/10 animais, respectivamente), embora o primeiro tenha ainda sido combinado com o tratamento farmacológico em 2 casos. A associação das três formas de tratamento apenas se verificou num caso.

Conclui-se desta forma que, ao contrário do que sucede com os cães, no tratamento dos gatos, após o recurso aos fármacos, o manejo ambiental é a forma de tratamento que representa um papel mais importante, estando presente sempre que se efectuem

associações. Nos cães, é a modificação comportamental que cumpre este papel. Verifica-se, no entanto, que as técnicas de manejo ambiental descritas pelos proprietários são muito limitadas quando comparadas com a diversidade de possibilidades que foram apresentadas na revisão bibliográfica que integra este estudo.

Sendo a agressividade um problema que intimida muitas pessoas, nomeadamente numa época em que os denominados “cães perigosos” surgem nos meios de comunicação social com muita frequência, concluiu-se o inquérito realizado, questionando os proprietários sobre o recurso à eutanásia nesta situação. Dos 155 proprietários, 74 não optaria pela eutanásia antes de experimentar alguma forma de tratamento. Por outro lado, para 51 proprietários a eutanásia está fora de questão, mesmo que não seja efectuado qualquer tratamento ou que este não produza resultados positivos. Apenas 13 inquiridos afirmaram que submeteriam os seus animais à eutanásia sem qualquer tentativa de tratamento. Apesar disso, nenhum dos proprietários de gatos afirmou ter recorrido à eutanásia num caso de agressividade e apenas 7 proprietários de cães revelaram ter tomado essa decisão no passado. Sendo poucos os casos relatados, não foi possível verificar a existência de uma predisposição rática para a exibição do comportamento agressivo.

5. CONCLUSÃO

As maiores dificuldades encontradas durante a elaboração deste estudo prenderam-se com o elevado número de proprietários que não responderam a determinadas perguntas ou que não foram capazes de associar o problema observado a um momento específico da vida do animal. Tal poderá estar relacionado com o desconhecimento da história integral do seu animal de companhia, ou com o facto de existirem determinadas alterações comportamentais que poderão não ser correctamente identificadas pelos donos, quer pela sua subjectividade ou subtilidade, quer pelo facto de terem surgido desde cedo, sendo interpretadas como uma característica inata. Tornou-se difícil, desta forma, estabelecer algumas das associações desejadas entre determinados comportamentos observados e as características dos animais em causa.

Face aos objectivos propostos, o desenvolvimento deste estudo permitiu verificar que, excluindo alguns comportamentos inespecíficos referidos nas respostas obtidas, as alterações comportamentais mencionadas na bibliografia internacional pesquisada no âmbito desta dissertação, e citadas na revisão bibliográfica, correspondem efectivamente aos problemas mais frequentemente identificados pelos proprietários de animais de companhia que responderam ao inquérito realizado. Parece, no entanto, não existir um grande envolvimento destes proprietários na procura e aplicação de alguma forma de

terapia para este tipo de problemas, o que não faz sentido quando se sabe tratar-se de uma amostra que se revelou bastante sensibilizada para os cuidados de saúde dos seus animais. Para além disso, trata-se também de um conjunto de proprietários que, na sua grande maioria, não vê a eutanásia como uma solução para um problema deste tipo. Considerando estas questões, juntamente com a reduzida diversidade de técnicas de modificação comportamental e de manejo ambiental utilizadas por estes proprietários, concluí-se que a explicação possa estar relacionada com a necessidade de uma maior sensibilização e formação dos médicos veterinários na área do comportamento animal, e a consequente divulgação, junto dos seus clientes, das soluções que esta especialidade proporciona. Nesta perspectiva, uma possível continuidade deste estudo poderia encontrar-se na aplicação, junto dos médicos veterinários, de um novo questionário, que permitisse apurar as suas necessidades de formação, bem como as dificuldades e vantagens que observam na aplicação desta área da medicina na sua prática clínica.

BIBLIOGRAFIA

- Agustin, A. (2008). La adopción: comportamiento y bienestar. *Consulta de difusión veterinaria*, 152, 31-35.
- Amat, M., Fatjó, J., Manteca, X. (2005). Interés de los programas de socialización. *Consulta de difusión veterinaria*, 125, 29-32.
- Amat, M., Fatjó, J., Manteca, X., Mariotti, V. (2008a). Aspectos prácticos de la comunicación felina. *Consulta de difusión veterinaria*, 152, 43-46.
- Amat, M., Fatjó, J., Manteca, X., Mariotti, V. (2008b). Cómo prevenir los problemas de eliminación en el gato. *Consulta de difusión veterinaria*, 152, 57-60.
- Bowen, J. E. (2007). Canine sound phobias. *British Small Animal Veterinary Congress 2007*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em: <http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=BSAVA2007&Category=2721&PID=16333&O=VIN>
- British Small Animal Veterinary Association (2002). *Manual of canine and feline behavioural medicine*. Gloucester: BSAVA.
- Camps, T., Fuentes, F., (2008). Problemas de agresividad felina intraespecífica. *Consulta de difusión veterinaria*, 152, 47-55.
- Crowell-Davis, S. L. (2005). The importance of behavioral medicine: Its origins within veterinary medicine and the implications of behavior problems to the family. *American Association of Feline Practitioners Fall 2002 Meeting Proceedings*. Acedido em Jan. 31, 2011, disponível em: <http://www.vin.com/Members/CMS/Misc/default.aspx?id=7779>
- Crowell-Davis, S. L. (2009a). Elimination behavior problems in the cat. *Atlantic Coast Veterinary Conference 2009*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em: <http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=ACVC2009&Category=8019&PID=53273&O=VIN>
- Crowell-Davis, S. L. (2009b). Human-directed aggression in the cat. *Atlantic Coast Veterinary Conference 2009*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em: <http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=ACVC2009&Category=8019&PID=53274&O=VIN>
- Crowell-Davis, S. L. (2009c). Intercat aggression. *Atlantic Coast Veterinary Conference 2009*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em: <http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=ACVC2009&Category=8019&PID=53275&O=VIN>
- Crowell-Davis, S. L. (2009d). Social organization and communication in the cat. *Atlantic Coast Veterinary Conference 2009*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em: <http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=ACVC2009&Category=8019&PID=53277&O=VIN>

- Crowell-Davis, S. L. (2009e). Treatment of storm phobia in dogs. *Atlantic Coast Veterinary Conference 2009*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em: <http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=ACVC2009&Category=&PID=53278&O=VIN>
- Davis, K. D. (2006). *The canine behavior series: growling dogs*. Acedido em Jan. 31, 2011, disponível em: <http://www.veterinarypartner.com/Content.plx?P=A&A=2258>
- Fatjó, J., Amat, M., Manteca, X. (2005). Problemas de agresividad relacionados con una enfermedad. *Consulta de difusión veterinaria*, 125, 63-68.
- Frank, D. (2010a). Assessing dangerousness in dogs. *62nd Convention of the Canadian Veterinary Medical Association, 2010*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em: <http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=CVMA2010&Category=8714&PID=58183&O=VIN>
- Frank, D. (2010b). Fears and phobias. *62nd Convention of the Canadian Veterinary Medical Association, 2010*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em: <http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=CVMA2010&Category=8714&PID=58186&O=VIN>
- Frank, D. (2010c). Interdog aggression: when to intervene? *62nd Convention of the Canadian Veterinary Medical Association, 2010*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em: <http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=CVMA2010&Category=8714&PID=58185&O=VIN>
- Heath, S. (2010a). Understanding feline social behavior: the key to preventing problems in multicat households. *AAFP Spring 2010 Meeting*. Acedido em Mar. 20, 2011, disponível em: <http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=AAFP2010S&PID=58368&O=VIN>
- Heath, S. (2010b). Understanding normal feline communication: the foundation to a fulfilling cat-owner relationship. *AAFP Spring 2010 Meeting*. Acedido em Mar. 20, 2011, disponível em: <http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=AAFP2010S&PID=58366&O=VIN>
- Horwitz, D. F. (2006). Feline aggression toward people. *Western Veterinary Conference 2006*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em: <http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2006&Category=1960&PID=12026&O=VIN>
- Horwitz, D. F. (2007). Aggression toward unfamiliar dogs on walks. *Western Veterinary Conference 2007*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em: <http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2007&Category=2619&PID=15208&O=VIN>

- Horwitz, D. F., Landsberg, G. (2008). Feline fear & anxiety workshop – managing aggression & soiling. *Western Veterinary Conference 2008*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2008&Category=3177&PID=19297&O=VIN>
- Houpt, K. A. (2005a). Basics of animal behavior. *Western Veterinary Conference 2005*. Acedido em Jan. 27, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2005&Category=1207&PID=8023&O=VIN>
- Houpt, K. A. (2005b). *Domestic animal behavior*. (4th ed.) Ames: Blackwell Publishing.
- Houpt, K. A. (2005c). Normal canine behavior and development. *Western Veterinary Conference 2005*. Acedido em Mar. 2, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2005&PID=8134&Print=1&O=VIN>
- Hunthausen, W. (2010a). Beyond house-training: solving canine house-soiling problems. *Western Veterinary Conference 2010*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2010&Category=8224&PID=54669&O=VIN>
- Hunthausen, W. (2010b). Common sense approaches to feline housesoiling problems. *Western Veterinary Conference 2010*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2010&Category=8224&PID=55084&O=VIN>
- Hunthausen, W. (2010c). Fears, phobias, & anxiety disorders. *Western Veterinary Conference 2010*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2010&Category=8224&PID=54658&O=VIN>
- Hunthausen, W. (2010d). The dog that can't be left alone: separation anxiety problems. *Western Veterinary Conference 2010*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2010&Category=&PID=55042&O=VIN>
- Landsberg, G. (2006). Treating fear and anxiety in cats. *Western Veterinary Conference 2006*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2006&Category=1960&PID=11692&O=VIN>
- Landsberg, G. (2007). Compulsive dermatologic disorders – skin, nerves or brain? *Western Veterinary Conference 2007*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2007&Category=2619&PID=15248&O=VIN>

- Landsberg, G. M. (2008a). Behavioral therapy for separation anxiety in dogs – An evidence based approach I & II. *Western Veterinary Conference 2008*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2008&Category=3177&PID=19334&O=VIN>
- Landsberg, G. M. (2008b). Incorporating behavior services in veterinary practice. *Western Veterinary Conference 2008*. Acedido em Fev. 23, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2008&Category=3177&PID=19399&O=VIN>
- Landsberg, G. M. (2008c). Is it medical or is it behavioural? *Companion Animal Behaviour Therapy Study Group 2008*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=CABTSG2008&Category=8522&PID=56542&O=VIN>
- Landsberg, G., Hunthausen, W., Ackerman, L. (2003). *Handbook of behavior problems of the dog and cat*. (2nd ed.). Edinburgh: Saunders.
- Lindsay, S. R. (2000). *Handbook of applied dog behavior and training: adaptation and learning. Volume one*. Ames: Iowa State Press.
- Luescher, A. U. (2004). Puppy development and problem prevention. *Western Veterinary Conference 2004*. Acedido em Jan. 27, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2004&Category=886&PID=5456&O=VIN>
- Mills, D. S. (2010). Repetitive movement behaviour problems within veterinary behavioural medicine. *Companion Animal Behaviour Therapy Study Group 2010*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=CABTSG2010&Category=&PID=56519&O=VIN>
- Neilson, J. (2009a). Managing separation anxiety: an evidence based approach. *Western Veterinary Conference 2009*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2009&Category=7646&PID=50677&O=VIN>
- Neilson, J. (2009b). Recent advances in companion animal behavior. *Western Veterinary Conference 2009*. Acedido em Jan. 27, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=wvc2009&PID=pr50775&O=VIN>
- Paterson, S., Riccomini, F. (2009). Feline dermatology: behavioural problem or skin disease? *British Small Animal Veterinary Congress 2009*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=BSAVA2009&Category=5556&PID=32309&O=VIN>

- Pibot, P., Biourge, V., Elliott, D. A. (Eds.) (2010). *Encyclopedia of feline clinical nutrition*. Royal Canin. Acedido em Jan. 26, 2011, disponível em:
<http://www.ivis.org/advances/rcfeline/chap13part4/chapter.asp?LA=1>
- Seksel, K. (2004a). Differential diagnosis of behavioural signs. *Western Veterinary Conference 2004*. Acedido em Jan. 27, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2004&Category=886&PID=5777&O=VIN>
- Seksel, K. (2004b). Feline house soiling. *Western Veterinary Conference 2004*. Acedido em Jan. 27, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2004&Category=886&PID=5649&O=VIN>
- Seksel, K. (2004c). Kitten development & early behaviour. *Western Veterinary Conference 2004*. Acedido em Jan. 27, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2004&Category=886&PID=5559&O=VIN>
- Seksel, K. (2006). Anxiety disorders in cats. *Western Veterinary Conference 2006*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2006&Category=1960&PID=11790&O=VIN>
- Tynes, V. (2008a). Feline house soiling I: making the diagnosis. *Western Veterinary Conference 2008*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2008&Category=3177&PID=19484&O=VIN>
- Tynes, V. (2008b). Feline house soiling II: treatment. *Western Veterinary Conference 2008*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2008&Category=3177&PID=19495&O=VIN>
- Virga, V. (2005). Normal feline behavior and development. *Western Veterinary Conference 2005*. Acedido em Mar. 2, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2005&PID=8243&Print=1&O=VIN>
- Virga, V. (2007a). Diagnosis & management of aggression in cats. *Atlantic Coast Veterinary Conference 2007*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=ACVC2007&Category=3101&PID=19116&O=VIN>
- Virga, V. (2007b). Self-directed behaviors & behavioral dermatoses. *Atlantic Coast Veterinary Conference 2007*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=ACVC2007&Category=3101&PID=19119&O=VIN>

Yin, S. (2009). Updated behavioral techniques for managing fractious animals in the veterinary hospital setting. *Western Veterinary Conference 2009*. Acedido em Mar. 22, 2011, disponível em:
<http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2009&Category=&PID=50857&O=VIN>

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO

INQUÉRITO

Este inquérito destina-se à análise e compreensão das alterações comportamentais nos animais de companhia, bem como da receptividade dos proprietários às suas formas de tratamento, no âmbito da elaboração de uma dissertação de mestrado. Os dados fornecidos serão tratados com total confidencialidade.

A. O PROPRIETÁRIO

Concelho de residência: Mafra Sintra Lisboa Outro. Qual? _____

Idade: _____ Sexo: F M

Profissão: _____

Quantas pessoas habitam na sua residência? Adultos _____ Crianças _____

Que animais de companhia possui?

Cão: Quantos? _____ Gato: Quantos? _____

Outros animais/quantos: _____

Horas dispendidas diariamente com o seu animal de companhia: _____

Com que regularidade visita o veterinário?

Mais que 1 vez por mês

Mensalmente

Semestralmente

Anualmente

Menos de 1 vez por ano

Apenas em caso de doença

A preencher apenas se estiver disponível para contacto:

Nome: _____ Contacto: _____

B. O ANIMAL DE COMPANHIA (Caso possua mais do que 1 animal de companhia, e deseje responder sobre todos, por favor preencha a parte B dos inquéritos necessários, um para cada animal.)

Nome: _____ Espécie: _____ Raça: _____

Idade: _____ Sexo: F M Castrado? Sim Não Com que idade _____

Origem: Loja Canil Rua Outra família N° de donos que já teve _____

Com que idade foi separado da mãe? _____

Local da casa onde passa o seu tempo: interior exterior

Tem um local próprio para dormir? Sim Não

Esta preso ou num espaço limitado? Sim Não

Alimentação: ração seca ração húmida caseira

Recompensa-o com guloseimas? Sim Não

Quantas horas por dia passa sozinho? _____

Número de passeios diários:

Não sai de casa

1-2

3-4

Mais de 4

Foi-lhe diagnosticada alguma doença? Sim Não Qual? _____

Alguma vez notou os seguintes sinais no seu animal de companhia?

Olha fixamente o dono e segue-o: Sim Não

Procura permanente de contacto físico: Sim Não

Fica ansioso quando perde o contacto visual: Sim Não

Com que idade tiveram início? _____

Se o seu animal é castrado, houve alguma alteração no seu comportamento após a castração? Sim Não Qual? _____

(por ex., alteração na agressividade, na marcação de território ou no comportamento sexual indesejado)

Alguma vez demonstrou alterações ao seu comportamento normal? Sim Não

Quais?

Agressividade com conhecidos Com pessoas Com animais

Agressividade com estranhos Com pessoas Com animais

Ansiedade/agitação

Desorientação

Depressão/isolamento/submissão

Medos (sons, pessoas estranhas, etc.) Quais? _____

Aumento da actividade

Dificuldade em dormir

Vocalização excessiva

- Comportamento destrutivo
- Aumento comportamento predatório
- Auto-mutilação
- 'Lavar-se' excessivamente
- Salivação excessiva
- Ingestão anómala
- Locomoção anómala
- Necessidades em local inapropriado
- Desobediência
- Dificuldade aprendizagem
- Alteração interacção social
- Comportamento sexual indesejado
- Comportamento repetitivo Qual? _____
- Outra _____
- Com que idade tiveram início? _____

Durante a vida do animal, houve alguma alteração no seu ambiente social, ou outro facto traumatizante:

- Separação de uma pessoa da família ou de outro animal?
- Surgimento de novo membro da família ou outro animal?
- Alteração do número de horas que permanece sozinho?
- Mudança de casa ou outras alterações na rotina diária?
- Sofrimento de agressão por pessoas ou outro animal?
- Acidente Abandono Maus tratos
- Outra _____

Se já tem conhecimento que o seu animal possui um problema comportamental, experimentou algum destes tratamentos:

- Maneio ambiental? Que alterações efectuou? _____
- Modificação comportamental? Como procedeu? _____
- Medicação? Qual? _____

Optaria pela eutanásia num caso de agressividade de um animal de companhia?

Sim Sim, mas apenas após a tentativa de tratamento Não

Se já optou pela eutanásia nestes casos, qual a espécie, raça e idade do animal? _____

MUITO OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO!

ANEXO 2 – TABELAS

Tabela 6 – Características dos cães, seus proprietários e meio ambiente.

	Com problemas (66 animais)	Sem problemas (54 animais)
Idade dos proprietários	Média – 37 anos Desvio padrão – 12 anos Mínimo – 14 anos Máximo – 63 anos 1 <i>outlier</i> não foi incluído nos cálculos anteriores (80 anos)	Média – 39 anos Desvio padrão – 11 anos Mínimo – 20 anos Máximo – 47 anos
Adultos do agregado familiar	Média – 2 adultos Desvio padrão – 1 adulto Mínimo – 1 adulto Máximo – 6 adultos	Média – 2 adultos Desvio padrão – 1 adulto Mínimo – 1 adulto Máximo – 6 adultos
Crianças do agregado familiar	Nenhuma – 53 animais Uma – 7 animais Duas – 4 animais Três – 1 animal Quatro – 1 animal	Nenhuma – 40 animais Uma – 5 animais Duas – 7 animais Três – 2 animais
Animais do agregado familiar	Um – 20 animais Dois – 22 animais Três – 6 animais Mais de três – 18 animais	Um – 25 animais Dois – 14 animais Três – 3 animais Mais de três – 12 animais
Horas que o proprietário despense com o animal	Até 4 h – 33 animais Mais de 4 h – 27 animais Não responde – 6 animais	Até 4 h – 22 animais Mais de 4 h – 28 animais Não responde – 4 animais
Visitas ao médico veterinário	> 1 vez/mês – 5 animais Mensalmente – 4 animais Semestralmente – 27 animais Anualmente – 22 animais < 1 vez/ano – 2 animais Em caso de doença – 6 animais	> 1 vez/mês – 0 animais Mensalmente – 10 animais Semestralmente – 24 animais Anualmente – 16 animais < 1 vez/ano – 2 animais Em caso de doença – 2 animais
Idade dos animais	Média – 6 anos Desvio padrão – 4 anos Mínimo – 1 ano Máximo – 17 anos	Média – 4 anos Desvio padrão – 3 anos Mínimo – 1 ano Máximo – 13 anos Não responde – 1 animal
Sexo	Machos – 37 animais Fêmeas – 29 animais	Machos – 29 animais Fêmeas – 25 animais
Raça	Com raça definida – 39 animais Sem raça definida – 27 animais	Com raça definida – 37 animais Sem raça definida – 17 animais
Gonadectomizados	Sim – 18 animais Não – 48 animais	Sim – 18 animais Não – 36 animais
Origem do animal	Canil – 14 animais Loja – 5 animais Outra família – 31 animais Rua – 13 animais Nasceu em casa – 1 animal Não responde – 2 animais	Canil – 7 animais Loja – 6 animais Outra família – 33 animais Rua – 8 animais

Tabela 6 (continuação) – Características dos cães, seus proprietários e meio ambiente.

	Com problemas (66 animais)	Sem problemas (54 animais)
Nº de donos que já teve	Média – 1 dono Desvio padrão – 0 donos Mínimo – 1 dono Máximo – 3 donos Não responde – 13 animais	Média – 1 dono Desvio padrão – 0 donos Mínimo – 1 dono Máximo – 3 donos Não responde – 11 animais
Idade na separação da mãe	Média – 2 meses Desvio padrão – 1 mês Mínimo – 0,5 meses Máximo – 4 meses Não responde – 16 animais 3 <i>outliers</i> não foram incluídos nos cálculos anteriores (1 animal aos 36 meses e 2 animais que nunca se separaram da mãe)	Média – 2 meses Desvio padrão – 1 mês Mínimo – 1 mês Máximo – 5 meses Não responde – 12 animais
Local onde passa o tempo	Interior – 25 animais Exterior – 17 animais Ambos – 24 animais	Interior – 24 animais Exterior – 16 animais Ambos – 14 animais
Tem local próprio para dormir	Sim – 64 animais Não – 2 animais	Sim – 49 animais Não – 5 animais
Está preso ou num espaço limitado	Sim – 18 animais Não – 48 animais	Sim – 6 animais Não – 48 animais
Alimentação	Ração seca – 44 animais Ração húmida – 1 animal Caseira – 5 animais Mistura – 16 animais	Ração seca – 40 animais Ração húmida – 1 animal Caseira – 3 animais Mistura – 10 animais
Recompensado com guloseimas	Sim – 46 animais Não – 20 animais	Sim – 40 animais Não – 14 animais
Horas que passa sozinho	Média – 6 horas Desvio padrão – 4 horas Mínimo – 0 horas Máximo – 20 horas Não responde – 1 animal	Média – 6 horas Desvio padrão – 4 horas Mínimo – 0 horas Máximo – 15 horas Não responde – 2 animais
Passeios diários	1 a 2 – 26 animais 3 a 4 – 23 animais Mais de 4 – 6 animais Não sai – 11 animais	1 a 2 – 21 animais 3 a 4 – 15 animais Mais de 4 – 8 animais Não sai – 10 animais
Sinais de dependência relativamente ao dono	Sim – 42 animais Não – 24 animais	Sim – 22 animais Não – 32 animais
Alteração no ambiente social ou facto traumatizante	Sim – 43 animais Não – 23 animais	Sim – 25 animais Não – 29 animais

Tabela 7 – Características dos gatos, seus proprietários e meio ambiente.

	Com problemas (49 animais)	Sem problemas (28 animais)
Idade dos proprietários	Média – 41 anos Desvio padrão – 11 anos Mínimo – 22 anos Máximo – 52 anos	Média – 37 anos Desvio padrão – 11 anos Mínimo – 20 anos Máximo – 57 anos
Adultos do agregado familiar	Média – 2 adultos Desvio padrão – 1 adulto Mínimo – 1 adulto Máximo – 4 adultos	Média – 3 adultos Desvio padrão – 1 adulto Mínimo – 1 adulto Máximo – 6 adultos
Crianças do agregado familiar	Nenhuma – 42 animais Uma – 6 animais Duas – 0 animais Três – 1 animal Quatro – 0 animais	Nenhuma – 21 animais Uma – 2 animais Duas – 4 animais Três – 0 animais Quatro – 1 animal
Animais do agregado familiar	Um – 17 animais Dois – 19 animais Três – 3 animais Mais de três – 10 animais	Um – 7 animais Dois – 8 animais Três – 4 animais Mais de três – 9 animais
Horas que o proprietário depende com o animal	Até 4 h – 28 animais Mais de 4 h – 18 animais Não responde – 3 animais	Até 4 h – 10 animais Mais de 4 h – 17 animais Não responde – 1 animal
Visitas ao médico veterinário	> 1 vez/mês – 2 animais Mensalmente – 0 animais Semestralmente – 10 animais Anualmente – 21 animais < 1 vez/ano – 3 animais Em caso de doença – 13 animais	> 1 vez/mês – 0 animais Mensalmente – 6 animais Semestralmente – 2 animais Anualmente – 11 animais < 1 vez/ano – 4 animais Em caso de doença – 5 animais
Idade dos animais	Média – 5 anos Desvio padrão – 3 anos Mínimo – 1 ano Máximo – 13 anos 1 <i>outlier</i> não foi incluído nos cálculos anteriores (19 anos)	Média – 5 anos Desvio padrão – 4 anos Mínimo – 1 ano Máximo – 15 anos Não responde – 2 animais
Sexo	Machos – 23 animais Fêmeas – 26 animais	Machos – 13 animais Fêmeas – 15 animais
Raça	Com raça definida – 6 animais Sem raça definida – 43 animais	Com raça definida – 3 animais Sem raça definida – 25 animais
Gonadectomia	Sim – 42 animais Não – 7 animais	Sim – 20 animais Não – 8 animais
Origem do animal	Gatil – 3 animais Loja – 4 animais Outra família – 13 animais Rua – 29 animais	Gatil – 1 animal Loja – 0 animais Outra família – 10 animais Rua – 17 animais

Tabela 7 (continuação) – Características dos gatos, seus proprietários e meio ambiente.

	Com problemas (49 animais)	Sem problemas (28 animais)
Nº de donos que já teve	Média – 1 dono Desvio padrão – 0 donos Mínimo – 1 dono Máximo – 2 donos Não responde – 11 animais	Média – 1 dono Desvio padrão – 0 donos Mínimo – 1 dono Máximo – 3 donos Não responde – 13 animais
Idade na separação da mãe	Média – 2 meses Desvio padrão – 1 mês Mínimo – 0 meses Máximo – 4 meses Não responde – 14 animais 1 <i>outlier</i> não foi incluído nos cálculos anteriores (12 meses)	Média – 2 meses Desvio padrão – 0 meses Mínimo – 1 mês Máximo – 3 meses Não responde – 13 animais 1 <i>outlier</i> não foi incluído nos cálculos anteriores (nunca foi separado da mãe)
Local onde passa o tempo	Interior – 37 animais Exterior – 4 animais Ambos – 8 animais	Interior – 21 animais Exterior – 0 animais Ambos – 7 animais
Local próprio para dormir	Sim – 36 animais Não – 13 animais	Sim – 23 animais Não – 5 animais
Está preso ou num espaço limitado	Sim – 6 animais Não – 43 animais	Sim – 8 animais Não – 20 animais
Alimentação	Ração seca – 32 animais Ração húmida – 1 animal Caseira – 0 animais Mistura – 16 animais	Ração seca – 21 animais Ração húmida – 1 animal Caseira – 2 animais Mistura – 4 animais
Recompensado com guloseimas	Sim – 18 animais Não – 31 animais	Sim – 7 animais Não – 21 animais
Horas que passa sozinho	Média – 6 horas Desvio padrão – 4 horas Mínimo – 0 horas Máximo – 12 horas Não responde – 1 animal	Média – 6 horas Desvio padrão – 5 horas Mínimo – 0 horas Máximo – 14 horas
Passeios diários	1 a 2 – 6 animais 3 a 4 – 3 animais Mais de 4 – 5 animais Não sai – 35 animais	1 a 2 – 5 animais 3 a 4 – 0 animais Mais de 4 – 5 animais Não sai – 18 animais
Sinais de dependência relativamente ao dono	Sim – 27 animais Não – 22 animais	Sim – 8 animais Não – 20 animais
Alteração no ambiente social ou facto traumatizante	Sim – 37 animais Não – 12 animais	Sim – 10 animais Não – 18 animais